Travis: os últimos românticos • Vem aí o novo disco do **Cult**

Edição 187 - Ano 16
nº 2 - fevereiro 2001 - R$ 5,00

SÍMBOLO

ISSN 0104-1665 001187
9 770104 164007
EXEMPLAR DE ASSINANTE VENDA PROIBIDA

Bizz

A x 1

Momento histórico no **Rock In Rio**: a volta triunfal do **Guns N' Roses**

Entrevistas exclusivas com **Foo Fighters**, R.E.M., Neil Young, Queens Of The Stone Age

Iron Maiden e **Red Hot Chili Peppers**: quem arrebentou e quem decepcionou

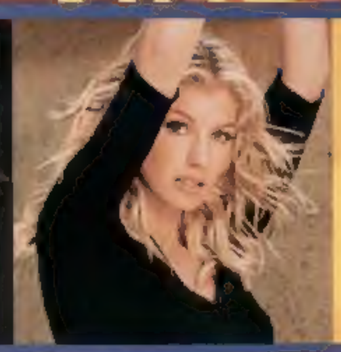
O dia-a-dia na Cidade do Rock

22 páginas com a cobertura completa do festival

+ de 100 fotos inéditas!

Raimundos e U2: leitores escolhem os **melhores de 2000**

BEM VINDO AO MUSIC COUNTRY



www.musiccountry.tv

Chico Buarque

Bruce Springsteen

Shania Twain

Marisa Monte

Dominguinhos

Maria Bethânia

Chris Isaak

Sheryl Crow

Elba Ramalho

Garth Brooks

Willie Nelson

Em 1º de fevereiro
o canal CMT — Country Music Television
passa a ser MusicCountry.
MusicCountry — O País da Música
é um canal com 24 horas de programação
sofisticada e divertida que oferece o melhor
da música brasileira e internacional.
É a melhor opção para quem quer ouvir,
ver e se envolver com músicas e grandes
artistas dos quatro cantos do planeta.

MC

MUSICCOUNTRY
O País da Música

Fotos de capa: Marcos Hermes

De dezembro até o fechamento desta edição, a frase mais dita na Redação era a seguinte: "Para quem vive de música como a gente, o Rock In Rio tem o mesmo status de uma Copa do Mundo para o povo do futebol. Precisamos nos desdobrar para brindar o leitor com uma cobertura matadora do festival". Para isso, não medimos esforços. Durante dez dias, a equipe BIZZ praticamente se mudou para o Rio de Janeiro e viveu em um ritmo mais intenso do que "Feel Good Hit Of The Summer", do Queens Of The Stone Age. A sexta-feira, 12 de janeiro, foi suficiente para dar uma idéia da maratona que nos esperava.

A programação começava ao meio-dia com a divisão das tarefas. Uma parte rumava para os hotéis, atrás de entrevistas, outra seguia para a Cidade do Rock, onde a tenda Brasil recebia as primeiras bandas ainda com o sol a pino. À noite, nos encontrávamos no festival e decidíamos quem iria cobrir o quê. Do fim da última apresentação, perto das 4 horas da madruga, até a chegada ao QG da revista, em Copacabana, mais umas duas horas. Na tarde do dia seguinte, tudo de novo, com um agravante – a partir de sábado, páginas diagramadas esperavam para ser finalizadas. E assim foi até a segunda-feira, 22 de janeiro, quando embarcamos de volta a São Paulo para lamber a cria em casa. O resultado está aí, em suas mãos: 22 páginas com o que de melhor rolou no Rock In Rio, entrevistas exclusivas e, sobretudo, um olhar diferente daquele que você cansou de ver nos jornais diários e na televisão. Como dissemos na edição anterior, as conseqüências do festival poderão ser sentidas durante todo o decorrer de 2001. Com o mesmo apetite da multidão que encarou mais de 12 horas em pé para assistir aos shows, já estamos de olho em novos sons, novas batidas e novas pulsações. Despertar em você uma paixão semelhante à causada por seus ídolos em ação é o que torna nosso mundo melhor.

Tchau e bênção,
Emerson Gasperin

Você ganha mesmo em BIZZ: os três vencedores da promoção Rock In Rio Na Faixa e seus acompanhantes

O que rolou enquanto trabalhávamos para fazer o rock prosperar

PARADA DA REDAÇÃO

***Right Back*, Long Beach Dub All Stars** Foi só o reggae ska core do grupo saído das cinzas do Sublime começar a rolar para o fotógrafo Matias Maxx lembrar que sacaneamos o finado Brad Nowell.

***American III. Solitary Man*, Johnny Cash** O grande "man in black" canta U2, Tom Petty, Nick Cave, deixando tudo mais rústico e desesperador. Acenda as luzes antes de ouvir.

***Welcome To Sky Valley*, Kyuss** Foi nesse discaço, o terceiro do grupo e o preferido de Nick Oliveri, que Josh Homme buscou uma das músicas mais vaiadas do set do Queens no Rock in Rio. O metal tem dessas.

***III*, Led Zeppelin** O folgado que dirigia a van que nos levou para o festival só fez uma coisa boa: deu carona para a filhota, que tinha um cassete com o clássico do Led gravado.

BARULHO

6 Os melhores do ano segundo os leitores

9 Cabra Cega
Wander Wildner

10 Que Fim Levou
Steve Hackett, ex-Genesis

12 Até Quando Esperar
Nightmares On Wax, Beta Band

ESTE MÊS

14 Rock In Rio
Os dez dias que abalaram a Cidade Maravilhosa

38 Travis
Só o rock é sobre amor

42 The Cult
De volta para recuperar o tempo perdido

46 Bandas de Garagem
A vida que pulula no reino da tosqueira

50 House Amazônica
No meio da selva, a versão tropical das raves

56 James Brown
Uma conversa franca com o padrinho do funk

DISCOFAGIA

59 Wu-Tang Clan, Marina Lima, Frank Jorge, Iral

68 Importe-se
R.L. Burnside, Joe Pernice, Beachwood Sparks

70 Os 10 Mais
Para encher sua cabeça de aromas

72 Minha Coleção
Os vinis que despertaram o DJ Camilo Rocha

74 Discoteca Básica
O primeiro disco dos Meters

76 Democracia
The Book Is On The Table, Jerks, Officina

82 Detalhes
Sob confusão, Alice Cooper põe o Brasil no mapa

Seja feita a vossa vontade

Os melhores de 2000, na escolha inapelável dos leitores

Todo ano, a relação dos melhores discos, artistas e músicas dos leitores é radicalmente diferente dos selecionados pela imprensa especializada. Em 2000, para variar, rolou a mesma coisa. Ganhou quem era esperado que ganhasse: as bandas que contavam com a maior torcida – e que, na maioria das vezes, a crítica não vê com olhos muito simpáticos. A lista dos favoritos daqueles que se dispuseram a mandar seu voto também reservou algumas confirmações, como em Revelação do Ano internacional (Queens Of The Stone Age). E ainda deixou a certeza de que, apesar dos pesares, existe gente que prefere pensar com os neurônios. Veja se sua banda foi eleita:

Adam, Bono, Larry e Edge: um hit para nunca mais sair do repertório

Artista do ano

A turma de Rodolfo ganhou em duas categorias

A gente já sabia: Red Hot bicampeão

Nacional

1. Raimundos
2. O Rappa
3. Capital Inicial

Internacional

1. Red Hot Chili Peppers
2. Radiohead
3. U2

Música do ano

Nacional

1. "Vinte E Poucos Anos", Raimundos
2. "Balada Do Amor Inabalável", Skank
3. "Tudo Que Vai", Capital Inicial

Internacional

1. "Beautiful Day", U2
2. "Californication", Red Hot Chili Peppers
3. "Idioteque", Radiohead

Show do ano

Nacional

1. Raimundos
2. Capital Inicial
3. O Rappa

Internacional

1. Sonic Youth
2. Morrissey
3. Bloodhound Gang

Os nova-iorquinos tardaram, mas não falharam

Disco do ano

Nacional

1. *Acústico MTV*, Capital Inicial
2. *Ao Vivo MTV*, Raimundos
3. *Maquinarama*, Skank

Internacional

1. *Brave New World*, Iron Maiden
2. *Kid A*, Radiohead
3. *All That You Can't...*, U2

Volta de Bruce garantiu consagração

O grupo de Dinho ressurgiu das cinzas e teve um 2000 glorioso

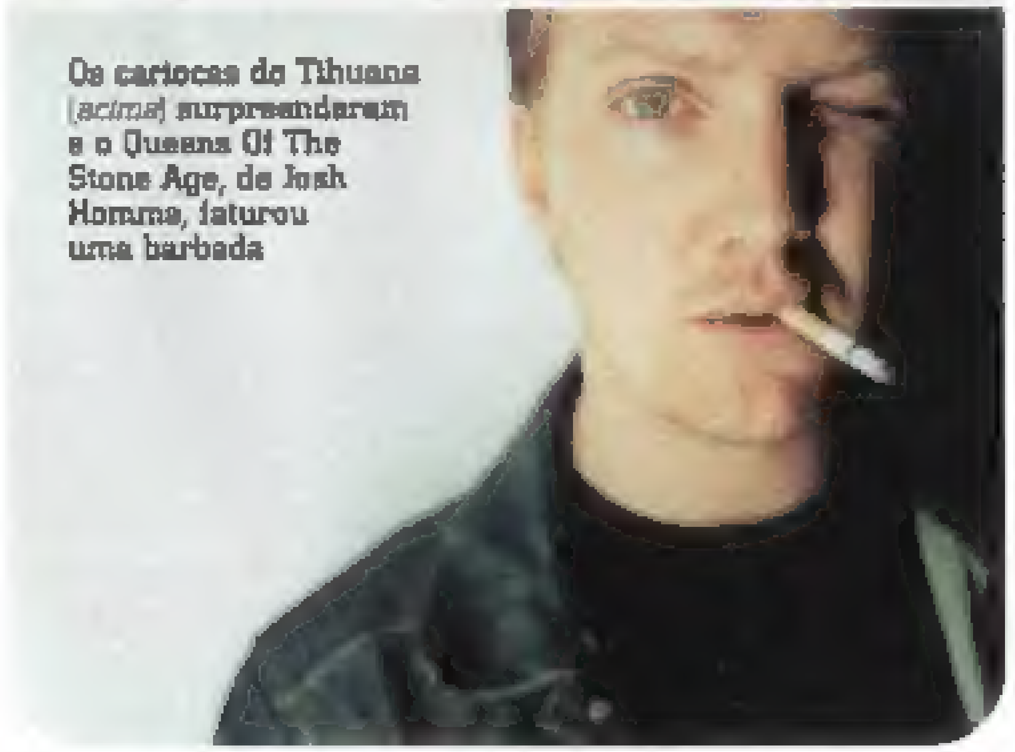
Revelação do ano

Nacional

1. Tihuana
2. O Surto
3. Rumbora

Internacional

1. Queens Of The Stone Age
2. Blink-182
3. Travis



Os cariocas do Tihuana (*acima*) surpreenderam e o Queens Of The Stone Age, de Josh Homme, faturou uma barbada

Revival do ano

1. O sucesso do Capital Inicial
2. Iron Maiden com Bruce Dickinson
3. Plebe Rude se reúne novamente

O gosto amargo da saudade ficou na boca dos leitores

Quem fez falta em 2000

1. Legião Urbana e Renato Russo
2. Guns N' Roses e Axl Rose
3. Nirvana e Kurt Cobain

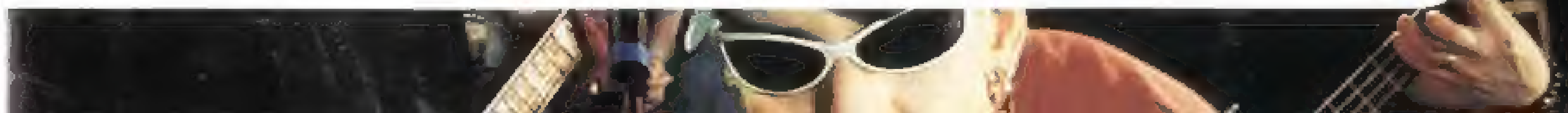
Mala do ano

1. Jota Quest/KLB
2. Eminem
3. Sandy & Junior

Depois de uma disputa acirrada, um empate conciliador

Estilo que poderia sumir em 2001

1. Pagode
2. Axé
3. Rap



Ninguém se entende

Os discos que arrebentaram no ano passado, segundo as maiores publicações musicais

NME

1 *Rated R*, Queens Of The Stone Age
2 *Xtrmntr*, Primal Scream
3 *Stories From The City...*, PJ Harvey
4 *The Hour Of...*, Badly Drawn Boy
5 *Relationship Of...*, At The Drive-in
6 *Parachutes*, Coldplay
7 *The Marshall Mathers LP*, Eminem
8 *Lost Souls*, Doves
9 *Mwng*, Super Furry Animals
10 *Kaleidoscope*, Kelis

UNCUT

1 *Nixon*, Lambchop
2 *Xtrmntr*, Primal Scream
3 *Kid A*, Radiohead
4 *The Hour Of...*, Badly Drawn Boy
5 *The Marshal Mathers LP*, Eminem
6 *Red Dirt Girl*, Emmylou Harris
7 *Stankonia*, Outkast
8 *Heartbreaker*, Ryan Adams
9 *Down With The Scene*, Kid 606
10 *Gotten Bold*, Birth

SPIN

1 Seu disco rígido *(alusão à música via internet)*
2 *Kid A*, Radiohead
3 *The Marshall Mathers LP*, Eminem
4 *Voodoo*, D'Angelo
5 *Relationship Of...*, At The Drive-in
6 *Stankonia*, Outkast
7 *Stories From The City...*, PJ Harvey
8 *Rated R*, Queens Of The Stone Age
9 *Killing Puritans*, Armand Van Helden
10 *Le Tigre*, Le Tigre

MELODY MAKER

1 *The Marshall Mathers LP*, Eminem
2 *Parachutes*, Coldplay
3 *The Hour Of...*, Badly Drawn Boy
4 *Xtrmntr*, Primal Scream
5 *Kid A*, Radiohead
6 *Little Kix*, Mansun
7 *Stories From The City...*, PJ Harvey
8 *The Menace*, Elastica
9 *Chocolate Starfish...*, Limp Bizkit
10 *JJ72*, JJ72

MOJO

1 *American III: Solitary Man*, Johnny Cash
2 *Rated R*, Queens Of The Stone Age
3 *Kid A*, Radiohead
4 *Bachelor Nº 2*, Aimee Mann
5 *The Great Eastern*, Delgados
6 *You're The One*, Paul Simon
7 *Red Dirt Girl*, Emmylou Harris
8 *The Sophtware Slump*, Grandaddy
9 *Little Black Numbers*, Kathryn Williams
10 *Nixon*, Lambchop

Rolling Stone

1 *The Marshall Mathers LP*, Eminem
2 *All That You Can't Leave Behind*, U2
3 *Music*, Madonna
4 *Voodoo*, D'Angelo
5 *Kid A*, Radiohead
6 *Stankonia*, Outkast
7 *Stories From The City...*, PJ Harvey
8 *You're The One*, Paul Simon
9 *The W*, Wu-Tang Clan
10 *Ecstasy*, Lou Reed

Bizz

Internacional
1 *Rated R*, Queens Of The Stone Age
2 *Community Music*, Asian Dub Foundation
3 *Quality Control*, Jurassic 5
4 *Kid A*, Radiohead
5 *In The Mode*, Roni Size/Reprazent
6 *Le Tigre*, Le Tigre
7 *Home*, Josh Rouse
8 *The Hour Of...*, Badly Drawn Boy
9 *The Sophtware Slump*, Grandaddy
10 *Figure 8*, Elliott Smith

Nacional
1 *Por Pouco*, Mundo Livre S.A.
2 *A Invasão Do Sagaz...*, Planet Hemp
3 *Se Sexo E O Que Importa...*, Bidê Ou Balde
4 *Samba Raro*, Max De Castro
5 *Maquinarama*, Skank
6 *Carteira Nacional De...*, Frank Jorge
7 *Radio S.Amb.A*, Nação Zumbi
8 *Tanto Tempo*, Bebel Gilberto
9 *Assim Caminha...*, Thaide & DJ Hum
10 *As Segundas Intenções...*, Ed Motta

Em busca da pepita escondida

Se você for dar um passeio em Camden Town, lugar em que rola o melhor "comércio de velharias" de Londres, tem grandes chances de encontrar vários (e caros) títulos em vinil de artistas brasileiros como Wilson Simonal, Joyce e Elis Regina. Detalhe: todos piratas. Situações desse tipo, matérias de BIZZ (como a Som do Ben, de agosto de 1999, que dava uma geral nos pioneiros do samba-rock), visitas a sebos e colecionadores inconformados com o esquecimento de certos artistas levaram o baterista dos Titãs e produtor **Charles Gavin** a importunar todas as grandes gravadoras nacionais atrás de masters empoeirados que valem ouro. Os primeiros a ganhar remasterizações foram os discos dos Secos & Molhados e os do começo da carreira de Tom Zé. Agora, chegam às lojas, pela série Warner Arquivos, os dois primeiros do Ira!, a estréia-solo de Edgard Scandurra e o *Geração Anos 80*, álbum que compila compactos de Lulu Santos, Magazine, Kid Abelha E Os Abóboras Selvagens e Ultraje A Rigor, entre outros. Pela Sony, a coleção Columbia Raridades reúne 25 CDs, incluindo reedições de Edson Machado e de Don Salvador E A Abolição. "Passei 2000 totalmente voltado para isso. Fiz coisas que nunca havia feito na vida, como procurar fotos em arquivos de jornais e falar com viúva de artista", diz Gavin. Mas, apesar de ele garantir que o mais difícil é convencer os diretores das gravadoras, Universal e EMI já aceitaram abrir suas portas para o titã. "Outro dia, um menino de 16 anos com uma camiseta do Nirvana veio me agradecer pelos relançamentos do Tom Zé. Disse: 'Pô, se não fosse você eu não teria conhecido'. Ouvir isso é fantástico."

Disco reúne compactos do rock nacional dos 80

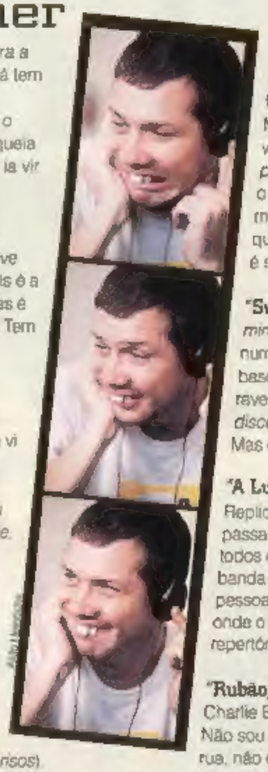
Separados na maternidade

Quando a coletânea de **Michael McDonald** pintou na Redação, foi aquele auê. Não pelo som, e sim por causa da capa. A princípio, achamos que se tratava de mais uma armação do chapa **Carlos Eduardo Miranda**, hoje diretor artístico da gravadora Trama, mas que já produziu Raimundos e Mundo Livre S.A e seria bem capaz de adotar um nome em inglês e gravar um álbum-solo. Bom, dessa vez, Miranda é inocente. McDonald existe mesmo – é ex-tecladista do Doobie Brothers. Mas que os dois são iguais, lá isso são.

A gente bota um som, eles falam o que acham do negócio

CABRACEGA

Wander Wildner



"A Cara", O Surto "Pode ser Lenny Kravitz. (*Entra a voz*) Bah! (*Muitos risos*) Sem comentários. Tira! Já tem as bandas que misturam Charlie Brown com Raimundos. Que praga, meu Deus do céu! Pirou o cabeção... Só se for o teu (*risos*). O meu, não. Aquela guitarrinha no começo me enganou. Parecia que ia vir uma coisa boa."

"(I'm Not Your) Stepping Stone", Sex Pistols "Ahhh..., Sex Pistols, maravilha. Que guitarra... Steve Jones. Esse é o verdadeiro heavy metal. Sex Pistols é a banda. A número 1 de punk rock. A influência deles é muito grande para nós. A postura, a música, tudo. Tem um punch, a música começa e vai embora."

"Original Prankster", Offspring "Parece o Offspring. É Califórnia? Eu gostei muito do Green Day, óbvio. Fiquei impressionado com o show que vi deles. Ouço no rádio, na MTV roda bastante, mas não é uma vitrine de shopping. Essas coisas não me emocionam tanto. Bad Religion me emocionou mais, até mesmo o Green Day na época do *Dookie*, que eu ouvia direto quando saiu, me emocionou mais. Mas, assim, é bacaninha. Só que eu não tenho carro, não sou playboy (*risos*). Playboy é que gosta de ouvir isso bem alto no carro."

"(I Can't Get No) Satisfaction", Britney Spears "Isso deve ser Enya. Conheço essa voz. Podem ser várias cantoras. Desde aquela Paula Abdul até aquela loira que é brasileira, a Deborah Blando. Ou as filhas da Baby Consuelo (*risos*). Não é a Madonna, isso eu sei. É 'Satisfaction'. Ah, essa esteve na tevê outro dia. São tantas que guardar o nome delas fica meio impossível. Isso é pop para adolescentes. A definição é perfeita. Hoje em dia existe pop para adolescentes, veja só."

"Vê Se Muda", Da Guedes "Maravilha, Ultramen. É muito bom. Não... É Da Guedes? Isso é ótimo. Um funk com charme, com letra em português, lembra Marvin Gaye. O começo me enganou, porque ouvi a voz do Tonho Crocco (*vocalista da Ultramen, que participa da faixa*), aquela coisa soul, mas depois entra o rap. É uma crônica da minha cidade, está perto de mim. Por isso, gosto mais do rap do Da Guedes e do Pitá que do de outros artistas. E tem uma banda por trás. Não é só um sampler com um neguinho falando em cima."

"Swastika Eyes", Primal Scream "(*Depois de um minuto ouvindo*) Tem que mudar agora, vamos lá. Chapado, numa rave, isso deve ser bom (*risos*). É como reggae, a base é sempre a mesma. Imagino que, se estivesse numa rave, com a droga certa, funcionaria. (*Quando viu a capa do disco*) Isso é Primal Scream? Ouvi falar tanto desse disco. Mas eles não eram assim. Que mudança para pior, né?"

"A Lua Que Mata", Replicantes "De Fafá? Conheço isso. Replicantes? Lindo. Essa versão de 'Killing Moon' é do ano passado. Sou superamigo do Gerbase (*líder do grupo*) e de todos eles. Minha saída do Replicantes foi muito amigável. A banda é uma das mais citadas até hoje. Até lá em Tocantins as pessoas adoram. Replicantes é foda. Quando vou a lugares onde o grupo nunca tocou, sempre coloco umas músicas no repertório. Já fiz 'Surfista Calhorda' em versão bossa nova."

"Rubão, O Dono Do Mundo", Charlie Brown Jr. "Isso é Charlie Brown. (*Querendo tirar o fone após poucos segundos*) Não sou dessa turma do skate (*risos*). Até sou skatista, mas de rua, não de pista. (*Na hora do 'pirlimpimpam'*) Parece Baba Cósmica. O que é 'Icharroladrão'? Não é minha praia isso, não."

José Flávio Júnior

Duas versões do interrogatório

De Ceilândia (DF) o **DJ Jamaika** lança seu terceiro trabalho-solo, *Pá Doido Pirá*, cheio de ritmo e letras que retratam a realidade das periferias das grandes cidades. Entre um manifesto e outro, há espaço também para a participação de Falcão (O Rappa) e para alguns funks bem-humorados. Mas, no geral, o ex-integrante das extintas bandas Câmbio Negro e Álibi despeja seus 140 quilos de agressividade e rancor contra o sistema e a imprensa ignorante e oportunista. Prova disso é a faixa "Entrevista", na qual responde com cinismo às perguntas cretinas de uma repórter. Antes que alguém ache que o DJ pensa aquilo mesmo, fizemos as mesmas questões em um papo com ele. Deu nisso:

Você sempre fez apologia das drogas?
Na música "Ah, sim. Sempre. Falo para todo mundo fumar, para todo mundo cheirar. Todo mundo que é rapper faz isso."
Cara a cara "Não, eu nunca faço apologia das drogas. Depende da forma que se entenda."

Você vem de família humilde?
Na música "Não, minha família é riquíssima. Ela é dona da metade do país."
Cara a cara "Total. Mas não é porque a pessoa é humilde que ela é pobre. São duas coisas completamente diferentes. Eu fui pobre e, ao mesmo tempo, humilde. Venho lutando pelos meus objetivos até hoje. Nada caiu na minha mão."

E você tem amigos bandidos mesmo assim?
Na música "Com certeza, né? Todo mundo da quebrada sempre tem amigos e chegados que são traficantes ou bandidos."
Cara a cara "Tenho. Bastante."

Você se acha revoltado em relação ao sistema do país?
Na música "Não. O Brasil é maravilhoso, não tem racismo, discriminação. Aqui é o lugar."
Cara a cara "Não. É aquela onda: se você não pode derrotá-los, junte-se a eles. Mas você não vai se unir com os covardes que vêm fazendo tudo isso com o povo. Não existe solução. Aqui dentro do Brasil a violência já desandou. Porque cada dia que passa é mais fácil um moleque pegar uma arma."

E você gosta do que faz?
Na música "Não. Estou aqui de sacanagem. Eu odeio o que faço. Estou aqui só na putaria mesmo. E você gosta do que faz, sua vaca? Pára de encher o saco!"
Cara a cara "Amo o que eu faço. Adoro mesmo, de coração. Não consigo viver sem música. Até quando vou ao banheiro, levo o rádio debaixo do braço."
Fabiana Batistela

Olhar no pop

Pode parecer coisa de desocupado, mas deu um trabalhão reunir todos estes discos com capas quase semelhantes. O quase fica por conta de *Todos Os Olhos*, de **Tom Zé** – na verdade, aquilo que você vê não é um olho...

Figuras que já deram autógrafos e hoje vão em paz à padaria da esquina

QUE FIM LEVOU

Steve Hackett

Como vários artistas-solo que já participaram de grandes bandas, Steve Hackett, ex-integrante do Genesis, não quer viver no passado. Hoje, o guitarrista (e ocasional vocalista) prossegue sua carreira cult, tendo lançado nada menos que 20 álbuns nos últimos 26 anos. Seu amor por novas facetas musicais diminui seu apetite pela fama astronômica. Afinal, sua ex-banda já vendeu mais de 100 milhões de discos e tornou-se uma das maiores lendas do rock.

Hackett curte ser artista-solo por causa de sua experiência. Depois de ver tantos artistas acabarem de uma forma não muito lisonjeira, ele acha difícil dividir sua arte com músicos numa banda. "Não digo isso no lado musical, e sim nos negócios", explica num papo telefônico. "Vejo um monte de grupos entrando em falência, mas continuo a fazer discos. Consegui me manter na indústria musical."

Um dos últimos discos de Hackett, *Darktown* (1999), dá um sentimento triste e melancólico ao rock. As canções, a maioria elaborada em escalas menores e inspiradas em música clássica, englobam guitarra, violino, flauta, teclado e outros instrumentos. "Não me acho um maníaco depressivo, mas adoro expressar melancolia por meio da música", reflete o artista. "Isso me aproxima de outras pessoas que sentem o mesmo."

Hackett é considerado um artista de rock progressivo – o mesmo rótulo dado a bandas como Magma, Pink Floyd e Marillion. Ele odeia ser visto como um artista que toca apenas um estilo, mas não se importa com o termo que a crítica lhe impingiu. "A idéia da música progressiva ligava-se a algo que progredia de um clima para outro. Então, aceito o rótulo numa boa."

Os muitos estilos dos álbuns do guitarrista comprovam seu desejo por variedade. Enquanto *Blues With A Feeling* (1994) explora o blues, *Sketches Of Satie* (2000) interpreta canções do compositor clássico Satie. *Se Cured* (1981) traz um pop acessível, *Till We Have Faces* (1983) homenageia a animação do carnaval.

Hackett lançou seu primeiro disco-solo, *Voyage Of The Acoyte* (1975) quando ainda nem pensava em deixar o Genesis. Ele entrou no grupo em 1970, fazendo parte de sua formação clássica, ao lado do vocalista Peter Gabriel, do baixista Mike Rutherford, do tecladista Tony Banks e do baterista Phil Collins. Gravou oito discos com eles, incluindo *The Lamb Lies Down On Broadway* (1974) e *Wind & Wuthering* (1977).

Hoje, Hackett não ignora a possibilidade de uma reunião do Genesis. Porém ele diz que terá de ser num futuro distante, pois os membros estão ocupados em projetos individuais – Phil Collins, particularmente, ainda mantém sua carreira de sucesso. Além disso, Hackett gosta de sua autonomia musical. "Prefiro continuar a fazer meus discos sob meu nome. O passado é passado. Por mais glorioso que tenha sido, não faz nenhum sentido ficar tentando repeti-lo."

O ex-Genesis tem uma volumosa carreira-solo

Mesmo assim, Hackett voltou no calendário com *Genesis Revisited* (1997), no qual regravou alguns velhos clássicos da banda, e na nova versão da música "The Carpet Crawlers", incluída numa coletânea do Genesis *Turn It On Again – The Hits* (1999). Gabriel, Collins, Banks e Rutherford também tocam nessa releitura da canção, renomeada como "The Carpet Crawlers 1999."

Hackett admite não gostar muito de "The Carpet Crawlers 1999", já que o produtor limou boa parte de suas guitarras na mixagem final. Essa situação, conseqüentemente, elevou seu desejo de continuar como artista-solo. "Não fico animado de gravar assim no futuro. Não quero dar minha música a um produtor que vem de fora e deixá-lo ter o controle artístico total", afirma com convicção.
Daniel Oliveira

LONDON CALLING
CDs - VHS - DVDs
Tel./Fax: (0xx11) 223-5300
londoncd@uol.com.br

A mais completa em novidades e raridades.
Sempre os últimos lançamentos dos EUA, Europa e Japão.
ROCK-POP DOS 60 A 2000 EM TODOS OS ESTILOS.
ENVIAMOS PARA TODO PAÍS. ACEITAMOS CARTÃO.
Rua 24 de Maio, 116
Rua Alta - Loja 15
01041-000 - São Paulo - SP
www.londoncalling.com.br

SHOWBIZZ
Para anunciar nesta seção, ligue:
São Paulo (0xx11) fone: 284-2255 fax.: 283-5029 cel.: 9603-7685
Rio de Janeiro (0xx21) fone: 579-2230 fax.: 579-2240

Maravilhas que as gravadoras silvícolas ignoram

Nightmares On Wax

Uma sala de espera sossegada, luz indireta, almofadas e uma neblina cujo indisfarçável odor entrega o humor no ambiente: assim é um chill out perfeito, com o som na altura dos diálogos e uma pequena pista de dança onde poucos corajosos levantam-se para meditar em movimento. Alguns sábios cidadãos fazem deste pequeno *rendez-vous* seu universo particular. George Evelyn, inglês de Leeds, é um deles, preferindo se entregar a esse salão de festas íntimo, casando a sofisticação do Philly Sound, o groove malandro do rap em seus primeiros dias, o andamento trôpego do reggae mais retardado, o peso gordo de um funk suave. Sob o pseudônimo de Nightmares on Wax (ou NoW), George lapida lentamente uma reputação que só cresceu na última década.

Tudo começou com *A World of Science: The First and Final Chapter*, de 1991, ainda acompanhado pelo DJ Kevin Harper. O trabalho foi confundido com um álbum de eletrônica, pois lidava com sotaques de tecno, electro e house ("queria fazer um disco de chill out para dançarinos de break", explica o mentor). Quatro anos depois, a dupla separou-se e George – já assinando como DJ EASE – voltou à cena com *Smoker's Delight*, no qual o groove original ganhava doses de funk e música latina. Em 1999, outra jóia, *Carboot Soul*, voltou a enfatizar sua sonoridade na soul music do fim dos anos 70.

Seja produzindo o De La Soul, dando o ar de sua graça na clássica coletânea *Headz*, da Mo' Wax, ou em colaborações com Alex Gopher, Mike "µ-ziq" Paradinas, Jimi Tenor e DJ Food, o Nightmares On Wax garante sua presença discreta como o som que faz. A mais recente investida é o volume da coleção *DJ Kicks*, no qual novidades de rap habitam os mesmos sulcos que "soulsegados" dos anos 80. Mas o clima é sempre aquele: groove suave, pesado e chapado. E um novo álbum, *Mind Elevation*, deve sair na primeira metade deste ano.

Alexandre Matias

DJ EASE: suave, pesado e chapadão

Influenciados por:
Sly & Robbie, Gamble & Huff, Massive Attack, Prince

Disco essencial:
Carboot Soul *(1999)*

Beta Band

Se um pai rejeita seu próprio rebento, é considerado um canalha desnaturado. Os integrantes da Beta Band foram mais ou menos protagonistas dessa mesma situação no seu "quase" primeiro álbum. Mas tudo parece ser uma piada para esses escoceses de Edimburgo, mesma cidade do ótimo Idlewild. A banda concebida em 1997 por quatro dementes que se revezam nas pick-ups, baixos, guitarras, loops e baterias teve seu nome alardeado por toda a Grã-Bretanha no lançamento de seus três primeiros EPs (disquinhos de quatro a sete músicas muito comuns no mercado inglês). *Champion Version*, *The Patty Patty Sound* e *Los Amigos Del Beta Bandidos* traziam a fusão sublime dos climas Madchester (sonoridade característica das bandas de Manchester do fim da década de 80) emergidos da psicodelia lisérgica dos anos 60 e 70, adicionados a uma pitada de folk eletrônico.

Com a dificuldade de se achar as bolachas nas lojas, a gravadora Astralwerks teve a decência de lançar em um CD aquilo que criativamente chamou de *The Three EP's*. O disco, que entrou na lista de melhores de 1988 na maioria das revistas inglesas, virou o companheiro ideal tanto para se pegar uma estrada deserta quanto para se viajar entre quatro paredes. Se você assistiu ao filme *Alta Fidelidade*, vai lembrar de quando Rob Gordon, dono da Championship Vinyl, aposta que vende cinco álbuns de um grupo desconhecido só rolando o som na loja. Adivinha quem era?

Em 1999 veio o primeiro álbum. O disco vai da eletrônica ao jazz e tem em sua primeira faixa um rap hilário que dita a saga do quarteto para gravar seus primeiros trabalhos. E, mantendo a fama de pirada, a banda atirou para toda a imprensa: "É um dos piores do ano". Ao menos, se depender de bom humor, os caras não morrem de fome.

Marco Bezzi

Por trás da graça, o quarteto faz som indescritível

Influenciados por:
Pink Floyd (até 1975), Stone Roses, Monty Python

Disco essencial:
The Three EP's (1998)

WWW.NETRECORDS.COM.BR
CONCURSO MP3
PEGUE ESSA CARONA E MOSTRE O SEU TALENTO
VOCÊ AINDA PODERÁ AVALIAR MÚSICAS, MONTAR SUA RÁDIO E GANHAR PRÊMIOS.
LANÇAMENTOS
NET RECORDS

FU

Rolou de tudo nos dez dias em que o Rio de Janeiro se transformou na capital mundial da música. BIZZ esteve lá e agora conta como foi o Rock In Rio

Foi-se o tempo em que festivais de rock representavam um perigo para a ordem pública. Durante os sete dias do Rock In Rio, o idealizador Roberto Medina deu muito mais entrevistas para falar da quantidade de empregos gerados e das cifras que o evento movimentou do que para comentar as atrações escolhidas. Ah, e também deu detalhes sobre a parte filantrópica da coisa, o tal do "por um mundo melhor". Não à toa, os primeiros versos a serem cantados na Cidade do Rock foram os seguintes: "Eu acredito em Deus/E que Seu Filho Jesus Ele nos deu/Para morrer naquela cruz/Sem glória e luz/Mas acredito que ao terceiro dia/Aquela tumba estava vazia", pela intrépida banda gospel Oficina G3, na tenda Brasil. A inclinação pelos valores cristãos ou familiares dominou o cenário. Artistas e público comportaram-se muito bem, salvo o baixista Nick Oliveri, do Queens Of The Stone Age, que mostrou sua bijuteria genital aos convivas. E que, por isso, foi devidamente enquadrado pelas autoridades presentes. Nós, que não temos nada a ver com isso, prestamos atenção na música. Houve metal, eletrônica, pop, samba, rap metal, hardcore, timbalada, grunge, samba reggae, reggae, baião, forró, country, folk, world music e, pasme, até rock. A seguir, os melhores momentos da festa.

Por Emerson Gasperin e José Flavio Junior*

Fotos: Marcos Hermes

* Colaboraram Marco Bezzi e Matias Maxx

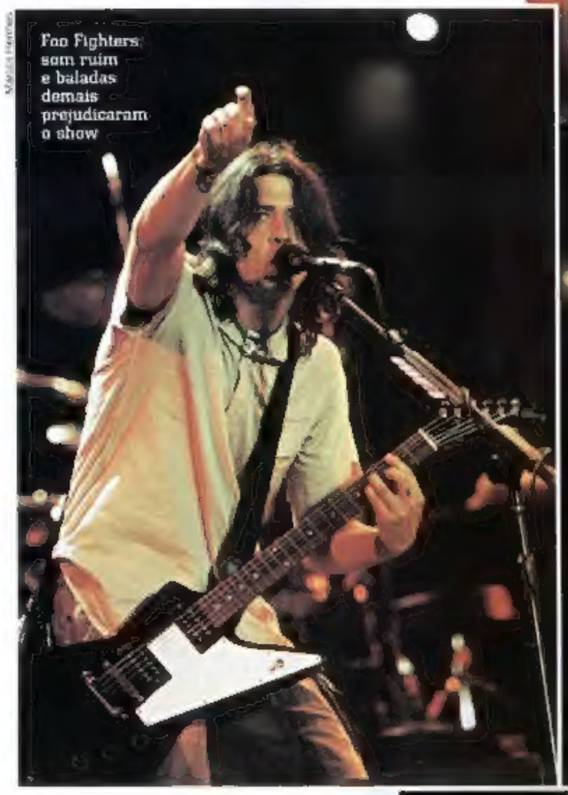
Custou, mas valeu

R.E.M justificou a expectativa de sua estréia no país

Depois de uma sexta na qual a coisa que mais remeteu ao estilo que batiza o festival foi o potpourri da Orquestra Sinfônica Brasileira ("Será", "Love Of My Life", "Pro Dia Nascer Feliz"), finalmente o rock deu as caras no sábado. Apenas a locação e os clipes piegas entre um show e outro eram os mesmos. Tanto o público – mais jovem e colorido do que no dia anterior – quanto a escalação indicavam que, a rigor, o Rock In Rio estava começando nesse dia.

Cássia Eller abriu o Palco Mundo e suou a camisa em um show pesado, finalizando com "Smells Like Teen Spirit". Nos agradecimentos, pagou peitinho. Impressionou: Dave Grohl e a namorada, Melissa Auf Der Maur (Smashing Pumpkins), foram falar com ela e prometeram levá-la para os Estados Unidos. A tietagem foi tanta que, na hora em que Melissa interrompeu a apresentação do Foo Fighters para levar um bolo de aniversário e se ajoelhar aos pés de Dave, Cassião entrou junto e tascou um beijão (e uma patolada) no ex-Nirvana.

Em casa, **Fernanda Abreu** não perdeu nenhuma chance de citar refrãos dos funks cariocas. Na segunda metade de seu set, a cantora chamou o ex-companheiro



Foo Fighters: som ruim e baladas demais prejudicaram o show

Marcos Hermes

R.E.M.: desfile das melhores músicas dos 20 anos de carreira

Apenas um sono no Rio

Missão de despertar o público ficou com os brasileiros

O primeiro dia do Rock In Rio foi divino, do início ao fim. A tenda Mundo Melhor abriu com o fórum Diálogo Inter-Religioso, mediado pelo escritor e bruxo Paulo Coelho e com a participação da ialorixá Mãe Beata de Iemanjá e do teólogo Leonardo Boff. À 1h30 da tarde, a banda gospel **Oficina G-3** inaugurou a tenda Brasil. Ao anoitecer, no Palco Mundo, **Milton Nascimento** fez um show que só tendo paciência de santo para agüentar. E na madrugada, quando **James Taylor** voltou para entoar "Fill Her Up" com Sting, restou perguntar aos céus por que ele ainda não havia ido para o hotel preencher as cruzadas do *New York Times*.

A apresentação do amigo de Roberto Medina baixou a bola geral. Literalmente: um cara encheu uma camisinha e a jogou para o alto. Ela caiu e no chão permaneceu. Afora o povo da frente, que aguardava "You've Got A Friend" e "Only A Dream In Rio", o resto da Cidade do Rock deitou. As pessoas dormiam, pura e simplesmente – algumas até liberavam flatulências em alto e bom som, como se estivessem em seus quartos. James Taylor tem esse dom de fazer a gente se sentir em casa.

Jair Rodrigues, na seqüência, tornou muito mais quente a tenda Brasil. O público, que não sabia o que era animação desde **Gilberto Gil**, duas horas antes, espreguiçou-se e caiu na folia. Eis um golaço da organização: ninguém fica ali espremido, esperando o headliner. Quem aparece sabe o que quer e os números são curtos (20 minutos, em média). O sambista pulou, fez careta, puxou o coro, andou entre a massa e saiu sob os gritos de "ei, ei, ei, Jair é nosso rei". Teve de retornar e anunciar **Daniela Mercury** no palco principal. Confiante, a baiana mesclou a presença de um DJ com seus sucessos ("Rapunzel", "O Canto Da Cidade") e durou mais do que o previsto. Básica, a Dani.

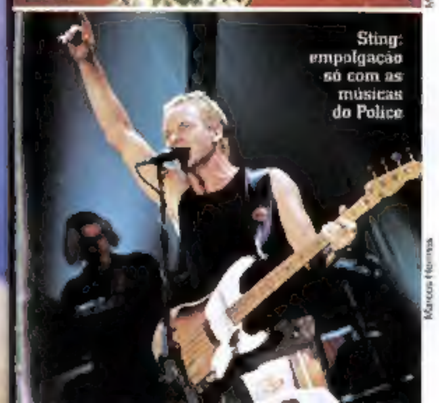
À esquerda, **Arnaldo Antunes** provocou urros com "Música Para Ouvir", "Socorro" e "O Silêncio", auxiliado pelos solos de Edgard Scandurra. **Sting** fechou a jornada com altos e baixos. Se tocava alguma do Police ("Every Little Thing She Does Is Magic", "Roxanne", transformada em bossa, "Every Breath You Take"), ovação. Ao seu repertório-solo, respeito. A voz continua intacta e a banda também é boa. A maleta "Fragile" deu o boa-noite.

Daniela Mercury: [illegible] no palco [illegible] plateia

Mellins Maia

Jair Rodrigues: antídoto contra o soporífero James Taylor

Mellins Maia



Sting: empolgação só com as músicas do Police

Marcos Hermes

O povo quer é cantar junto

Os três últimos shows confirmaram: é o lugar mais simpático do festival. Muita gente cantou as músicas da banda **Penélope**, principalmente "Holiday". Pena que a vocalista Érika Martins ainda não tenha se tocado de que aquele gritinho na hora do "não toque em mim" é dispensável. Se ela se preocupasse menos em imitar a Björk e em ser uma "menina de saia", talvez seu grupo soasse melhor. Uma coisa é certa: a cover chocha de "Should I Stay Or Should I Go", do Clash, já deveria ter sido limada há tempos. Peter Buck, do R.E.M., assistiu às baianinhas pela tevê e gostou. O guitarrista poderia curtir também **Só, Rodrix & Guarabira** – ou, pelo menos, achar graça de "Te Amo, Espanhola", e do tema da novela *Roque Santeiro*, acompanhados pela platéia roqueira. Mas, com certeza, iria se deliciar com o trovador **Nando Reis**. Ostentando grande barba, ele usou seus poucos hits-solo ("Me Diga", "Dessa Vez") e uma dos Titãs ("Os Cegos Do Castelo") para levantar o público. Pensou que poderia tocar mais do que 20 minutos, mas teve de se contentar com a rigidez da programação. Barrett Martin (ex-Screaming Trees e ex-músico de apoio do R.E.M.) marcou presença na bateria e já mostrava uma certa carioquice no semblante, justificada pelos meses que passa no Rio ensaiando com Nando.

Mellins Maia

O que você estava fazendo durante os três minutos de silêncio?

"Muito barulho. Eu devia estar ensaiando com a banda para o show de hoje."
Nando Reis

Mellins Maia

Fabiana Tantardini, 23 anos
"Vim de Porto Alegre só para ver o show. Foi o melhor momento da minha vida. Faria qualquer coisa pelo R.E.M."

Decio Pereira dos Santos, 23 anos
"Foi fantástico. Também viajei de Santos só para ver o R.E.M."

EXCLUSIVA

>> R.E.M.

Eles tinham uma semana na Cidade Maravilhosa, em pleno verão, com vários passeios para escolher. Decidiram ficar ensaiando. Parece loucura, mas, como Peter Buck, Mike Mills e Michael Stipe não moram na mesma cidade, os cinco dias que antecederam o show do R.E.M. no Rock In Rio serviram para passar as músicas de *Reveal*, que será lançado em maio. O guitarrista Peter Buck deu uma adiantada no que os fãs podem esperar de tanto trabalho duro. "O novo álbum pode ser o melhor da nossa carreira. O pessoal da gravadora e os nossos amigos andam dizendo isso", contou.

O que o R.E.M. quer com o novo álbum?
Só estamos continuando o último disco, indo ao próximo lugar musical. Nada específico. Tem bastante cordas, é bem bonito.

Até quando a banda seguirá na estrada?
Não discutimos isso. Queríamos muito tocar aqui e na Argentina e esses podem ser os únicos shows que faremos em 2001. Depois de um tempo, você prefere escrever e gravar músicas.

Como é fazer parte do grupo de rock mais influente em atividade?
Não sei se somos. O U2 é bem influente, o Red Hot Chili Peppers também. Uma das razões de entrar nesse negócio é tocar as pessoas com a música, então, fico honrado. Gosto da idéia de que garotos de 15 anos estão ouvindo nossos álbuns. E há os que têm 30, nos conheceram aos 14 e nos acompanham até hoje. Isso é bem legal.

O que vocês fizeram no Rio?
Ensaiamos todos os dias e andamos um pouco na praia. Mas tivemos de trabalhar muito. Vivemos em cidades diferentes, então era uma oportunidade rara para ensaiarmos. **JFlr**

Buck: meu nome é trabalho

de Blitz, Evandro Mesquita, para acompanhá-la em "Você Não Soube Me Amar" e deu início à adoração aos anos 80, que seria responsável pelos pontos altos da maioria das atrações nacionais do festival. Jogo ganho, relaxou com "Veneno Da Lata" e "Rio 40 Graus" e encerrou com um medley que ia de Furacão 2000 ("Rap Da Cachorra") a Gerson King Combo ("Mandamentos Black").

O **Barão Vermelho** herdou a empolgação do público e manteve acesa a chama oitentista. De cara, mandou "Maior Abandonado", "Pense E Dance", "Ponto Fraco" e "Por Que A Gente É Assim?" e levantou a poeira da Cidade do Rock. Ao fundo, um painel com a imagem da banda (ainda com Cazuza) na época da primeira edição do Rock In Rio, em 1985, deixava tudo com ainda mais sabor de nostalgia – e a saideira, "Pro Dia Nascer Feliz", só reforçou essa impressão.

Beck entrou e lançou o dilema: como se analisa um show, pela apresentação propriamente dita ou pela reação da audiência? A despeito do som baixo, sua banda de nove componentes reproduziu com fidelidade os efeitos e bossas de músicas ultraproduzidas, como "Novacane", "New Pollution" e "Jackass". Mas faltou combinar com o público. Com exceção de "Loser", a apatia dominou os 170 mil presentes. O comentário de uma garota resumiu a onda de Beck. "A culpa é minha, que não conheço esse cara."

O **Foo Fighters** prometia fazer o melhor show do festival, mas o som, embolado e fraco, prejudicou a performance do grupo. Baladas demais ("Up In Arms", "Big Me", "Next Year", "See You") impediram que a agitação proporcionada pelas matadoras "Breakout", "My Hero" e "Learn To Fly" se prolongasse. No bis, "Everlong" elevou a energia, embora fosse tarde demais para que a banda confirmasse o favoritismo.

Quem ratificou todas as expectativas foi o **R.E.M.**, escorando-se em um primoroso cenário de luzes de neon (da turnê de *Up*), na simpatia do vocalista Michael Stipe – extremamente carinhoso nas intervenções verbais – e na escolha das músicas. Na verdade, eles não optaram pelos hits, e sim pelas melhores canções dos 20 anos de carreira. OK, não teve nenhuma do *Murmur* nem do *Chronic Town*, mas quem esperava ouvir "So. Central Rain", "Fall On Me" ou "Stand"?

Caipirinhas demagógicas à parte, arrepios percorreram a massa em "Losing My Religion" (primeiro hit do Rock In Rio a ser cantado em uníssono), "Man On The Moon" (impossível não se emocionar), "Everybody Hurts" (quando todos se abraçaram) e "It's The End Of The World As We Know It (And I Feel Fine)". Nessa última, Stipe, que passara todo o show lendo as letras num pedestal, abandonou a cola, conseguindo se lembrar de todos os versos. O mundo não acabou, mas todos deixaram a Cidade do Rock sentindo-se bem.

Caipirinha preparada ao vivo para Michael Stipe e Mike Mills

Clarão: painel e repertório dos anos 80

Beck: tão imperdível quanto desconhecido

EXCLUSIVA

>> Foo Fighters

Grohl, Taylor e Mendel: pindinhas à beira-mar

Dave Grohl é magrinho, simpático, às vezes parece indefeso, e arrota alto. Taylor Hawkins, o bonitão, é um pentelho. Fala pelos cotovelos (só gracejos) e atrapalha a entrevista. Chris Shiflett e Nate Mendel ficam quietos. Os quatro vieram ao Rio para namorar suas respectivas, tomar cerveja, pular de asa-delta, assistir ao show do Oasis e comemorar os 32 aninhos de Dave em cima do palco do Rock In Rio.

Como está o Probot, seu projeto de metal com vocalistas de bandas do estilo, como Phil Anselmo, do Pantera, e Max Cavalera, entre outros?
Dave Ainda faltam vocais em algumas faixas, mas deve ser lançado no meio do ano. As músicas são pesadas, lentas, soam como os grupos de onde os vocalistas vieram, de um jeito estranho. A idéia era pegar cantores antigos, tipo essa geração que veio da cena underground do metal, entre 1982 e 1990, que era o som que eu ouvia na época.

Nos shows da última turnê européia você tirou bastante sarro do Oasis e de outros artistas britânicos. Qual é sua opinião sincera sobre as bandas do Reino Unido?
Dave Gosto de várias: Coldplay, Supergrass e mesmo o Oasis. O que acho engraçado é o jeito como se comportam. Não dá para ser um cara comum. Eles assumem o papel de rock star.
Taylor A gente ouve falar das maiores, as que transcendem... O Dave gosta do Gay Dad *(risos)*. Acho que na Inglaterra rola essa mentalidade pequena. Há uns cinco grupos que prestam e vão adiante, mas se você pegar o *NME* vai ver uns 25 que só sabem imitar Radiohead e vibram quando conseguem entrar nas paradas.

Por que as bandas de lá não estão se dando bem na América?
Dave Acho que a América não gosta de ouvir melodias sensíveis de amor, a não ser que role uma garota sem sutiã. **JFlr**

COLETIVA

>> Beck

Com um atraso aceitável de pouco mais de 15 minutos, Beck chegou ao auditório do hotel Intercontinental em São Conrado, no Rio, onde jornalistas do mundo inteiro o aguardavam. Franzino e muito tímido, respondeu às perguntas com calma e bom humor, mas se mostrou uma figura apagada, incompatível com a imagem de quem já deixou de ser um "loser" há muito tempo.

Você já participou do show de seu ídolo, Caetano Veloso, em Nova York...
Fiquei muito intimidado com Caetano no começo. Sua presença é enorme. Mas foi motivador, excitante. Uma experiência musical diferente que me inspirou para a próxima turnê. Queria que participasse do meu show no Rock In Rio, mas não conseguimos entrar em contato com ele. É tão difícil achá-lo. Caetano, se você estiver escutando, por favor, ligue. Vi seu show uma vez e, realmente, ele ocupa espaço, é uma presença muito grande, forte. Deve incomodar muita gente. Mas eu não vejo nenhum problema nisso.

Como você espera que um festival de música colabore para fazer um mundo melhor?
A música é o melhor jeito de unir as pessoas ao redor de algo que elas concordam, que elas têm em comum. Pode trazer mudanças, sim, só depende do que cada um espera.

Marketing para novatos

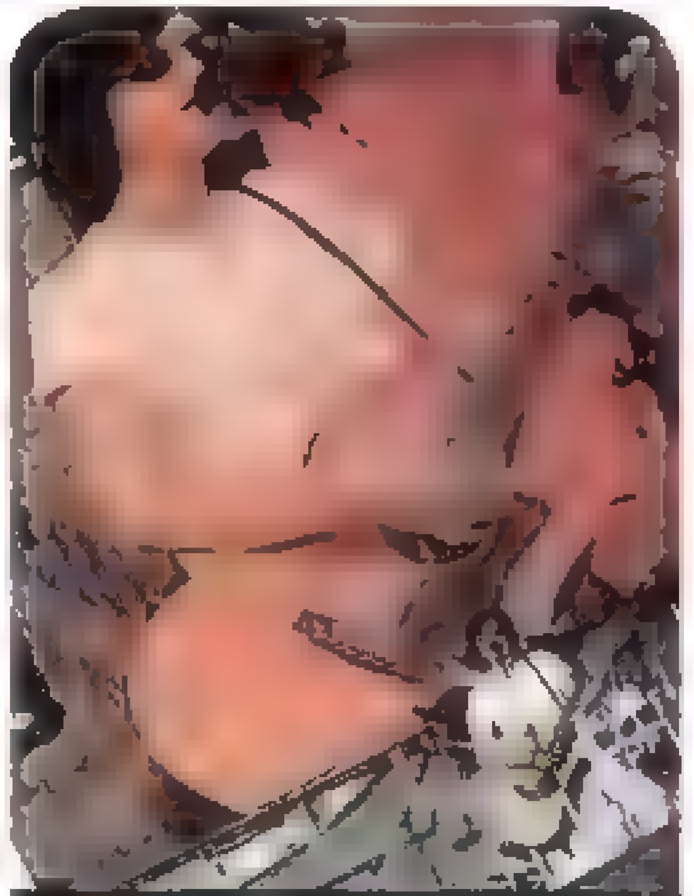
Na volta do **Guns N' Roses** aos palcos, Axl exagera na apelação

As 180 mil pessoas que foram no domingo à Cidade do Rock sabiam que aquele era o dia que marcaria a volta do **Guns N' Roses** aos palcos, depois de oito anos de ausência. A maioria delas, inclusive, estava ali justamente por isso. O que ninguém imaginava é que Axl Rose iria apelar daquele jeito. O vocalista botou uma tradutora para que suas lamúrias fossem entendidas e, entre as canções, falou mal da internet (o patrocinador do Rock In Rio deve ter adorado), elogiou a humildade dos músicos, confessou que andou muito triste e chorou. Para completar, deixou o encerramento do show a cargo de uma escola de samba.

É [illegible] achar uma falha no marketing de Axl. O novo Guns tem pelo menos dois guitarristas "exóticos", desviando o foco da falta dos ex-companheiros. Buckethead, com uma máscara japonesa e um balde da cadeia fast food americana Kentucky Fried Chicken na cabeça — o que levou espertinhos a gritarem "tira o disfarce, Slash" —, começou seu solo dançando break e exibiu suas habilidades no [illegible]

[illegible] *Chinese Democracy* [illegible] o velho repertório.

Pois até o **Palo Fu**[illegible] a luz do dia [illegible] Palco Mundo [illegible]



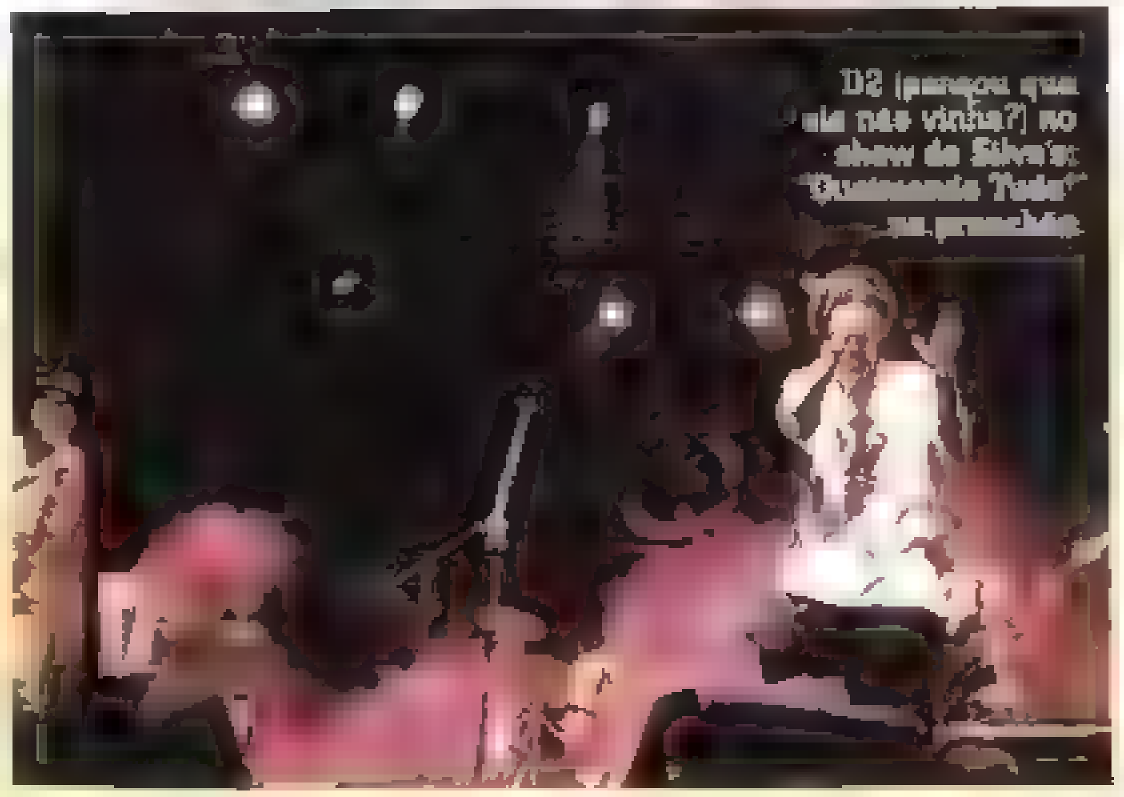
O que você estava fazendo durante os três minutos de silêncio?

"Fiquei zapeando para ver se todos os canais estavam respeitando. Até o Telesine saiu do ar!"
Fernanda Takai, do Pato Fu

"Quando vai ser? Domingo?"
Rodrigo Amarante, do Los Hermanos

"Teve isso?"
Coby Dick, do Papa Roach

Nasi (Ira!) e Roger (Ultraje a Rigor): [illegible]



D2 (parecia que ele não vinha?) no show de Silva's: "Queimando Tudo" na pressão

Liam, do Oasis: em paz, apesar dos gunners

TENDA BRASIL >>

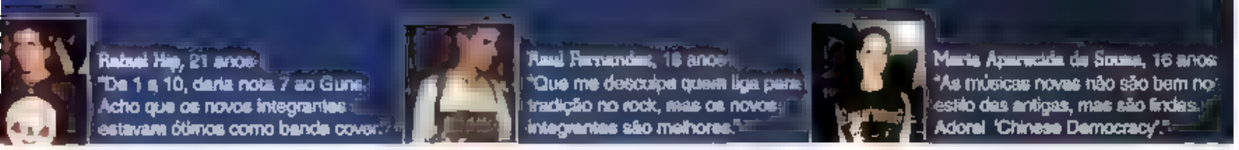
A dança do ursinho

A escalação de **Sylvinho Blau & Os Palucias** [illegible] ter da Brasil [illegible] de domingo [illegible] Absyntho [illegible] Mercury [illegible] uma figura vestida [illegible]

[illegible] **Serguei** [illegible] e samba dos **Virguloidas** aos [illegible] **Mary's Band** que tocaram [illegible] apresentação do **Los Hermanos** [illegible]

[illegible] **Nação Zumbi** [illegible] **The Silvas** [illegible] também apareceu, requebrando [illegible]

Na seqüência, Sylvinho despe seu ursinho Serguei



Rafael Hap, 21 anos:
"De 1 a 10, daria nota 7 ao Guns. Acho que os novos integrantes estavam ótimos como banda cover."

Raul Fernandes, 18 anos:
"Que me desculpe quem liga para tradição no rock, mas os novos integrantes são melhores."

Maria Aparecida de Sousa, 16 anos:
"As músicas novas não são bem no estilo das antigas, mas são lindas. Adorei 'Chinese Democracy'."

"vamos detonar essa porra!", Fernanda Takai conquistou os roqueiros – que também aprovaram "A Filha Predileta De Rajneesh" e "Licitação". Essas foram intercaladas por sucessos do grupo que já figuraram em novelas globais e que, por isso mesmo, também agradaram à farofada. Para introduzir "Depois", Fernanda soltou a frase "essa é uma das músicas mais fofinhas do mundo e nós vamos tocá-la porque achamos que as pessoas deveriam ser mais fofinhas". A multidão gostou, mas, quando o omelete man **Carlinhos Brown** começou suas "tumbalagens", a fofura foi para o saco. Hostilizado, o baiano brigou com o público e, só de purraça, esticou seu show, cunhando um punhado de frases movidas pelas garrafas de água que o atingiram *(veja box)*.

Ira!, a seguir, mostrou um pedacinho de sua história aos ignorantes (como classificaria Brown), obrigando o povo a vibrar com "Núcleo Base" e "Envelheço Na Cidade". O **Ultraje A Rigor** juntou-se ao quarteto paulistano para a cover de "Should I Stay Or Should I Go" e, a partir daí, deu ao festival a ironia e a cafajestagem que este merecia. Em vez de mundo melhor, "eu" arregaçado na voz da molecada no refrão de "Nada A Declarar". O grupo não precisava ter tocado "Paranoid", do Sabbath, nem ter mostrado suas nádegas no final, mas a Cidade ficou mais do Rock após ouvir "Inútil" – e, dessa vez, sem Herbert Vianna.

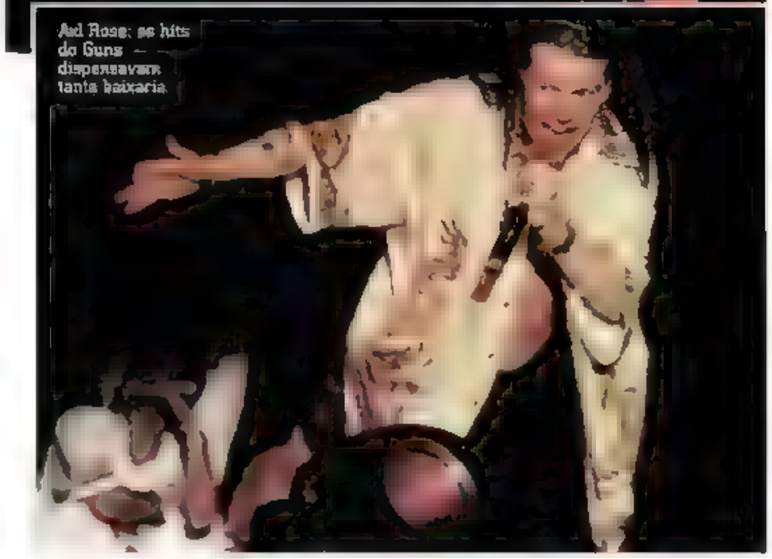
Aí entrou o **Papa Roach** com uma mistura de hardcore e metal, algo que soa extremamente ultrapassado aos ouvidos dos maiores de 14 anos. "Broken Home" e "Last Resort" não tiveram fôlego e jabá suficientes para emplacar nas FMs brasileiras. No palco, a bateria destruída e as

O pensamento vivo de Brown

Durante o show
"Quem gosta de música brasileira vai entender essa."
"Pode jogar o que quiser que eu sou de paz e nada me agride."
"[illegible] de nada quando se é [illegible]. Vocês, que gostam de rock, têm muito o que aprender na vida, aprender a amar. E o dedinho podem enfiar no traseiro."

No camarim
"São meninos criados no Toddy, no leite e no [illegible]mind. Têm essa coisa roqueira, de andar de preto, insistir nessa postura agressiva."
"Rock'n'roll é coisa de criança. Entre rock e Xuxa, não há nenhuma diferença. Rock não é pesado. Pesado é uma escola de samba com 300 homens tocando."

Fonte: O Globo



Axl Rose: os hits do Guns dispensavam tanta baixaria

microfonadas que o vocalista Coby Dick desferiu contra sua própria moringa não foram impactantes. Deixaram o país suspeitando que ele seja alcoólatra. O rapaz bebeu tanto que, no camarim, minutos antes do show, deu uma de Ronaldinho. Em posição fetal, passou um tempo no chão gemendo, suando frio e balbuciando palavras sem nexo. Que triste.

As viúvas de Axl, então em silêncio, voltaram a berrar com o **Oasis**, cortando quatro músicas do set dos britanicos ("Shakermaker", "Step Out", "Roll With It" e "Stand By Me"). Mas não abalaram Liam e Noel, que estavam em paz e interpretaram suas baladas com frieza. Nas mais famosas, o público parava de chamar o Guns para cantar junto. Foi assim com "Wonderwall" e, especialmente com "Don't Look Back In Anger". Como os rocks tiveram pouco espaço no set list, "Supersonic", "Aquiesce", "Cigarettes & Alcohol" e "Rock'n'Roll Star" foram degustadas como iguarias pelos presentes. Mas não houve quórum suficiente para fazer o show engrenar. E o som esteve baixo o tempo todo, revelando que, para a organização, o Oasis era bem menor que o Guns. E daí? Britney Spears tem a metade da idade de Axl, já vendeu tantos discos quanto ele e conhece muito mais de marketing.

EXCLUSIVA >> Papa Roach

Eles acharam que repetiriam o Faith No More...

Extasiados pelas belezas naturais do Rio de Janeiro e por estarem tocando para uma platéia de quase 200 mil pessoas na mesma noite que Axl Rose num dos maiores festivais do mundo, os garotos do Papa Roach exageraram e enfiaram o pé na jaca. A intenção dos idolos do novo metal era causar o mesmo impacto do Faith No More no Rock In Rio II, quando chegou ao Brasil quase desconhecido e saiu aclamado pelo público e crítica. Não foi dessa vez. O vocalista Coby Dick falou antes do fiasco.

O que mudou depois do sucesso?
Nunca estamos em casa. Estamos sempre na estrada, rodeados de câmeras e pessoas nos fazendo perguntas o tempo todo querendo saber de nossas vidas. Nossos shows e nossa música falam por nós.

O que vocês acham do novo metal?
Hoje, o heavy metal não é como costumava ser. A música está sempre mudando. Temos coisas boas e coisas que são uma porcaria, como em qualquer estilo. Espero estar do lado bom da música.

Vocês sabiam desse lance de Rock Por Um Mundo Melhor?
Não. Viemos para tocar para milhares de pessoas no Rock In Rio II. Como fazer um mundo melhor com festivais de rock?
Não sei. Para mim, música é uma coisa boa excitante, e as pessoas vão a um show para se divertir, à procura de rock'n'roll. É algo no mundo que realmente tem o poder de unir. Pense, por exemplo, no hip-hop. Garotos brancos, negros, chineses, espanhóis, sul-americanos, todos gostam. Mas não acho que esse festival vá melhorar o mundo.

Vocês não se preocupam que a música do grupo possa incentivar a violência?
Tivemos vários momentos ruins na vida e os colocamos na música. As letras falam de coisas negativas, mas é como uma terapia. Se um dia eu me der um tiro, não espero que outras pessoas façam o mesmo. **MB**

COLETIVA >> Oasis

Perguntas cretinas merecem respostas cretinas. Seguindo essa máxima, Noel Gallagher deixou seu irmão Liam na piscina do hotel Rio Palace para entretar uma coletiva de imprensa repleta de bocas levantadas esperando chutes. É claro que todas as respostas vinham embaladas com o delicioso sarcasmo britânico e a simpatia de um rock star que sabe o que quer. O discurso "rock n'roll can't never die" foi acentuado e justificado no anúncio da turnê com o Black Crowes. Bem-humorado, fez os jornalistas darem boas risadas.
Em tempo: nenhuma das bicudas foi direcionada à reportagem da BIZZ.

Marcos Hidemi

Você sabia que um dos patrocinadores do festival é uma bebida alcoólica?
Sério? Bom, um dos integrantes da banda é alcoólatra, então não será problema.

O que seria um mundo melhor para você?
Um ar mais puro. Nada de armas. Ou rosas... Isso é uma piada.

Existem rumores sobre a separação da banda. O que você espera estar fazendo no ano que vem?
Não estou sabendo de ninguém que queira deixar o grupo. Acredito que, no ano que vem, ainda estejamos tocando por aí, pois acabamos de escrever as músicas para o próximo disco e vamos entrar em turnê.

Do Brasil, você prefere a música, os drinques ou as mulheres?
Prefiro música brasileira tocada por brasileiras que bebam.

Sempre tem alguma polêmica envolvendo os Gallagher na imprensa: brigas, álcool, mulheres. Qual foi a coisa mais absurda que já disseram sobre o Oasis?
Que não gostamos de beber, não brigamos e não gostamos de mulher.

O que você acha do Guns N' Roses?
Vi o Guns uma vez, quando eles eram bons, anos atrás. Gosto de algumas músicas. Estou ansioso para conhecer o Buckethead, o novo guitarrista deles, que usa um balde na cabeça. Contanto que [illegible] quem "Welcome To The Jungle" está bem.

Que bandas novas você tem ouvido?
Não muitas. Coldplay é OK. Travis é bom. Beta Band é muito bom. Gosto de Fatboy Slim e Chemical Brothers. Mas prefiro as velharias. Ainda gosto de Elvis Presley, saca? Ele foi o rei e tudo mais.

Para onde a música do Oasis está indo?
Para ser sincero, não estamos ligando para modas e tendências. Fazemos o que fazemos e, se as pessoas gostarem, está bom. Se não gostarem, não está bom. Somos uma das duas bandas de rock n'roll que sobraram, a outra é o Black Crowes. Só queremos continuar fazendo boas músicas orgânicas e manter nossa identidade. Não somos bons fazendo jazz ou salsa.

Liam não veio para a entrevista. Você acha que ele ficou no quarto escrevendo músicas melhores que as dos Beatles?
Não. Liam está pichando as paredes. Ele anda dizendo que escreveu umas 20 músicas melhores que qualquer coisa do *Revolver*. Isso é besteira. Bem, são melhores do que as que eu escrevia quando tinha a idade dele. Mas ele não é tão bom quanto John Lennon. Ou mesmo Jack Lemon. Só eu sou capaz de chegar perto de John Lennon.

>> Coisas que só o metal faz

Devoção ao **Iron Maiden** vai fazer o DVD ficar que é uma beleza

Ah, o metal. A noite em que a Cidade do Rock seria invadida por hordas de anticristos. Que as criaturas das trevas iriam mostrar todo o seu poderio. Que o nível de selvageria quebraria todos os recordes de festival. Que se esgotariam, fácil, os 250 mil ingressos. Nada. A única coisa destruída foi um monte de clichês relacionados com a música pesada. A sexta-feira registrou 119 atendimentos médicos a menos que no dia anterior, dedicado às meninas (985 a 1.104), e 150 mil pagantes (segundo a organização, a quantidade de entradas foi limitada por questões de segurança). Não houve filas em busca de cerveja nem congestionamento no acesso. Metaleiro do terceiro milênio é civilizado e meigo – e, na maioria dos casos, asseado –, capaz de pedir a entrada de sua banda predileta gritando "Mai-den" e batendo três palminhas em seguida.

Para completar o processo de reintegração com a sociedade, falta apenas sacar que é muito feio não respeitar o trabalho dos outros. Pior: agredir quem ousa pensar diferente. Depois, não adianta reclamar quando for chamado de ignorante. China, do **Sheik Tosado**, quase pegou a síndrome de Brown. Diante da primeira reação adversa do público – à tarde, todo mundo ainda com aquela disposição –, o vocalista disse coisas como "vamos parar de pagar pau para gringo" e "quem souber falar português cante essa com a gente". Resultado: traço no ibope para os pernambucanos que dizem fazer hardcore brasileiro. Melhor sorte teve o **Pavilhão 9**. Adotando a tática Kiss de marketing, o rapper Rhossi tirou a máscara e o grupo fez a alegria dos fãs de Rage Against The Machine. Com Igor e Andreas, do Sepultura, ajudando em "Mandando Bronca", castigaram o gramado.

De alma lavada, a turma do pretinho básico chocou-se com Nick Oliveri, do **Queens Of The Stone Age**, que achou razoável exibir sua nudez no país do carnaval. Hipnotizada pelo saco escrotal do baixista ("Aumenta que isso aí é rock'n'roll!", clamou um ex-cabeludo), a torcida iniciou o coro de "viaaadoo". Do camarote vip, o juiz Siro Darlan (aquele que mandou deter o naturista, alegando que havia crianças no recinto – e por isso que festival de rock não pode ser por um mundo melhor é cada um que aparece...). O careca barbudo foi cercado no final do show, pediu desculpa ao povo brasileiro, foi liberado, ganhou um vôo de helicóptero para o hotel Intercontinental. E deve ter voltado para sua terra achando que

Rob Halford: movimentação restrita aos dedos em forma de chifre

Bruce Dickinson: o condutor do jogo em que se transformou o show do Iron Maiden

TENDA BRASIL >> Papai foi lá ver o papito

Que Carlinhos Brown, que nada. Foi **Supla** quem fez o show mais corajoso do festival. O filho da prefeita Marta Suplicy invadiu a cena berrando os versos de "São Paulo", mudando o verso da parte que esnobava a noite carioca. Entre as músicas, o amigo gringo Kojak pedia "everybody say papito" à platéia, que respondia e armava grandes rodas de pogo. A versão punk de "Garota De Berlim" foi o ponto alto da apresentação, que também teve sons recentes, como "As Virgens" – na qual duas "ninfetas de novas letras", usando saia colegial e chupando pirulito, subiram para dançar. "Humanos" foi cantada pelo papai, o senador Eduardo Suplicy, que ficou o tempo todo no meio da galera e fez até os dedinhos do metal. Com o **Rumbora**, tudo estava na maior tranqüilidade – som no talo, interação com o público – quando, depois de "Skaô", Bacalhau pegou o microfone para desancar Carlinhos Brown. Para o baterista, o "palhaço" que faz "MPB para gringo" não tinha o direito de avacalhar o público. Pois ali mesmo, naquele palco, os baianos de Armandinho e Pepeu Gomes foram saudados pelos metaleiros. "Rock está na alma", concluiu, antes de beijar o chão e voltar ao seu instrumento para sentar a mão em "Chapirous". Terminada a música, pediu a palavra novamente e detonou: "E tem mais roqueiro ignorante é a cabeça do meu [illegible]". **Tom Zé** abriu o cabeção da tribo *from hell*, que achou mais interessante ficar "chamegando" do que insultando o redivivo tropicalista. Completando a bagaça, **Branco Mello E S Futurismo**, que atacou de músicas dos Titãs com arranjos diferentes. "Será que é isso que eu necessito?" Um momento ninguém tira dele: apresentar à geração lesti valeira o clássico "Lugar Do Caralho".

No detalhe, o "Supla-money", que o filho da prefeita *(abaixo)* distribuiu em "Bizness"

>> Música é o que menos importa

Na hora dessa gente programada mostrar seu valor, deu no que deu

Que nos perdoe o rei do babaué **Vinny**, que lotou a tenda Brasil e encerrou seu show com "Segura A Tenda", em que cantava "Vamu zua/Segura a tenda" em cima de um riff do "Smells Like Teen Spirit", dispensando seu mega-hit "Heloísa Mexe A Cadeira". Que nos desculpem os DJs **Camilo Rocha** e **Anderson Noise**, cujos sets desidrataram a tenda Electro. Que nos entenda **Moraes Moreira**, que desfilou de trio elétrico pela Cidade do Rock. Mas essa foi uma noite histórica, dedicada ao talento dos artistas do palco principal.

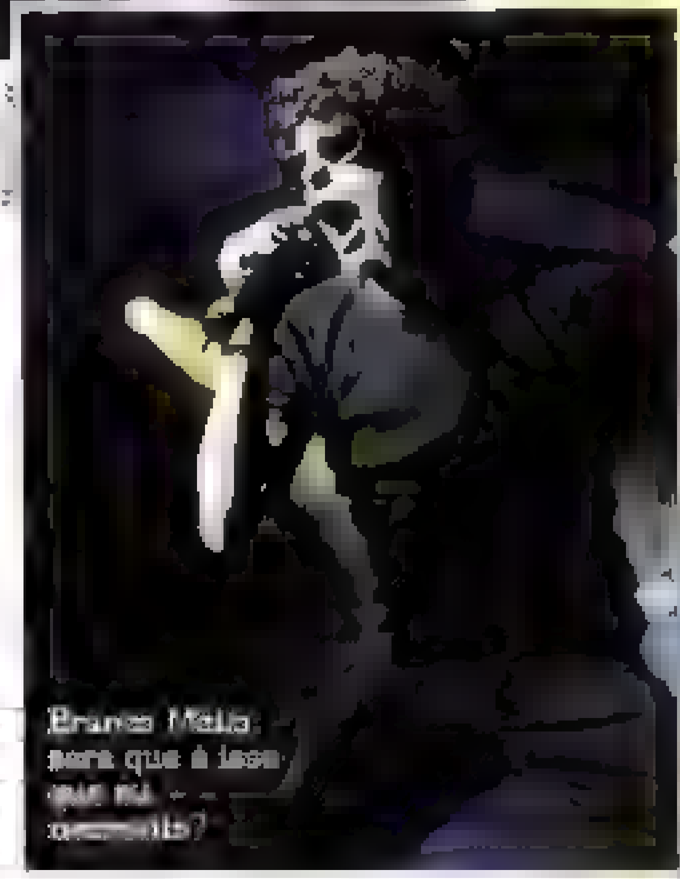
Britney: a pele está muito boa

Aaron Carter não existe. Nele e em **Britney Spears**, playback para compensar a falta de voz. Normal – já que a maioria dos instrumentais também era gravada.

A cantora e o **'N Sync** abusaram das trocas de roupas e de cenários. O grupo e **Sandy & Junior** foram até o meio da platéia, eles em um palquinho móvel, a dupla em uma passarela. Todas as atrações não vivem sem coreografia. Música? Britney Spears e **Five** profanaram clássicos do rock, respectivamente "(I Can't Get No) Satisfaction" e "We Will Rock You". Five e 'N Sync arriscaram um número a capela, exibindo suas vozes afinadas. Junior maltratou bateria e percussão, enquanto Justin, do 'N Sync, arriscou um beat box. É só.

Na adolescência, há uma natural e saudável tendência de se fazer o contrário do que dizem as pessoas mais velhas. Portanto, quanto mais se falar mal, mais e mais a meninada vai se derreter por esse tipo de coisa. Isso passa. Daqui a pouco, elas viram fêmeas envergonhadas de seus álbuns de recortes. Mas que, depois de revelar seus belos segredos, a Sandy... segurando isso também. Com ouvidos como prova de confiança, tiremos... PS: virgindade por virgindade, a da Sandy é mais confiável.

Sandy & Junior: [illegible]



Branco Mello: será que é isso que eu [illegible]?

Eduardo Suplicy, 69 anos
"Vim só para ver o Supla e fiquei muito feliz, principalmente porque a receptividade foi boa."

EXCLUSIVA >> **Queens Of The Stone Age**

Nick Oliveri é um figuraço. Antes de ficar nu no palco do Rock in Rio, o baixista do Queens Of The Stone Age recebeu a reportagem de BIZZ em uma suíte no hotel Intercontinental e não parou de rir por um instante. Desde que sua banda chegou ao país, na tarde do dia anterior, tudo o que ele fez foi beber e comer frutos do mar. Sempre com um copo de pinã colada na mão e fungando muito (ar-condicionado?), Nick reafirmou sua crença: "Rock é para ser diversão, celebração. Estamos aqui para isso". Confira os melhores trechos do papo.

Qual a diferença entre sua ex-banda, o Kyuss, e o Queens Of The Stone Age?
Quando montamos o Kyuss, eu tinha 14 anos e Josh *(Homme, guitarrista)*, 13. Crescemos musicalmente, começamos a ouvir coisas diferentes e, agora, temos outras influências para nossas melodias.

Você não se sente incomodado com o rótulo "a maior banda de rock desde o Nirvana", atribuído ao seu grupo?
Não ligo para isso. Estamos tentando fazer nossa própria música. Não acho que podemos ser comparados ao Nirvana em termos musicais. Há muita coisa rolando no rock hoje: metal, rap metal... Só queremos fazer discos que as pessoas sintam vontade de escutar daqui a cinco ou dez anos. Gravamos o primeiro álbum do Kyuss em 1991, e as pessoas o escutam até hoje. É esse o tipo de música que estou interessado em tocar. Não me importo se apenas 40 pessoas estão gostando. Ficarei feliz se elas continuarem curtindo daqui a cinco anos. Não estou tentando ser a "sensação do mês". Ninguém na banda pretende ser isso.

O que você escuta quando está dirigindo seu carro?
Motörhead, AC/DC... Você ouve "Highway To Hell" e não para no posto para abastecer, e sim para pegar mais bebidas.

Imagina você daqui a algum tempo, rico e famoso...
Rico, nunca, pois gastarei tudo me divertindo com bebidas, putas, esse tipo de coisa. **EG**

O baterista riu à toa com o tratamento de estrela que recebeu aqui

as mulatas despidas no ensaio do Salgueiro, onde estivera na quinta-feira, eram fruto de alucinação.

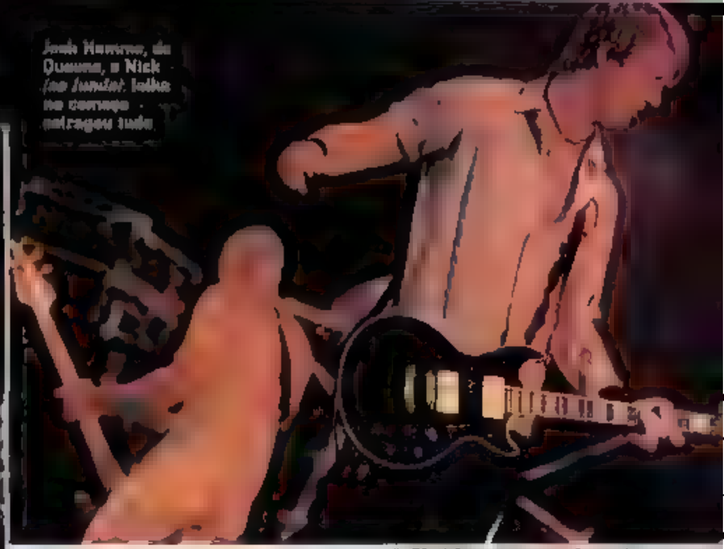
Em cima do palco, o Queens, que já havia tocado – e sido crucificado – na América do Sul com as mesmas atrações internacionais da noite, abriu com a pesadíssima "Tension Head". Uma merda: o microfone de Nick falhou e uma vinheta ficou sendo repetida durante toda a música. A partir daí, a contenda já estava perdida. Não adiantou tocar as maravilhosas "How To Handle A Rope", "Feel Good Hit Of The Summer" e "Regular John". Ou (coisa que nunca fazem) mandar uma do Kyuss, a lendária ex-banda do guitarrista Josh Homme, "Supa Scoopa And Mighty Scoop". Aplausos, só para "The Lost Art Of Keeping A Secret", porque essa tem clipe na MTV. O resto do tempo, berros de "Mai-den". Nesse sentido, os caipoeiras convidados para uma imensa jam em "You Can't Quit Me Baby" saíram no lucro. Foram apenas vaiados.

Opa, o que é isso? Uma garrafinha de água! Pára! Nada me atin... Ops! OK, OK. **Sepultura**: legal, mas esteve longe de ser showzaço. Coeso, cheio, poderoso. Vibração a mil com "Roots Bloody Roots", "Arise", "Dead Embryonic Cells", da lavra do ex-cacique da sepultribe Max Cavalera. No entanto, ainda falta um hino para a sepulnation. **Rob Halford**: pressionado pelo apertado traje de couro, pouco se mexeu. A massa também, com exceção de "Breaking The Law", do Judas Priest, seu antigo emprego. Não tocou "Painkiller", mas rendeu boas fotos.

Pronto. Chegou a hora. A multidão urra. O que aconteceu durante a apresentação do **Iron Maiden** é para ser estudado por psicólogos, antropologos e sociologos. Gostar de um artista, decorar todas as suas canções, vestir a camiseta, tudo bem. Agora, reproduzir os solos de guitarra? Declamar a locução que introduz "The Number Of The Beast"? Gritar "Eddie! Eddie!" durante a aparição do monstrengo-mascote? Assistir à banda é presenciar esse tipo de adoração. A apresentação do sexteto não se limita à música. Tampouco aos truques cênicos no palco dessa vez até modestos, restritos a rampas, chamas, painéis – também, não dá para acabar com todos os clichês de uma vez. O show do Iron Maiden não é somente para ser visto e ouvido. Tem de participar, como em um jogo de RPG.

Bruce Dickinson desempenha com destreza o papel de mestre da brincadeira. Com sua voz de trovão, é ele quem conduz a história. À Gil Gomes, anunciou "Wratchild", de *Killers* (1981), como "uma de nosso período jurássico", arrematando com uma risada fantasmagórica. Pediu para o público gritar. Recheou seu discurso com inúmeros "fucks". Pediu para o público gritar. Emendou "Evil That Men Do", "Fear Of The Dark" e "Iron Maiden" e provocou entorses. Pediu para o público gritar. Na derradeira, "Run To The Hills", os participantes já haviam percorrido o continente huboreano com o bárbaro Conan, lutado por Asgard ao lado de Thor, guerreado com as tropas de Alexandre, o Grande, e frequentado a corte do rei Artur. Corra, Bruce quer que fujamos. Calma, ele está pedindo para a gente gritar. Ah, é para o DVD? Ih, já foi... Vamos para casa certos de que o moleque que cresce ouvindo Iron Maiden tem menos chances de virar um escroque do que aquele que cresce ouvindo Limp Bizkit.

Andreas, do Sepultura, mais devendo um hino para a sepulnation



Josh Homme, do Queens, e Nick Oliveri (no fundo): baixo no começo, mas agora...

Pavilhão 9 pesa com carrapetas, faz bonito

EXCLUSIVA >> **Rob Halford**

Rob Halford torna-se cinquentão em agosto. É nessa época que deverá sair o projeto dos "três deuses do metal" quando o ex-Judas Priest se juntará a Bruce Dickinson e Geoff Tate (Queensryche) para interpretar clássicos de suas bandas. Enquanto essa loucura não acontece, Rob vai capitalizando com sua volta ao metal tradicional e distraindo a garotada que nunca ouviu "Breaking The Law" no tom certo.

Para onde vai o metal?
O metal está bem diversificado. Há tantas possibilidades que não consigo pensar no que vai acontecer. Quando pintou o rap metal, que trouxe a cultura hip-hop para o estilo, rolou algo novo e extraordinário.

Você gosta de Korn, de Limp Bizkit?
Gosto muito do que Korn e Deftones fazem. Mas algumas bandas de rap metal são como o Poison de 2001 para mim. E eu não estou sacaneando o Poison, porque eles eram bons no que faziam. E que tem um pessoal que me parece descartável, da modinha. Não vejo alguns desses grupos que você citou durando mais que dez anos.

Os fãs de metal não curtem mudanças...
É verdade: eles são muito conservadores. Sabem do que gostam e, se você mexe com isso, ficam putos.

Isso não incomoda você?
Claro, porque não quero ser um produto fazer música para as massas. Quero ser livre e inventivo. O dilema começa quando você passa a ouvir o que o público diz e acaba ficando repetitivo. Mas há umas poucas bandas que fazem sempre a mesma coisa e são legais, como o AC/DC. O Judas Priest também. É o fã de metal quer isso que você fique no mesmo lugar.

Você tem filhos?
Não, porque eu sou gay.

Mas existem gays com filhos...
Eu sei. Na verdade, adoraria ter filhos.

Existe alguma coisa que você ainda queira conquistar?
Não, nunca fui um grande conquistador *(risos)*. Quero me aventurar, ser criativo e inovador. Mas não pretendo mudar o mundo. Só quero ser o deus do metal. **JFJr**

Rock por um mundo livre

Sem frescura, Neil Young dá aula [illegible] inesquecível

Nada do que se escrever aqui vai sequer chegar perto de transmitir ao leitor o que foi o show de **Neil Young**. Pode-se descrever a ordem em que as canções foram tocadas, a roupa dos músicos, a reação da platéia – que já era a menor do festival (125 mil pessoas) e diminuiu consideravelmente antes de a aula começar. Mas conseguir, em palavras, expressar as sensações despertadas pela lancinante música do canadense é trabalho para um Nelson Rodrigues, não para amadores feito a gente. Em pouco menos de duas horas, o rock – aquele que um dia traduziu os anseios da juventude, deflagrou mudanças de comportamento, contrariou a caretice – voltou a fazer sentido. Quando Neil Young deixou o palco, às 3h30 da manhã, ser roqueiro não era mais sinônimo de ingênuo ou anacrônico. Porque o tempo nunca vai passar para ele.

Cenários grandiosos, pirotecnia, figurinos da moda, exibições artificiais de simpatia, naipe de metais, DJs, todas essas muletas do show biz são dispensáveis para o mestre. No máximo, duas backing vocals em algumas canções. Escudado pela banda Crazy Horse (a mesma de seus melhores discos) – o guitarrista Frank Sampedro, o baixista Billy Talbot e o baterista Ralph Molina – e por sua Gibson Les Paul, Neil ensinou como é que se faz. Não com a impaciência dos veteranos ou com a pachorra das grandes estrelas, embora tenha rodagem e prestígio suficientes para ignorar quem ignora sua arte. De calça jeans, camiseta e chapéu de caubói, ele se pôs calmamente a mostrar que, por mais que a oposição apregoe, "rock n roll can't never die".

Sua apresentação lembrou aquelas piadas em que o morador da cidade, querendo tirar onda com o matuto, sempre é ludibriado pela esperteza rural. Neil Young é esse caipira que engana os seres urbanos, sem rancor ou piedade. Da abertura, "Sedan Delivery", ao encerramento, com "Welfare Mothers", passando por "Hey, Hey, My, My", "Like A Hurricane" e "Rockin' In The Free World", o cantor seduziu os fiéis com inúmeros finais falsos, explosões de energia, passos desengonçados. Depois de cinco dias à base de britneys, axls, taylors miltons, browns e quepandos, Medina pôde finalmente bater no peito (como Young se despedindo do público, sem falar nada) e anunciar que o Rock In Rio seria inesquecível.

EXCLUSIVA

>> Neil Young

A cada ano, Neil Young fica melhor e mais rabugento. Odeia dar entrevistas e tirar fotos para a imprensa. Depois de muito dirosco, deixou a organização agendar uma coletiva. No dia dela, desmarcou. Disse que só falaria para pouquíssimos jornalistas. Adivinha qual publicação conseguiu a única exclusiva com Deus? Amém.

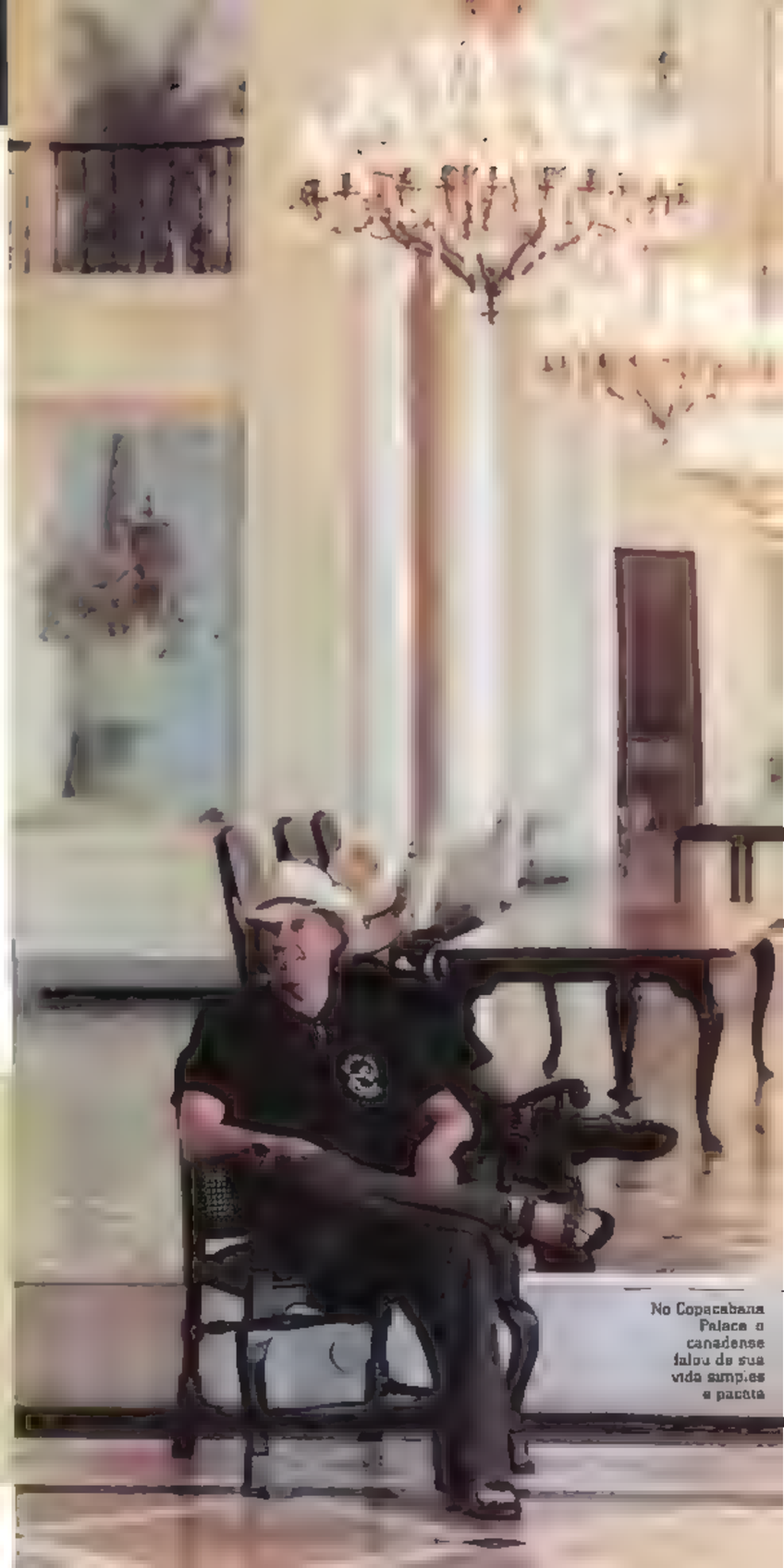
Quais foram as coisas que você viveu para compor as canções de seu último álbum de estúdio, *Silver & Gold*?
Ele é como a minha vida é. Um disco pessoal, em que escrevi sobre coisas da minha vida. Moro no norte da Califórnia, num rancho, com vacas, essas coisas. Tenho um estúdio de gravação lá. Fico escrevendo, fazendo as poucas coisas que gosto de fazer. No momento, estou gravando um novo CD. Gosto de levantar cedinho, deixar minha filhinha para a escola.

Como é o seu convívio com as pessoas onde você vive? Elas pedem autógrafo?
Sim, às vezes. Acabo de comprar um apartamento na cidade, onde minha família fica de vez em quando durante a semana. Agora está um pouco diferente, mais pessoas estão me reconhecendo.

Você ouve música contemporânea?
Ouço todo tipo de música nova. Gosto de rap. Não é algo que eu faria, mas, às vezes ele aparece na minha música.

Existe algum artista novo que siga a mesma filosofia ou ideais que você?
Sabe, há um enorme movimento musical [illegible]. É só o caso de ser sincero com a música. Cantar sobre o que é real para você e fazer isso ser importante. Chegar ao público e criar uma conexão com ele. A música é para a platéia. Não é a aparência da música, os efeitos visuais dela. É ela mesma, aquilo que você ouve. Você pode fechar os olhos e ver os fogos de artifício.

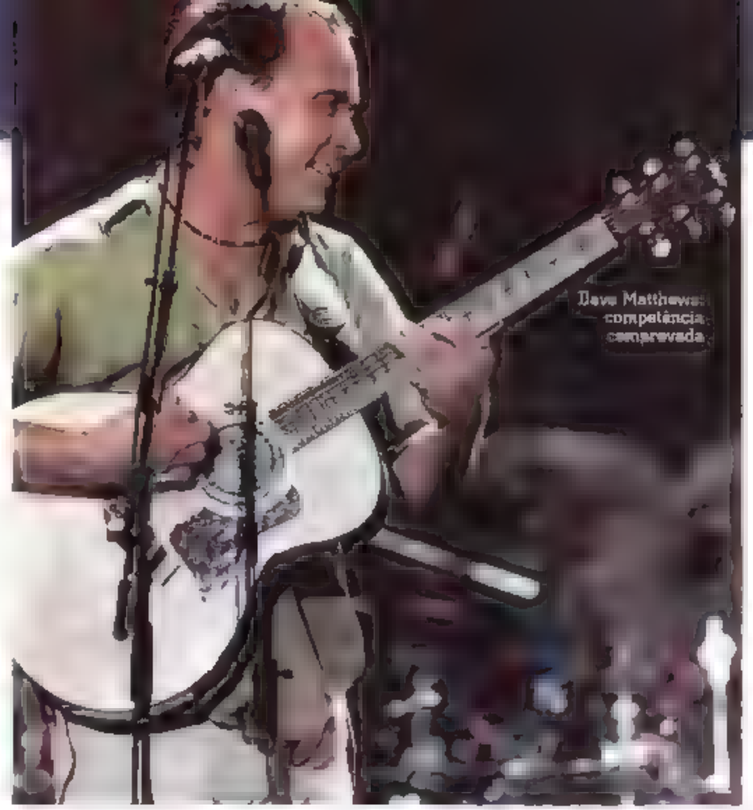
Você compra discos?
Não escuto rádio. Se a quem me dá um [illegible], provavelmente não ouço. Tenho coisas na cabeça o tempo todo e não gosto de desviar a atenção para ouvir outra coisa. Prefiro ouvir o que já faz parte do mundo, como o que rola no rádio. Você anda por aí e vai ouvindo o que rola. JFr



No Copacabana Palace, o canadense falou de sua vida simples e pacata

Porém, como diz aquele som do AC/DC, "é um longo caminho até o topo se você quer rock n roll". Para atingir o nirvana sônico proporcionado pelo canadense, o público precisou encarar os **Engenheiros Do Hawaii** provavelmente a banda brasileira que levou mais fãs ao festival. Humberto Gessinger fez tudo nos conformes, mesclando velharias ("Toda Forma De Poder" em versão lentinha não!) com boas novas ("Eu Que Não Amo Você", "Numeros"). O ápice foi a participação de Paulo Ricardo bancando o rebelde em "Radio Pirata". Rasgou até o coletinho, querendo que os jovens presentes acreditassem que ele já foi do rock. Depois, os primos **Elba** e **Zé Ramalho**. Em noite pretensamente fo k, a família correspondeu com "Avohai", "Admirável Gado Novo" e invocou o vento para sacudir a cabeleira na frenética "Frevo Mulher".

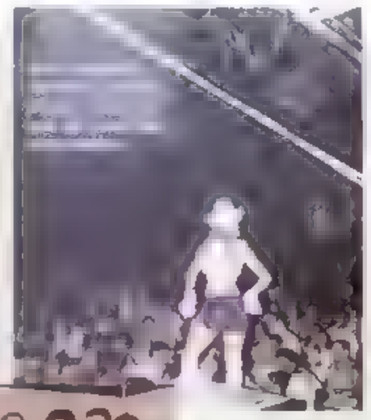
Do **Kid Abelha** não ha muito o que comentar. Nem teria cabimento, a essa altura do campeonato, querer encontrar falhas no grupo de Paula Toller. A banda mais coerente dos anos 80 sabe que megaevento não é lugar para experiências e apostou nos hits (e são muitos). A verdade é que o trio desafia o calendário. Sua música sempre foi pop – o que, em comparação com seus colegas de geração, só os engrandece – e a vocalista está mais bonita do que na época de *Seu Espião*. Sem deslizes também foi o set da **Dave Matthews Band**. Fãs na frente do palco cantaram junto "So Much To Say" e "Ants Marching", deixando-as ainda mais belas. Da competência dos músicos nem é preciso falar. Só vale um detalhe: enquanto variava viradas e improvisava minissolos, o baterista Carter Beauford soprava bolas de chiclete.



Sheryl Crow veio em seguida, tocando todos os hits de sua carreira – nos Estados Unidos, porque aqui seu sucesso restringe-se a "All I Wanna Do". A americana se esforçou, mostrou empolgação, tocou guitarra, violão e gaita, mandou a cover de "Sweet Child O'Mine" e gritou "Axl está de volta!". Que Axl o quê, minha filha! Quem vai voltar é o rock pelas gloriosas mãos de Neil Young.

TENDA ELECTRO >> Batidas da Baixada

Na tenda Brasil, espaço para a MPB revigorada de **Gilmarinha** e **Max de Castro**. Este último, com maior domínio do palco, puxou um coro ao descobrir que [illegible] conhecemos hoje e tava na [illegible] e Negão Muito e [illegible] lundu [illegible] com Mas [illegible] Nada" de Jorge Ben e [illegible] para o [illegible] Mas o agito mesmo estava na tenda electro, que passou ao ritmo do **BUM**. Brasília [illegible] Movement [illegible] grupos de Duque [illegible] da Baixada Fluminense. Além de produzirem as batidas eletrônicas na periferia carioca, eles [illegible] suas [illegible] em CD [illegible] *Underground Beats* volumes 1 e 2 [illegible] (vendido [illegible] e transmitido via internet) e estão começando a pensar vinis para selo Hamster. A noite nada mais é que um [illegible] de tendências. Em São Paulo, as empresas sabem disso e [illegible] em nossas [illegible] e festas, enquanto no Rio [illegible] difícil conseguir apoio para [illegible]. Na Baixada, então, não há muitas opções [illegible]. Praticamente [illegible] e parque. Nossa intenção é [illegible] sons novos a essas pessoas", explica o DJ Dalmar. Se depender da [illegible] recepcionista que teve no Back to Rio, a missão do BuM vai [illegible] bem mais fácil.



EXCLUSIVA >> Dave Matthews

Com simpatia, boa banda e excelentes composições, o sul-africano Dave Matthews conseguiu consolidar seu nome entre os artistas de "rock adulto contemporâneo" que mais vendem disco na América. A forte base de fãs prepara o dinheiro para comprar *Everyday*, oitavo álbum da carreira, que teve produção de Glen Ballard (Alanis Morissette) e promete ser mais [illegible] e preciso, sem [illegible]. A música de trabalho já é sucesso nos computadores dos afiliados.

"I Did It" é um fenômeno na internet, teve milhares de downloads. Você sabe exatamente quantos?
Não sei, mas soube que foram muitos. Nós a lançamos no Napster. Mas não sei como manter o álbum fora da internet.

Você conhece a banda inglesa Coldplay? Eles são a nova sensação britânica e o vocalista tem a mesma voz que a sua...
Ah, sim. Ouvi dizer que são bons. Um monte de gente está vindo me falar desse vocalista, que temos o mesmo tipo de voz.

Quem gosta da sua banda é mais fã de rock ou de jazz?
Acho que nossa audiência é, em sua maioria, roqueira. Mas são pessoas que gostam muito de jazz. Nosso som é rock. Tem vários instrumentos acústicos e é diferente de tudo o que está rolando no momento, mas se eu tivesse de rotular diria rock. Porque rock é isso: [illegible] e música de todos os lugares se juntando.

A impressão que tenho é que todo mundo que gosta do seu grupo toca algum instrumento. Você percebe isso?
Sim, tem muito disso. Carter (*Beauford*) é um dos [illegible] bateristas do mundo, então há um monte de bateristas que adoram a gente. Muitos músicos gostam do nosso som. Isso é porque somos bons, [illegible] as pessoas ficar [illegible]

>> Favoritos perdem em casa

Red Hot Chili Peppers decepciona com apresentação apática

Imagine seu time jogando em casa contra o Ibis, podendo perder por quatro gols de diferença que ainda garante a classificação para a próxima fase do campeonato, e tomar de 5 a 0. Foi mais ou menos assim o show do **Red Hot Chili Peppers**, fechando a última noite do Rock In Rio. A Cidade do Rock recebeu seu maior público (250 mil pessoas) para chacoalhar com a apresentação dos californianos. A torcida toda a favor, disposta a fazer mais barulho que os fogos de artifício reservados para o encerramento do evento. E os caras mandaram um show fuleiríssimo, sem tesão, no piloto automático. O troféu de pior do dia só não vai para a banda porque havia um Surto no meio do caminho. Mas ficou anos-luz atrás do Capital Inicial e do Silverchair.

Logo na primeira música, "Around The World", a desconfiança de que algo não estava certo. "Deve ser o volume, muito baixo", iludiram-se os fãs. Ao longo da apresentação, entretanto, nem a má qualidade do som serviu de álibi para o pífio espetáculo. Sem meias palavras: enganação, picaretagem. Arrasa-quarteirões como "Give It Away" e "Suck My Kiss" pareceram anêmicas, contadinhas – e a culpa não era dos alto-falantes. O vocalista Anthony Kiedis, (anti)pático, não mostrava um pentelhésimo de vitalidade. A letargia só diminuía com as baladas ("Under The Bridge", "I Could Have Lied"), que não exigiam contorcionismos. O quarteto foi infeliz também quando executou dois punk rocks do Circle Jerks. Em "Beverly Hills" e "Skins...", Kiedis pulava ou lia a letra, pregada no pedestal do microfone. Um trecho de "Hello", do Oasis, tocada e cantada pelo guitarrista John Frusciante, passou despercebido de todos. No bis, a xarope "Soul To Squeeze" e "Search & Destroy" (pálida diante do original dos Stooges), seguidas de uma masturbação instrumental perpetrada pelo baixista Flea e por Frusciante. Kiedis já havia se mandado para o camarim. Acabou. Na boa, se era para ser assim, melhor que ficassem em Los Angeles comendo M&Ms.

"O som é hard rock cantado em bom inglês, com letras que conseguem dizer algo", dizia a matéria sobre o **Diesel** na seção Democracia da edição de abril de 2000. Pois a banda mineira conquistou 20 minutos no Palco Mundo – graças à competição Escalada do Rock, que também deu oportunidade a outros sete grupos independentes de se apresentarem na tenda Brasil, em um horário, digamos, indecente – e ganhou muitos

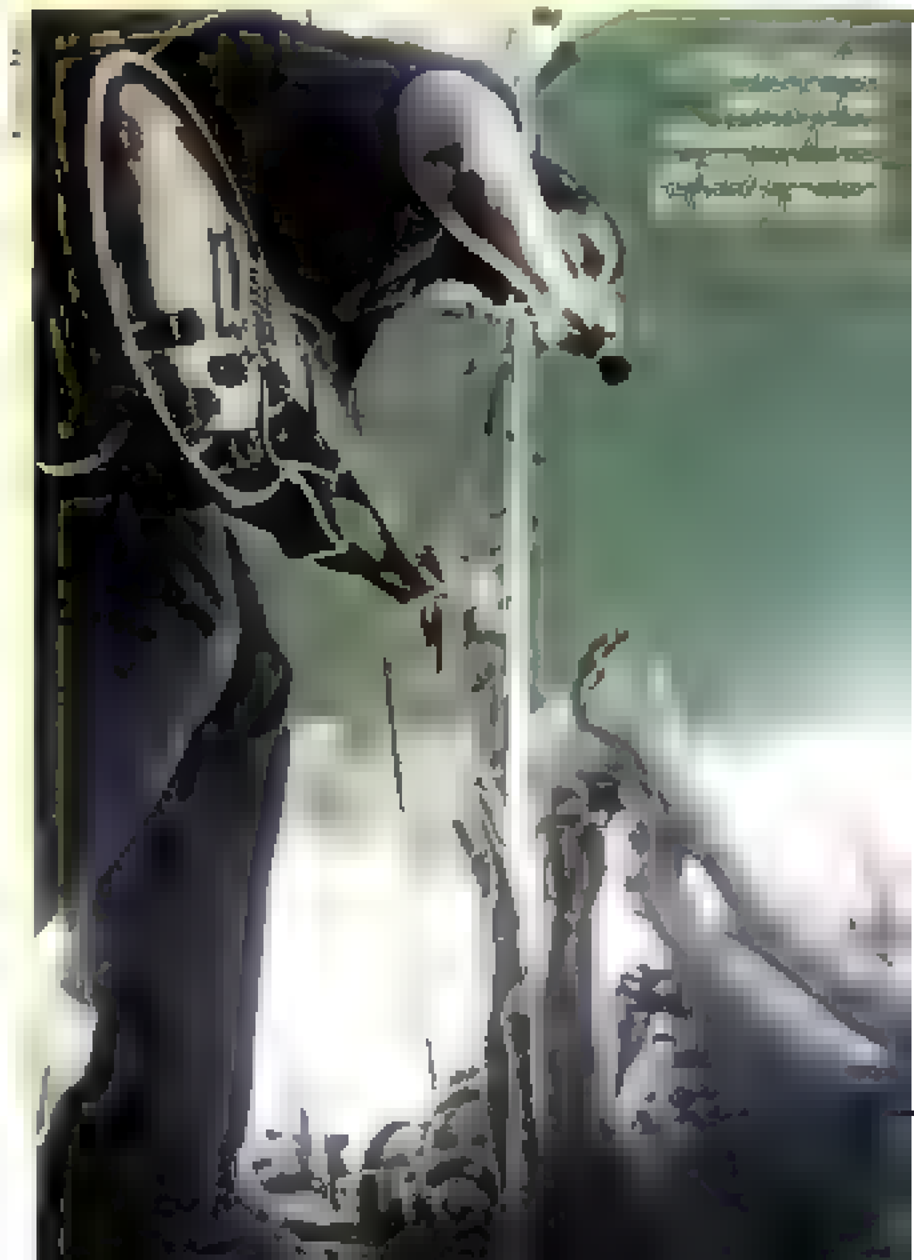
O banda de Anthony Kiedis só veio passear

Defiance: visual bonito, repertório mediano

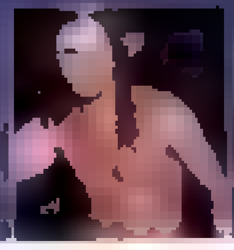
Um rosto "lindjo" e um biquinho encantador? O Surto foi o abacaxi do evento

TENDA BRASIL >> Os anos 80, sempre fortes

Veja você como anda o prestígio da **Plebe Rude**. Dona de um repertório mais que conhecido, a banda poderia estar no Palco Mundo, suprindo a inexplicável vontade que a massa tem de escutar os sucessos dos anos 80. Em vez disso, foi escalada para a tenda Brasil, lugar das atrações ditas menores. Como headliner? Nem isso. Philippe Seabra e seus plebeus tiveram de se contentar em abrir para sumidades do pop nacional como **Tianastácia** (dos 20 minutos a que tinham direito, queimaram a metade com a versão de "Forrest Caboclo"), Tribo de Jah e Biquíni Cavadão. Com galhardia, o quarteto superlotou o local executando "Minha Renda", "Até Quando Esperar" e "Johnny Vai À Guerra (Outra Vez)", entre outras gemas do cancioneiro brasiliense. Antes, lá no começo da tarde, o **Autoramas** fez seu costumeiro set – ... para um público que ainda não tinha chegado em grande quantidade. Depois da Plebe, a **Tribo De Jah** ... de Bob Marley ("One Love", "Roots Rock Reggae", "Redemption Song"), acalmando os ouvintes para o **Biquíni Cavadão**. Mais uma chance para a década de 80: "Tédio", "Zé Ninguém", "No Mundo Da Lua" (com a inacreditável ... de Marcelo Havena ...). Outros ... anos 80 ... estiveram presentes ... "Come As You Are", do Nirvana ...



Adriana Cândido Proença, 18 anos
"Red Hot foi o melhor. O Silverchair também ..."



"Fica difícil dizer o que foi melhor, talvez o Red Hot Chili Peppers. Silverchair também foi muito bom."

"Um que gostei muito foi o Capital Inicial. Foi durante o show deles que ... jeito, cheia de lama."

EXCLUSIVA >> Deftones

Chino *(de boné)*: à parte no novo metal

Já com 12 anos de carreira e três álbuns estourados nos EUA, o Deftones veio ao Rock In Rio mostrar que new metal também merece respeito. Sérios e confiantes quanto ao sucesso de sua primeira apresentação em terras brasileiras, declararam fazer shows apenas para se divertir, sem criar expectativas quanto à reação da platéia. O vocalista Chino Moreno e o DJ Frank Delgado falaram com BIZZ pouco antes de subirem ao palco na Cidade do Rock.

Como é tocar num festival desse tamanho para uma platéia que ainda não os conhece direito?
Chino Não importa muito se não temos nenhum hit para tocar para o público brasileiro, nosso show é mais para sentir. Desperta algo, é muito energético.
Frank Se as pessoas conseguem sentir que nós estamos realmente nos divertindo, elas vão se empolgar também.

O que vocês acham da nova cena de metal nos Estados Unidos?
Chino Não sabemos muito sobre isso porque não nos consideramos parte dela. Nós fomos uma das primeiras bandas, ao lado do Faith No More *(N. do E.: O FNM começou a fazer isso em 1984)*, a fazerem heavy metal com outros elementos. Queriam criar esse novo movimento na música e acho que as pessoas têm uma concepção errada de que todos esses grupos trabalham junto.

Onde vocês estarão daqui a dez anos?
Chino Eu provavelmente estarei fazendo música, pode ser com o Deftones ou no meu quarto. É o que quero desde criança.
Frank Há dez anos, estávamos fazendo a mesma coisa, mas numa escala menor. Então, nunca foi pela fama ou porque queremos ser estrelas. Hoje estamos felizes, pois as pessoas gostam da música que fazemos. Somos bem sortudos. **MB**

aplausos. A única mancada foi tentar ensinar o refrão de uma música para a audiência (que já era enorme às 18 horas): "Vamos lá, galera: Dad, disturbed, disgruinted..."

Mas esse era o dia da farra, da paquera (que o idealizador Roberto Medina disse ser mais importante que os shows) na Cidade do Rock. E com platéia festeira, todo mundo se dá bem, até mesmo **O Surto**, protagonista do pior show do terceiro Rock In Rio. Guitarrista, baixista e baterista horríveis, vocalista sem fôlego, citações a Limp Bizkit, Bob Marley, Charlie Brown Jr., Red Hot Chili Peppers (numa constrangedora versão em português de "Californication", cujo refrão ficou "triste mas eu não me queixo"), Raimundos, Ramones e Plebe Rude (ufa!) e mais uma dobradinha de "A Cera" comprovaram que os cearenses não mereciam a hora cheia que lhes deram. E a galera repetiu por 32 vezes a "me pirou o cabeção". Algo para perder toda e qualquer esperança no futuro da humanidade.

Para continuar a sacanagem, só mesmo o metal triste e alternativo do **Deftones**, uma das coisas mais chatas de que se tem notícia. Os presentes na celebração que foi o último dia de festival não ligaram muito para esse detalhe. O vocal abafado de Chino Moreno e as músicas de estruturas idênticas (começo devagar, explosão no meio, final barulhento) do grupo enganaram direitinho a massa. No finzinho, ainda mandaram uma cover de "Say It Ain't So", do Weezer, para agradar aos indies (ué, o que eles estavam fazendo lá?). Bom para eles, melhor para os ouvidos, pois chegara a hora de dois shows verdadeiramente de peso.

O **Capital Inicial** sentiu na prática o sucesso que seu disco acústico vem alcançando. Mas, sabiamente, preferiu eletrificar os instrumentos e fez uma das melhores apresentações entre os artistas nacionais do palco principal. Emocionado, o vocalista Dinho não se cansava de agradecer a platéia, soltando vários "do caralho!". Oscilando entre seus hits dos anos 90 e os clássicos da década de 80, o grupo deu uma lição de despretensão. Na primeira programação do Rock In Rio, nem constava o seu nome. Chamado às pressas para tapar o buraco deixado pela desistência de outras bandas (você sabe quais são), foi lá e mostrou que, hoje, realizar megaevento no Brasil sem escalar o Capital é insensatez.

Os australianos do **Silverchair** deram um showzão. Tanto para os meninos, que ganharam bons riffs de guitarra, quanto para as meninas, que, aos prantos, vibravam com as feições femininas do guitarrista e vocalista Daniel Johns. A banda pôde testar canções inéditas como "Hollywood", com sua bateria glam, e "One Way Mule", ambas de peso inebriante. Desprezaram hits fáceis ("Tomorrow", "Abuse Me", "Cemetery"), mas não ignoraram o momento isqueiro. "Ana's Song (Open Fire)" e "Miss You Love", juntinhas, incentivaram a cantoria da horda adolescente. O desfecho, com "Anthem For The Year 2000" e "Freak", dava pinta de que aquele seria o show da noite. E foi.

Daniel Johns, do Silverchair: riffs mais pesados que qualquer um do Iron Maiden

DATABIZZ >> Melhores shows*

1 R.E.M.
2 Iron Maiden
3 Guns N'Roses
4 Silverchair
5 Capital Inicial

* Neil Young não conta, porque é Deus

Piores shows**

1 O Surto
2 Carlinhos Brown
3 Milton Nascimento
4 James Taylor
5 Papa Roach

** Aaron ... é café com ... Ele é a turminha ...

Ódio no peito

Alguns dizeres que estamparam as camisetas dos mais irreverentes da platéia

"Eu odeio a Rede Globo"
"Eu odeio videokê"
"Eu odeio frutas cristalizadas"
"Medina é viado"

Dobradinhas

Ninguém pediu bis, mas elas foram tocadas duas vezes

- **"Rapunzel"**
  Daniela Mercury e Carlinhos Brown
- **"Should I Stay Or Should I Go"**
  Penélope e Ira! & Ultraje A Rigor
- **"(I Can't Get No) Satisfaction"**
  Sylvinho com Serguei e Britney Spears
- **"Sweet Child O'Mine"**
  Guns N' Roses e Sheryl Crow
- **"Hey Hey My My (Into The Black)"**
  Oasis e Neil Young
- **"Tudo Que Vai"**
  Toni Platão e Capital Inicial
- **"Californication"**
  Red Hot Chili Peppers e O Surto (versão para "Triste Mas Eu Não Me Queixo")
- **"Até Quando Esperar"**
  Plebe Rude e O Surto
- **"Eu Quero Ver O Oco"**
  Virgulóides e O Surto
- **"A Cera"**
  O Surto e O Surto

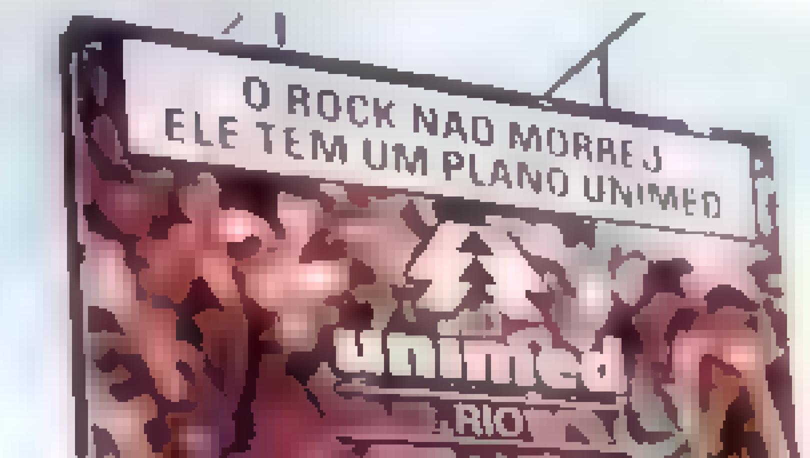
Strani Amori

A Legião Urbana esteve presente no Rock in Rio. Justamente a banda de Renato Russo, que odiava tocar em festivais

- **"Por Enquanto"**
  Cássia Eller
- **"Faroeste Caboclo"**
  Tianastácia
- **"Quando O Sol Bater Na Janela Do Teu Quarto"**
  Barão Vermelho
- **"Que País É Esse"**
  Capital Inicial
- **"Teorema"**
  Ira!

Propaganda é a arma do negócio

A Unimed leva o troféu de empresa mais antenada com o evento



Publicada desde 1976.
necessária desde 6

ISTOÉ
ANO LXIV

EXCLUSIVO
FOI NERO

ISTOÉ
independente

Fran Healy *(de gorro)*: trabalhando para fazer o *The Man Who* "parte 2"

O último romântico

Em meio a tanta baixaria que invadiu o pop atual, resta um cara que insiste em acreditar no amor, nas pessoas e no poder da canção. Seu nome é Fran Healy, o cabeça do Travis

Por José Flavio Júnior

Ele é simples, ele é bobo, ele é o piloto (da banda que constrói as melhores melodias na atualidade). O jeito de o artesão Fran Healy tratar seu trabalho e as coisas da vida se aproxima dos preceitos hippies. Seu Deus é a canção. Felicidade para esse ser [illegible] ver milhões de pessoas cantando "Turn", "Driftwood" [illegible] "Why Does It Always Rain On Me?" por aí. Tem noção [illegible] a uma realização [illegible] [illegible] Ilhas Britânicas desde Smiths. Mas fazer [illegible] O que [illegible] [illegible] sabe [illegible] compor boas músicas. Entregou [illegible] álbuns *Good Feeling* (199[illegible]) [illegible] no Brasil) e *The Man Who* (1999) e daqui a uns quatro meses sairá com *Afte*[illegible] possível nome do terceiro rebento da banda.

Fran estava em Londres, onde vive, quando falou com BIZZ. Disse que ainda precisava de mais três músicas para concluir o [illegible] trabalho, que trará a maravilha sessentista "Coming Around" (já lançada como single em 2000) em seu repertório. Quem teve contato com os discos e está com água na boca esperando [illegible] próximo pode [illegible] com [illegible] suas [illegible] lados B, que estão [illegible] [illegible] em dois [illegible] [illegible] *B* [illegible] *Ra*[illegible] "Coming My Hair" [illegible] 20[illegible] [illegible] de 30 [illegible] [illegible] que o Travis deixou de [illegible] de seus dois álbuns. Muitas [illegible] razões para o fã da boa música [illegible] neste momento. O simpático líder [illegible] quarteto explica sua filosofia e aproveita para dar uma aguçada: "[illegible] bom to quanto *The Man Who*". Que [illegible] seja louvada.

Uma vez você disse que *The Man Who* era a continuação do primeiro disco, porque *Good Feeling* é cheio de hinos roqueiros mas termina bem suave, com três baladas e nesse quase só existem canções de amor. O terceiro álbum do Travis será um novo capítulo? Algo mudará?

Não tenho ideia. Basicamente, sento e escrevo canções. Cada uma que foi incluída no álbum fala por si mesma e tem a sua atmosfera. Isso é [illegible] [illegible] funcionar, se não funcionar, não funcionará. Você terá de viver para ver. É melhor fazer isso do que ficar pensando muito.

Mas não está mais rock do que o último trabalho?

Não, está bem mais... Você já esteve num daqueles I Max Cinema? É um cinema de 360 graus. Vai ser como isso, "[illegible] Max" [illegible] Porque [illegible] Nigel Godrich *(produtor de OK Computer do Radiohead, que já trabalhou [illegible])* [illegible] é quem mais sabe tratar canções. Ele está fazendo um trabalho [illegible] absolutamente maravilhoso. O primeiro álbum era o Travis [illegible] qual era a da banda. No segundo [illegible] [illegible] também, mas havia [illegible] de soar mais refinado e [illegible] baladas [illegible] O próximo está [illegible] do tão bom quanto *The Man Who*. Estou muito feliz por isso.

Na matéria sobre o Festival Glastonburry de 2000, uma jornalista de BIZZ descreveu você como "o último compositor heterossexual romântico na música pop".

Risos. Acho que não sou o último, mas sou um deles. Acho que isso tem a ver com o que fazemos e pensamos. Tem um lance ficcional na ideia do romantismo, como se fosse um conto de fadas, com tristeza, essas coisas. Alguém disse que o meu jeito de escrever fazia lembrar Cole Porter – no sentido de que você pode ouvir e achar que não são só os meus sentimentos que são daquela forma. Outras pessoas ficam assim também.

Como foi ouvir Paul McCartney tocando "Turn" no programa de televisão de Jools Holland (transmitido no Brasil pelo canal por assinatura People+Arts)?

Engraçado, porque parece uma [illegible] [illegible] David Gilmour, do Pink Floyd [illegible] tentando tirar [illegible] e não conseguia. Foi um grande elogio para mim.

"Com certeza, vamos ficar mais famosos que Blur e Oasis. Não somos egoístas ou egocêntricos. Somos normais. Não estamos interessados nesse lance de popstar, não é a nossa"

Voce costuma dizer que suas canções têm de ser maiores que a banda. O que exatamente isso quer dizer?
Simplesmente que isso existirá quatro caras na banda e essas canções pertencerão a milhões e milhões de pessoas. São de todo o mundo. Esse é o nosso trabalho como artistas: dar apoio que sabemos fazer para as pessoas que não podem fazer. Música nove so vendo e para milhões cantarem. Porque, se você não vê assim, depois de um tempo as canções desaparecem e você fica só com a banda. E temos muitas outras preocupações com as músicas.

Você ouve bandas novas?
Não. (*risos*) Porque, recentemente, não andei vendo bons shows de bandas novas, talvez por não ter achado que existam muitas coisas boas por aí capazes de me cativar. Não vou à loja de discos procurar grupos novos, faço parte desse 1% da população. Prefiro andar no meu carro, ligar o rádio, me surpreender com uma boa canção pop, ver a propaganda na MTV, fazer a conexão com o que me interessar em determinado ato.

Você gosta de Coldplay?
Sim, sim. Eles são fantásticos.

O Travis fez uma versão para "Baby One More Time" de Britney Spears. Já houve um encontro entre vocês?
Ainda não.

Se ela perguntasse "Why does it always rain on me?" (nome de outra música do Travis, que significa "por que sempre chove em mim?"), qual seria sua resposta?
Eu não poderia responder, porque ela ainda não tem 17 anos. Porque a música diz "is it because I lied when I was seventeen?" ("é porque eu menti quando tinha 17 anos?"). Entendeu? (*Risos*) Não tenho a menor idéia do que diria. Só sei que Britney é muito boa no que faz e deve dar muito prazer às pessoas. Gosto porque é alegre e contagiante.

Por que você é o único da banda que [illegible]?

O que isso significa para você?
Kilt é fantástico. Antes 100% das pessoas usavam saias porque as calças ainda não haviam sido inventadas. Acho que é algo muito tradicional me fazer sentir assim. Você deveria tentar algum dia! É mais confortável. Não é tão frio quanto parece, e é só mais fresco. Realmente, acho que você deveria arrumar uma saia para ver como é (*risos*).

Como está sendo conseguir tanto reconhecimento nos Estados Unidos?
Acho que nos ainda temos um longo caminho pela frente, tanto na América como na Europa. Não fiquei surpreso com o sucesso, porque nossos shows sempre foram feitos bem devagarzinho. Mas é muito bom saber que gente do mundo inteiro está comprando nossos discos.

Você acha que o Travis ficará mais famoso do que grupos como Blur e Oasis?
Claro. Com certeza. Somos diferentes e tomamos mais cuidado. Nos preocupamos muito mais com as pessoas. E pessoas são pessoas, onde quer que você vá. Somos uma banda que toca para elas. Não somos egoístas ou egocêntricos de maneira nenhuma. Somos normais, temos nossos fãs, nos divertimos nos feriados, bebemos muitas xícaras de chá. Normais mesmo. Não estamos interessados nesse lance de popstar, não é a nossa.

Damon Albarn, do Blur, andou falando mal de vocês. Disse que se o mundo fosse como uma música do Travis seria um lugar extremamente chato de se viver.
Damon deveria perceber que não é só o Travis. Isso remete a todos os estilos musicais, a todos os tipos de pessoas. Tem uma canção nossa, um dele, uma de Nina Simone, uma de Grandmaster Flash, uma pintura de Picasso, uma de Rembrandt. Se você pegar uma coisa e claro que será chato. Não é só Travis, só Blur. Acho que ele pode ter sido mal interpretado pela imprensa, pois não creio que Damon seja tão estupido. Ele é bem inteligente. Ate gosto de algumas músicas do Blur. Não tenho discos deles, mas aquela "Country House" é legal.

Você gosta das novas bandas escocesas, como Belle And Sebastian, Mogwai, Delgados.
Amo todas elas. Todo mundo se conhece. Quanto tínhamos 16 anos, eu e o Stuart David, do Belle And Sebastian, sempre íamos à casa do outro... É uma banda fantástica. A Escócia é fantástica.

Por que você saiu de lá?
Porque eu já era contratado com uma gravadora. Tive um grupo na Escócia por seis anos e as coisas eram incríveis. Mas sinto saudade de Glasgow. Só que, se você tem uma banda, tem de esquecer seu lar e arriscar. Mas existe um bar lá, no qual costumávamos nos encontrar, e é para onde vamos sempre que ganhamos um novo prêmio. Isso é bem legal.

Qual é o motivo de existirem tantas bandas boas na Escócia no momento?
Respect, mate! Acho que não é só lá. Tem no País de Gales, em Manchester. Deve existir um cara que decide: "Agora vamos falar da Escócia" e todos começam a prestar atenção àquela cena. Acho que o país foi escolhido porque há muito tempo ninguém olhava para lá e os músicos estavam tranquilidade para ficar sozinhos e se desenvolver. Se você mora em Londres e monta uma banda, depois de dois meses aparecem dez gravadoras querendo contratá-la, mesmo se o trabalho ainda não esta pronto. Já na Escócia podia demorar cinco anos para que alguém se interessasse pelo seu grupo.

Você conhece algo do Brasil?
Sim. Eu tinha um amigo em Glasgow chamado Fernando. Acho que ele era da capital.

Brasília?
Não, não. Aquela que tem um carregamento de pé.

Rio?
Será que era Rio de Janeiro? Talvez. Ou era São Paulo? Realmente não consigo me lembrar. Do Brasil também conheço o maravilhoso futebol, de técnica fantástica, com o melhor método de treinamento. Vocês ganharam da Escócia no primeiro jogo da Copa do Mundo na França e eu fui ao estádio. Os torcedores das duas seleções são ótimos, só queremos diversão. Fiquei triste quando o Brasil perdeu a final porque os jogadores estavam sendo muito pressionados. Não foi justo. E eu estava torcendo muito, ficava gritando "yeaaah, Brasil!".

OS PÁRA-QUEDAS DO SUCESSO

A voz é de Dave Matthews, mas o som não. Chris Martin, vocalista da mais nova sensação britânica, diz desconhecer o trabalho desse americano e prefere elogiar outro. Jeff Buckley. Realmente, os pares e as letras apaixonadas dos baladeiros do **Coldplay**, que estreou no ano passado com o álbum *Parachutes*, estão mais na praia do falecido guitarrista. Mas também já chamaram sua banda de Travis Jr. e de novo Oasis... Esse tipo de comparação é só uma das chatices que, aos 23 anos, o inglês Chris está aprendendo a debelar. Aparecer, fincar os pés e se destacar de maneira não é nada fácil. Mesmo para os bons.

Você imaginava que a Coldplay ficaria conhecida tão rápido?
Não. Sim. Quer dizer, nós ainda não somos tão grandes quanto o U2, porém é isso o que conseguimos até o momento (*risos*).

Há alguns meses você disse que sua banda era uma das dez melhores do mundo no momento. Ainda pensa da mesma forma?
É, ainda estamos entre as dez.

Quais são as outras nove?
Deixa eu ver... R.E.M., Spiritualized, Flaming Lips, Mercury Rev, Radiohead, Oasis, Sigur Rós, Björk e PJ Harvey.

Muita gente diz que a Coldplay é o novo Travis. Essa comparação agrada vocês?
Não ligamos muito para isso. O pessoal do Travis é muito gente boa. Queremos deles, uma camiseta grossa de muitas outras bandas.

Chris Martin (segundo da esq. para a dir.) garante que seu grupo está entre as dez melhores do mundo

É cheio ser chamado pela imprensa de bons garotos a toda hora? Vocês são realmente rapazes tão simpáticos como falam por aí?
Não, cada jornalista quer um ângulo, estilo? As pessoas querem uma imagem sua e acabam tendo, mesmo se você não fizer nada. E a gente não está nessa há muito tempo. Então, quanto mais gente nos conhecer, mais satisfeitos ficaremos.

Como você se sentia quando *Parachutes* foi lançado e não ganhou nenhuma nota abaixo de oito ou quatro estrelas de imprensa?
Foi difícil de acreditar. Mas pensamos: "Bem, eles devem estar guardando as críticas negativas para o segundo disco" (*risos*). Agora (*seis meses após o lançamento oficial do álbum*), já tem um monte de gente que não gosta mais (*risos*). Mas isso é normal. Eu faço o mesmo quando bandas que conheço começam a ficar famosas demais. Fico preocupado.

Aproveitando que a primeira turnê americana do Coldplay começa agora, em fevereiro, você poderia me dizer por que as bandas britânicas não estão conseguindo o mesmo sucesso nos Estados Unidos que as de lá conseguem na Inglaterra?
Acho que a América é muito grande. Se você consegue fazer sucesso lá, consegue em qualquer lugar. Por outro lado, a Grã-Bretanha é tão pequena que ninguém percebe o quão grande os Estados Unidos são. Mas o nosso disco está indo bem lá... A verdade é que não sei muito sobre a indústria musical. Só queremos tocar para quem quiser ouvir. Não vemos a hora de conquistar a América inteira.

Crentes de que ainda há espaço para uma "genuína, real e sincera banda de rock", Ian Astbury e Billy Duffy prometem invadir 2001 com novo disco e aquela garra que atrai fãs de vários estilos

Por Carlos Eduardo Oliveira fotos Luiz Queiroz

A voz continua a mesma

É um de tarde calorento no hotel chique da zona sul de São Paulo e a entrevista está atrasada. O Cult ainda não voltou da pelada contra um time de brasileiros numa chácara afastada. Instantes depois, todos chegam suados, discretamente, sem muito auê – talvez por conta do "chocolate" (8 x 2) trazido na bagagem. "Para provar, não [illegible] segurança ao jogo do Brasil ontem, o que foi uma pena", conta o vocalista Ian Astbury, referindo-se à partida em que o escrete canarinho havia batido a Colômbia pelo escore mínimo. Extracampo, entretanto, dois guitarrista Billy Duffy e o recém-operado baterista Matt Sorum (ex-Guns N' Roses) têm motivos de sobra para celebrar. Contratado por uma grande gravadora (Warner), o eclético grupo inglês (agrada a punks, headbangers, góticos e roqueiros em geral), que há cinco anos se desmanchou em terras brasileiras, encarna a Fênix e grava disco novo, negocia [illegible] com o Aerosmith e promete reconquistar vaga no Olimpo mundial. "Acreditem, somos esta é uma sincera e genuína banda de rock, e nossa paixão está de volta", afirma o vocalista.

Quem viu um dos shows da minitur[illegible] que passou por aqui recentemente tem poucos motivos para duvidar. Já de roupas trocadas, Ian e Billy recebem BIZZ com revelações como a de que, ao sucumbirem temporariamente [illegible] por seu *rock 'n' roll*, [illegible] salvaram não só a vida da banda, mas também a do cantor. "Com certeza eu teria morrido no final daquele ano", [illegible] Astbury, entre um nac[illegible]

Cinco anos atrás, o Cult acabou no Brasil. É verdade que vocês até trocaram sopa pos por aqui?

Billy Duffy Temos acabado no Brasil foi coincidência, há muito tempo estava rolando uma enorme crise. Mas não houve agressões, foi uma guerra de palavras.

Ian Astbury Foi tudo fruto de frustração e cansaço, especialmente para mim. Não podia continuar, minha autoconfiança estava a zero, eu estava instável, cheio de problemas pessoais. Acho que não estávamos preparados para tudo aquilo, para o sucesso. De jeito que as coisas ar[illegible], com certeza eu teria morrido no final daquele ano. Se não tivéssemos parado, o Cult teria virado uma piada – ao dar um tempo, salvamos a banda. Penso em uma peça com dois atos: agora que estamos no ato 2, não cometeremos os erros do ato 1.

Que tipo de erros?

Ian Quando você é jovem e entra na música, ninguém ensina o que vai acontecer. Você curte a música pela música e, de repente, tudo vira negócios, empresários, advogados, promotores... E logo você se torna responsável pelo sustento financeiro não apenas de sua família, mas também da família de um monte de gente. Aí vem [illegible] [illegible] vêem e ri revistas e na tevê. Mas agora estamos muito mais maduros e unidos contra tudo isso. Aprenda a transformar a vulnerabilidade em uma coisa boa, gosto da energia de nunca saber o que vai acontecer a seguir.

Assim como Mick Jagger e Keith Richards ou Joe Perry e Steven Tyler, vocês também sofrem de dependência artística no sentido de que um completa o outro?

Billy Muito, bastante mesmo. Sabemos que entre nós existe uma química [illegible] nos[illegible], e é isso que faz o Cult. Sem ela, duvido que tenhamos [illegible] resultados. Mas não é só isso. Como pessoas, curtimos a companhia um do outro. Quando a banda acabou, eu sentia muita falta do Ian. E ia visitá-lo. Seria babaquice não ir só porque a grupo havia parado.

O que fez com que vocês voltassem?

Ian A principal razão é que um elemento original criado pelo Cult – a combinação de riffs pesados com um forte ingrediente melódico – passou rapidamente, ainda não foi totalmente explorado. Nisso, Billy foi um dos pioneiros. Tenho certeza de que ainda há espaço para esse tipo de proposta musical.

O cantor garante que é preciso muita personalidade para encarar o palco todas as noites. E também para tosar o cabelão

A dupla não poupa ninguém: Revival dos anos 80? "É igual a um show de cabaré." Kiss? "É engraçado, mas é brega." Aerosmith? "É respeitável, mas virou pop." Metallica? "Gostava deles antes."

O público também pensa assim?
Billy Veja só: uma das coisas que mais nos alegrou nessa volta foi termos sido contratados por uma grande gravadora só porque os caras nos viram tocando e sentiram que o poder de fogo é o mesmo. Eles sabem que tudo o que temos a fazer é lançar um disco conectado com nossos shows. Vinte anos atrás era impensável um músico com mais de 30 anos fazer rock. Isso mudou, você não precisa mais ter 18 anos e estar zangado com seus pais. Há toda uma geração na casa dos 30 anos que ainda gosta de rock e compra CDs. Minha política é: seja honesto que seu público corresponderá. Às vezes sua música vai estar na moda, às vezes não. Mas isso é parte do jogo.

O que se pode esperar do novo disco?
Billy Fazer algo que soasse como há dez anos não vale, então o disco tem uma qualidade entre o novo e o velho Cult. Estou resgatando sons de 1983, 84, de antes de qualquer um conhecer a banda. Em *Ceremony* (1995), tentei coisas mais modernas e não deu certo. Não gosto dele, tem apenas uma ou duas músicas boas. Então, é hora de voltar ao bom rock. O disco vai soar como um Cream (*o último power trio britânico*) moderno, melódico e pesado. Em cinco anos, gravamos apenas uma música, para a trilha sonora de um filme (*"Painted On My Heart", de 60 Segundos*) e, ainda assim, vem muita gente nos ver e demonstrar seu amor pela banda. Queremos retribuir essa devoção com o melhor CD possível.
Ian O primeiro single, a balada "Painted On My Heart", é uma exceção. A alma do disco são rifs pesados de guitarra. Tenho muita fé nesse trabalho. A última vez que senti que estava fazendo algo tão especial foi durante as gravações de *Sonic Temple* (1989). Estou impressionado com o nível de energia e determinação que conseguimos no estúdio.

De guitarristas sempre se espera discos solo. Por que nunca gravou o seu?
Billy Costumo dizer que no Cult eu consigo me expressar plenamente e gravar se fosse meu álbum-solo. Sempre tive essa liberdade. Ian é um cara muito aberto. Temos um casamento musical onde em tudo cabe 50% de cada um.

Matt está definitivamente de volta?
Ian Sim, ele teve idas e vindas com Axl Rose, mas sempre foi um Cult. No passado, tivemos bateristas que estavam na banda só por etiquete-refeição, por assim dizer. Por conseqüência, suas performances eram pobres. Matt não: ele tem um nível de energia e profissionalismo que nos empurra para a frente. Justamente do que precisávamos.

O que acha do revival de várias das bandas dos anos 80?
Ian Para mim, é igual a show de cabaré. Não temos nada a ver com isso. Acreditem ou não, esta é uma genuína, real e sincera banda de rock. Depois de cinco anos, a paixão está de volta.

Mas no que o Cult se diferencia delas?
Billy Por algum motivo, não somos rotulados sob o questo "banda que se reforma e volta a excursionar". Como o Kiss que é irônico, engraçado, mas é brega. Somos tratados no mesmo nível dos grupos que estão ao lado.
Ian Talvez seja apenas sorte. Mas posso garantir: o que a moleca que vai aos shows pensa que somos, nós realmente somos. Não estamos apenas alimentando suas fantasias. Há tanta opressão no mundo que uma banda de rock pode ser importante na vida de uma pessoa, dando a ela otimismo e inspiração. Comigo foi assim, com o Clash.

O que faz o Cult agradar a públicos tão distintos?
Ian Rock pesado melódico. Mas também o fato de ter surgido em meio ao pós-punk inglês e, depois, tomado parte de uma nova cena que surgia com Guns N' Roses, Metallica, Soundgarden e Alice In Chains. Hoje, não vejo quem faça som parecido com o nosso. Há os que comungam com o hip-hop, como Korn e Limp Biskit, e há os que fazem a linha do Queens Of Stone Age. O que fazemos é muito mais dramático.
Billy Nossa proposta é muito abrangente. Somos uma espécie de Stone Temple Pilots misturado com Led Zeppelin. Acho essa descrição justa. Hoje não há muitas bandas boas, todo mundo está se repetindo. Fui a um show do Metallica e saí decepcionado, eu gostava deles antes. O Aerosmith é respeitável, mas virou pop. Por isso, ainda temos nosso espaço na cena.

Em seu recente disco-solo, *Spirit Light Speed*, você flertou com elementos de música eletrônica. Repetirá a experiência no Cult?
Ian Nesse disco minha idéia foi fazer algo extremamente experimental, com bandas dance e programações. Mas isso é algo totalmente inapropriado ao Cult. Até porque raramente contribuo musicalmente aí; em geral é Billy quem surge com um riff ou a música pronta. Eu só ponho letra e melodia.

Em entrevista a BIZZ, Ray Manzarek dos Doors, disse que o Cult foi o grupo de que ele mais gostou entre os que participaram do álbum-tributo a sua ex-banda. O tecladista falou também que o Cult tem força e espírito, e que Ian é o único cara no mundo que talvez pudesse substituir Jim Morrison.
Billy *(Dando tapinhas nas costas de Astbury)* Ai, meu garoto!
Ian É muito bndo ele dizer isso. Ray é um grande cara, um dos poucos músicos que conheci capaz de compartilhar seu talento com quem o admira. É muito importante encontrarmos com esse tipo de opinião agora porque, quando começamos, recebemos da imprensa inglesa incontáveis tipos de críticas negativas, inclusive sobre nossa aparência, sexualidade, etc. Também nos gozavam por causa das idéias sobre espiritualidade – algo além do mero entretenimento, mas que servia para a mágica de uma grande banda de rock. E aqui estamos nós, 15 anos depois, com gente como os Doors nos elogiando.
Billy Há pouco tempo, fizemos um show para a tevê americana com Ray e os outros Doors, Robby Krieger e John Densmore. Tocamos "Alabama Song" e "Back Door Man". Tudo ia bem até que em "Wild Child" bati o olho no bumbo da bateria e li "The Doors". Pensei: Meu Deus, estou sonhando, estou mesmo tocando com os Doors. Quase entrei em parafuso! Esse show vai sair em vídeo logo mais.

O Cult sempre tentou passar mensagens espirituais em algumas canções. Essa intenção permanece?
Ian Não somos mais moleques, por isso o mínimo que podemos fazer como músicos é sacar nosso papel no mundo. Tentamos ser o mais positivos que podemos em tudo sobre o Cult. Eu não diria espiritualidade, mas solidariedade e compreensão são sentimentos que estarão no próximo disco.

Para o guitarrista, o Cult vai soar como um Cream moderno melódico e pesado

UM VOCALISTA QUE ESTÁ COM A CABEÇA SEMPRE FEITA

1985, *Love*: Neopsicodélico ou gótico, mas com o cabelão destoando da figurino

1987 *Electric*: Sai o brilho, entra o chapéu de pele de esquilo e a adoração pela cultura indígena

1989, *Sonic Temple*: O visual rocker continua, com muito couro e roupas apertadas

1994, *The Cult*: Ian (*à esq.*) toma um banho de loja, corta o cabelo e começa a usar roupas civis

~~Não~~ estacione: garagem

Entre no universo de distorção, sujeira e crueza que, a partir da década de 60, provocou o surgimento de milhares de bandas dedicadas ao barulho puro e simples, sem pretensões de vender milhares de cópias ou de se tornar estrelas

Por Marco Bezzi Ilustração: Diego Medina

Garagem é o lugar para guardar a caranga, certo? Mais ou menos. Quando a molecada americana nos idos de 1960 descobriu que esse espaço da casa servia também para dissecar suas frustrações, indignações e paixonites escolares em forma de música, o rock mais uma vez se reergueu da catacumba e fez uma geração inteira abastada voltar a chacoalhar as cadeiras. Essa leva toda que veio abençoada pela invasão inglesa, pela sexualidade do blues americano de décadas anteriores e pelas bandas de surf music como os Ventures também servia de inspiração para muitos grupos atuais que não se rendem a modismos e modernidades e cuspe-e-rasga goela abaixo.

Espalhados por inúmeros lugares (especialmente pelo território tanque), uma raça que sustenta o espírito da música pela música, sem ter a obrigação de tocar para grandes platéias e de ver seu nome vinculado numa MTV da vida pegou carona no pseudo-estouro de Jon Spencer Blues Explosion para mostrar que existe muito banco de bom além das boba gens que chegam aos nossos ouvidos. As bandas dessa irmandade que, no início dos anos 60, foram as primeiras a sustentar o título punk rock, tiveram de se contentar com outro nome, já que um tal de Sex Pistols tomou o rótulo de assalto em 1977. E o que restou para elas? Inventar uma outra ins gma ou acertar o velho e ainda imbatível "bandas de garagem".

INVASÃO BRITÂNICA

No início dos anos 60, os kits americanos vieram se tornados por figurinhas "do mal", tipo Paul Anka e Patty Page – decorrência da suposta morte do rock (Viva Não é só agora que se fala nessa baleia. Mas, se nos Estados Unidos a molecada era obrigada a tapar os ouvidos quando seus pais ligavam o rádio, na Inglaterra uma nova armada surgia e teria papel fundamental na formação futura dos gringos. Bandas como Yardbyrds, Rolling Stones, The Who, Kinks, Them e Beatles começavam a construir o seu legado e, é claro, teriam sua onda reverberação nas terras do Tio Sam a chamada invasão britânica.

Empolgados com a popularidade que essa molecada tinha com o sexo feminino e gozando de uma próspera economia, os jovens americanos iniciaram sua peregrinação aos subúrbios e, em vez de pedirem bolas de basquete ou tacos de beisebol, imploravam por guitarras, kits de bateria e, de lambuja, uma garagem. Essa primeira turma calcava o som nos grupos da Grã Bretanha sem, no entanto, deixar de adicionar algumas particularidades: 1) formalmente o vocal era mais gritado, depravado – influência dos bluseiros americanos da década de 50, a Screaming Jay Hawkins, Howlin Wolf, etc; 2) o som era mais cru, menos "sofisticado", três acordes e sai de baixo; 3) o uso de um efeito de guitarra chamado fuzz (que anos mais tarde seria colocado na história de forma definitiva por Jimi Hendrix) tornava a barulheira bem mais rasgada e nervosa; 4) um teclado de nome Farfisa.

Sonics, Chocolat Watchband, Seeds, The Barbarians, The Standalls e Thirteen Floor Elevators são alguns das centenas de nomes que fizeram seus compactos famosos entre 1963 e 1969. Isso até uma penca de imprevistos empurrar a nova onda para baixo do tapete: a guerra do Vietnã, o fracasso comercial da maioria das bandas e a chegada da universidade. Mas aí, meu irmão, o estrago já estava feito. E em 1972, Lane Kaye, futuro guitarrista de Patti Smith, teve a feliz idéia de jogar no mercado um álbum duplo que mexeu com a cabeça de Clash a Sex Pistols. Inconformado com a chatice daquilo que era chamado de "música madura" (ou música progressiva), *Nuggets* era um álbum que resgatava aquele período mágico entre 1963 e 1969 e que, antes de tudo, ditou e diraria modas e costumes.

NOVA "VELHA" GERAÇÃO

Com uma passagem discreta pelos anos 80, grupos como **Fuzztones, Fleshtones, Dynucs e Nomads** fizeram a colcha para uma nova geração prestes a tomar como referências apreciadores das boas tosqueiras. Afora a sensacional caravana freak chamada **Cramps**, um só nome que camunhava pelo underground americano em meados desta década se desdobraria em três outras bandas de ponta. Filhos de Nova York, o **Pussy Galore**, um dos trabalhos mais barulhentos que já passaram por este planetinha, era capitaneado pelo ge-

Make-Up Jon Spencer Blues Explosion e Demolition Doll Rods: três visões diferentes da mesma devoção

Cena do rock alternativo uma ova: Jon Spencer diz que seu trio se identifica é com o blues – segundo ele, um ritmo mais velho, interessante e esquizofrênico. E, em suas mãos, mais tosco também

nial Jon Spencer e não só gerou sua descomunal banda, como fez o favor de nos brindar com o **Boss Hog** (da deliciosa Cristina Martinez, mulher de Spencer que conheceu num show do Jesus & Mary Chains, em 1985) e o **Royal Trux** projeto mais industrial e tão insano de outros dois integrantes do Pussy.

Além de ser uma das mais finas mostras do movimento, o **Jon Spencer Blues Explosion** foi o grande culpado por muito neguinho começar a prestar atenção ao que outros nomes da cena tinham a dizer. "Nós identificamos mais com o blues do que com a cena de rock alternativo. Mas não vejo muita diferença, exceto que o blues é mais velho, mais interessante e esquizofrênico. É isso que a gente tenta fazer", disse Spencer na época do lançamento do clássico *Extra Width*.

SEM BAIXO

Talvez tão importante quanto Spencer está seu chapa Mick Collins. Nascido em Detroit, Mick fundou com Danny atual **Demolition Doll Rods** – o **Gories** em 1986. "Nunca toquei guitarra a sério antes do Gories. Peg nunca havia sido apresentada a uma bateria. Já Danny tinha tocado um acorde numa música antes de entrar no Gories", declarou o mestre em recente entrevista. "Não nos considera mos apenas uma banda de garagem, fazemos é rock mesmo", assegura Danny. "Nem tenho garagem em casa", completa Peg. "Na verdade, tentávamos soar como a banda mais primitiva que qualquer um já tivesse escutado", contou Collins.

E põe primitivo nisso. Muitos desses grupos têm formações não muito ortodoxas, tipo dois baixos e duas baterias, como o **Dirt Bombs** (mais recente projeto de Mick), ou duas guitarras e bateria, caso do Gories e do Blues Explosion. "Soava legal sem baixo. Se você ouvir os velhos discos de blues, muito do baixo era tocado na guitarra e todos esses álbuns eram vigorosos, perigosos", explica Spencer.

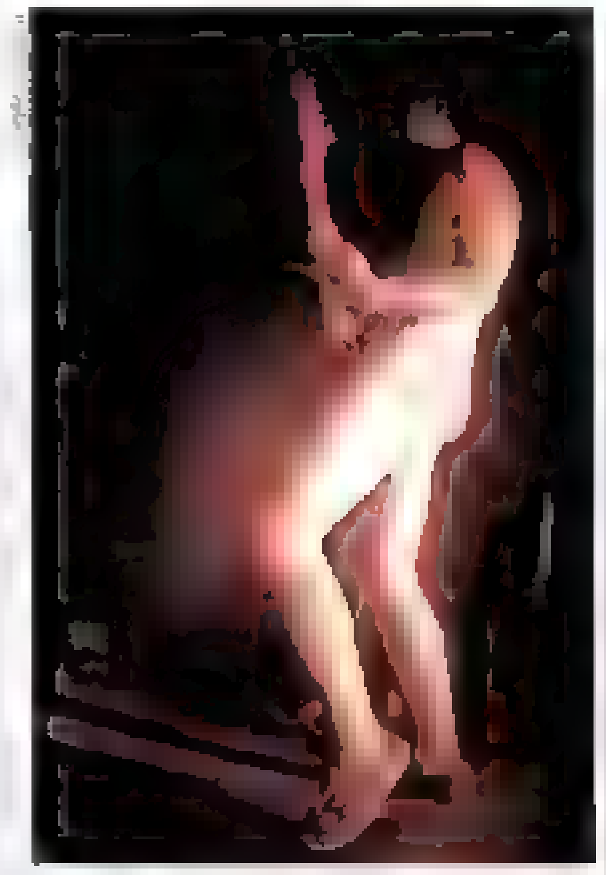
É bom deixar claro que essa "nova" geração continua vestindo a mesma roupa do R&B, mantendo o purismo e a crueza, mas adicionando elementos distintos. Nomes como **Make-Up**, Blues Spencer e **Delta 72** surrupiam influências da música negra americana (soul, funk) e disparam petardos que não fariam nem uma múmia ficar parada. "Pagamos as pessoas para dançar. Elas não têm nada a perder fazendo isso", ironiza Ian Svenonius, vocalista do Make Up. Os ingleses do **Thee Headcoats**, **Makers**, os sensacionais **Oblivians**, **Monkeywrench** (banda de Mark Arm e Steve Turner, ambos ex-Mudhoney) e os japinhas do **Guitar Wolf** passam um pente fino no punk dos anos 70 (Stooges, Sex Pistols, Damned, Buzzcocks) e atiram sonzeiras descomunais.

ADULTOS ATORMENTADOS

Quanto à divulgação, a cena é auto suficiente, contando com selos como o In The Red, situado em Detroit, Estrus (da bandaça **Mono Men**, que também realiza um festival anual, o Garage Shock), de Seattle, Crypty, de Hamburgo, na Alemanha, e Sympathy For The Records, de Long Beach. E diferentemente da febre grunge que teve sua cidade-símbolo, as bandas de garagem não contam com um só gueto específico: Detroit, Boston, Chicago, Minneapolis ou Cleveland são algumas geradoras de boas barulheiras.

Selos próprios, grupos [illegible], pessoas bacanas. Enquanto malucos como esses, sem a preocupação de seguir moldes e modas estiverem [illegible], o termo rock'n'roll ainda vai ser [illegible] muitas vezes. Vida longa a todos eles ou, como [illegible] os Makers: "Não fazemos música para pessoas privilegiadas. Nossas canções são para crianças abusadas, adultos atormentados, para jovens sexualmente perturbados". Precisa falar mais?

O BRASIL QUER SUA VAGA



É provável que você nunca tenha ouvido falar de **Thee Butchers' Orchestra**, **Hang The Superstar**, **Gasolines**, **Transistors** e **Sala Especial**. Eles não tocam nas rádios e raramente são assunto dos jornais e revistas. "Nossa realidade é muito diferente, mais tosca, não dá para traçar um parâmetro com o pessoal lá de fora", diz Gabriel, dos **Autoramas**. O trio carioca conseguiu se destacar dentro de uma mídia segmentada e, quem sabe, pode abrir os ouvidos de mais gente para esse tipo de som. O guitarrista e vocalista, que fez parte do Little Quail & The Mad Birds no começo dos 90, já exercitava seus ouvidos para uma sonoridade mais calcada nas bandas de garagem. "Na época, vinha neguinho falar que algumas músicas nossas eram de garagem, mas eu nem tinha idéia disso. Hoje eu escuto muito Jon Spencer, Boss Hog e Guitar Wolf, que é uma puta banda. Mas não acho que o som do Autoramas possa ser rotulado só de garagem, temos muita influência da Jovem Guarda também." Marco Rocha, vocalista e guitarrista das bandas paulistas Thee Butchers' Orchestra e Red Meat e um dos donos do selo Ordinary, segue o mesmo preceito. "Tento misturar Cramps, Pussy Galore, Bo Didley e Wilson Picket nos sons dos meus grupos. E claro, passar o punk e os anos 60 no triturador". O Butchers' tem no currículo shows com as bandas Make-Up e Demolition Doll Rods e, sem forçar, gostaria de fazer os gringos ouvirem seu som. "Mandei demos para quase todos os selos lá de fora, como Crypty e Estrus In The Red", conta Marco. Por falar em selos, as bandas daqui são divulgadas por nomes como Ordinary e a Slag de São Paulo, e a Monstro, de Goiânia, casa dos Hang The Superstar, uma das revelações do movimento. "Não acho que exista uma cena, existe uma galera que escuta esse tipo de som e procura gravar suas músicas", afirma o vocalista do Butchers. Um CD chamado *Brazilian Peebles* (alusão a uma famosa coletânea lá de fora) acaba de sair e conta com algumas das boas bandas do cenário nacional. Mas como os gringos, nada melhor que presenciar a performance dessas bandas em cima do palco para sentir a força e a crueza que essa música possui. Procure-as nas "melhores" casas de espetáculos.

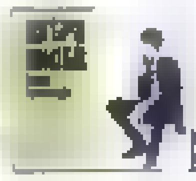
ENTRE SEM BUZINAR

Dez petardos garageiros

***Psycho Sonics*, Sonics (1966)** Disc[illegible] junta os dois primeiros álbuns de uma das bandas mais [illegible]uentes do gênero. Enquanto os Beatles falavam de amor, esses quatro dementes de Tacoma já falavam de bruxas, de drogas e do poder do demo. Vocal rasgado, guitarras distorcidas e uma bateria troba.

***Back In The USA*, MC5 (1970)** Segundo álbum [illegible] sultou em *Kick Out The Jams* (1968). Deixando de [illegible] experimenta[illegible] mais politizado do rock [illegible] as raízes, ratificando o retorno com covers de "Tutti Frutti" (Little Richards) e "Back In The USA" (Chuck Berry).

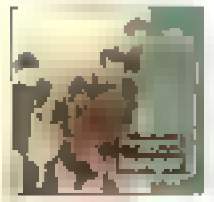
***Psychdelic Jungle Gravest Hits*, Cramps (1982)** O [illegible] do casal mais bizarro e cool de todos os tempos: Lux Interior e Poyson Ivy? Unindo um EP de 1979 e um álbum de 1980 ainda sem o alicerce de um baixo, o Cramps detona toda sua influência sessentista arriscando no psychobilly.



***Extra Width*, Jon Spencer Blues Explosion (1993)** Um clássico do rock contemporâneo – sem precisar se curvar as [illegible]. O hit desse disco é "Afro", que chegou ao [illegible]

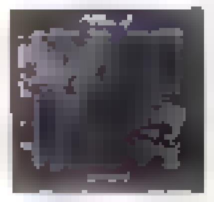
***I Know You Be House Rockin*, Gories (1994)** C[illegible] primeiros álbuns da banda preferida de nove entre [illegible] garag[illegible] CD. O grupo de Mick Collins da [illegible] de fazer muito com tão pouco: duas guitarras, [illegible] peças de bateria e [illegible] com levada R&B.

***The R&B Of Membership*, Delta 72 (1995)** [illegible] bandas [illegible] pelo blues de Chicago, o Delta [illegible] ser considerado a banda [illegible] evolução d[illegible]



***Hunger*, Makers (1996)** Se os Stooges [illegible] toda a revolução que resultou [illegible] anos 60 seriam chamados de Makers. [illegible] alucinado e famoso por seus shows destruidores, o quarteto promove a [illegible]alizão da crueza do estilo com a ferocidade do punk.

***Nuggets*, Vários (1998)** Lançada originalmente como álbum duplo em 1972, a caixa (de quatro CDs) traça um retrato do [illegible] ouro das bandas psicodélicas de garagem, entre 1965 e 1968. Item mais que obrigatório pra quem quer entender como toda essa tosqueira começou.



***I Want Some*, Make Up (1998)** N[illegible] compilação de [illegible] bela amostra de seu som psicodélico [illegible]ólico e gemido. Confira [illegible] (um dos melhores de 1999 para revista inglesa (!)), que conta com uma pegada ainda mais chapante.

***The Sister Of Suave*, Thee Headcoatees (1999)** Compilação com os melhores compactos já lançados por esse trio de moçoilas. Se não bastasse o jeitão low-fi, títulos como "Santa Claus", "Jackie Chan Does Kung Fu", além das covers de Ramones, Kinks e Sonics valem cada centavo gasto.

O DJ Betinho, da Paparoca, uma das aparelhagens que toda fim de semana bota o Pará e arredores para dançar

Onde a terra treme

Volume altíssimo, música eletrônica, ar livre. Muito antes de os modernos das metrópoles descobrirem as raves, o Norte do Brasil já fervia com as **festas de aparelhagem**, que levam DJs e público para qualquer lugar que tenha alguma tomada. Inclusive a selva...

Por Vladimir Cunha fotos: Dirceu Maués

A VISÃO É IMPRESSIONANTE: no final do salão de terra batida, coberto apenas por um telhado de zinco, enormes caixas acústicas despejam uma avalanche sonora em cima dos presentes. Painéis eletrônicos, aparelhos de televisão e grafismos enfeitam o ambiente enquanto o som grave atinge o peito e estremece o chão. Em sintonia com a música — um merengue aceleradíssimo, cujo beat cairia como uma luva no último trabalho dos Chemical Brothers —, quase 3 mil pessoas dançam e pulam como se estivessem hipnotizadas. Às vezes acompanhadas, às vezes sozinhas. Não importa. De repente, a canção para. Alguém grita: "Que comece la fiesta". E a batida quase techno da música caribenha volta com carga total. É apenas uma das mais de madrugada e, dependendo da disposição do público, é possível que a coisa se prolongue até as primeiras horas da manhã ou, quem sabe, até o começo da tarde.

O pessoal se rebola ao merengue aceleradíssimo que rola nas festas

Um sistema típico de som de Belém do Pará conta, em média, com 2 toneladas de equipamento e 100 mil watts de potência, o suficiente para agitar um estádio de futebol

Poderia ser uma rave, mas não é. Na verdade, trata-se das "festas de aparelhagem", um fenômeno típico de Belém do Pará, semelhante aos *sound systems* jamaicanos e às radiolas maranhenses. Gigantescas, espalhafatosas e operando sempre em um volume altíssimo – daí serem conhecidas também como "treme-terra" – as aparelhagens atraem milhares de pessoas todos os fins de semana para festas organizadas em terreiros e clubes da periferia da capital paraense. Até porque cobram barato pelo ingresso, interagem com o público e tocam exatamente aquilo que as pessoas querem ouvir. Pichadores, membros de gangues de rua, comerciários, office-boys, empregadas domésticas, senhores de meia idade, bregueiros e trabalhadores autônomos, todos podem ser encontrados dançando e se divertindo ao som da Príncipe Negro, Jackson, Popsom e outras. Uma boa pedida para quem ganha pouco e não pode pagar 20 reais para entrar em uma boate da moda ou gastar um salário mínimo na compra de um ingresso para um carnaval fora de época.

Embora pouco conhecido no resto do país, esse tipo de festa está prestes a completar quase meio século de idade. Ninguém sabe explicar como tudo começou. O que se conta é que foi a partir da primeira metade da década de 50 que começaram a surgir os primeiros sistemas de som. No início, eram apenas as aparelhagens Diamante, Rubi e Tupinambá, todas na ativa até hoje. Apesar da falta de estrutura, do equipamento primitivo e da pouca potência sonora, elas seguiam o mesmo esquema de apresentações itinerantes em clubes, centros comunitários e terreiros ao ar livre.

De lá para cá, muita coisa mudou. O mercado se tornou mais exigente e profissional; os DJs, que antes eram chamados de controlistas, viraram ídolos das multidões e a música foi ficando cada vez mais alta. Muito mais alta. Para se ter uma idéia, o sistema utilizado conta, em média, com 2 toneladas de equipamento e 100 mil watts de potência, o suficiente para fazer uma apresentação em um estádio de futebol. E, por questões técnicas, as aparelhagens substituíram os LPs e os CDs por arquivos em MP3. Segundo Raimundo Corrêa – o DJ Dinho, ex-Tremendão Tupinambá e atual Jackson –, à medida que os equipamentos foram ganhando em potência, os graves intensos faziam com que o vinil e o CD pulassem muito por causa da altura do som. A solução veio com o MP3. Dinho, por exemplo, usa dois computadores Pentium II de 650 MHz, nos quais armazena mais de 5 mil músicas. Eles ficam ligados a uma mesa de som para que ele possa fazer a mixagem. O playlist é editado no programa Winamp, que controla também o pitch das músicas. Assim, o volume pode estar no talo que o som continua rolando sem problemas.

CONSELHEIRO SENTIMENTAL

Além da potência sonora, do tamanho e da tecnologia, as aparelhagens impressionam por sua relação com o público. Quem já teve a oportunidade de freqüentar um agito desses sabe que a função do DJ é muito mais do que tocar os sucessos do momento. Misturando rapper, animador de auditório e astro pop, é ele quem dá ritmo à festa e põe todo mundo para dançar e cantar os refrões das músicas. Em alguns casos, funciona como conselheiro sentimental, lendo torpedos no microfone e mandando recados de uma turma para outra.

O DJ Maluco nata ser [illegible] para expandir o hit "Se Na Quadrinha" [illegible] resto do país

As amanheceu; só resarve o breque para fazer o pessoal descansar dançando celadinho

Os DJs Edilson e Edielson, da Príncipe Negro

AS ESTRELAS DA HOUSE AMAZÔNICA

[illegible] bregueiros para as festas. E, ambos os estilos [illegible] além dos mestres [illegible] que fabricam o [illegible] dos [illegible] Carmen da Ogiva. O [illegible] vindo a [illegible] justiça.

[illegible] cardápio [illegible] musical [illegible] alguns dos temas presentes [illegible] bregueiros [illegible] a house amazônica. Faz [illegible] tempo [illegible] Amazonas, Brooklin e a Praça da Área e Manaus [illegible] dois igualmente [illegible] nos [illegible] do Mestre DJ Omena e Raul Retalé, [illegible] clássico. E [illegible] um house [illegible] poderia estar tranquilamente no repertório de Grace Rita Cadillac ou do Trio Los Angeles.

O responsável [illegible] em 1995. Foi nessa época que Augusto Omena, um DJ especializado em italo-house e [illegible] music, chamou o compositor Alex Aguiar e lhe propôs uma idéia um tanto quanto inusitada: criar um estilo baseado na eletrônica europeia nas canções de [illegible] regionais [illegible] nos bregas paraenses. Para [illegible] O resultado foi Romance Dance, que [illegible] levou uma boa [illegible] nas [illegible] capitais do interior [illegible] sequência [illegible] C. Bem [illegible] o grande hit de DJ Omena. Por causa dessa música, [illegible] vendeu mais de 20 mil cópias somente [illegible] Amazonas e estados vizinhos e ainda [illegible] rendeu uma média de [illegible] shows por mês na época [illegible] lançamento.

Para divulgar seu trabalho, Omena não mede esforços. [illegible] viajando por [illegible] quando viajava [illegible] interior do Amazonas, [illegible] uma turnê por conta própria pela Colômbia e Bolívia. [illegible] qualquer lugar que [illegible] uma [illegible] e [illegible] Além disso, [illegible] em raves, shows [illegible] propõe [illegible] [illegible] clubbers. Como por exemplo, quando se apresentou na reserva indígena de Ajuricaba, no interior do Amazonas. Passou a noite inteira tocando no meio da floresta para [illegible] que [illegible] estavam descansando [illegible] de [illegible] que [illegible] todas as [illegible] por [illegible] Impressionante.

Depois de [illegible] Norte do país, a [illegible] ensaia seus [illegible] para [illegible] de [illegible] de [illegible] na Colômbia. DJ Maluco [illegible] estádio do Centro-Oeste do Brasil [illegible] de uma boa [illegible] após ter [illegible] com [illegible] Musical do Pará. [illegible] e Omena [illegible] personagens [illegible] país de uma matéria sobre [illegible] eletrônica de Manaus que a Mixmag publicará em breve. Segundo [illegible] a revista inglesa [illegible] um paralelo entre os raves e os shows da turma da house amazônica. Então, não se espante [illegible] se você estiver dançando [illegible] e [illegible] de repente [illegible] Ele pode estar [illegible] pegar no sono. Porque se cair no [illegible] de bebo não em dono, [illegible] dos [illegible]

O DJ Omema passou uma noite inteira tocando para 700 índios na reserva de Axixan, no interior do Amazonas. Eles dançavam descalços e só de calção e tinham todas as músicas na ponta da língua

Para o DJ Edilson Santos, do Príncipe Negro, quanto mais próximo da comunidade, melhor. "As pessoas têm um carinho muito grande por nós e nos seguem por onde quer que a gente vá, como se a aparelhagem fosse um time de futebol ou uma banda", afirma. "O DJ que não manda recado, que não se comunica com a galera e não fala nada geralmente está destinado ao fracasso. O objetivo principal é fazer o público se sentir bem. Tanto que nem repertório eu faço: escolho os sons de acordo com a reação da galera. As músicas que toco no interior, onde o povo prefere mais a house, são um pouco diferentes das que toco na cidade, onde rola mais o zouk, o merengue e o brega. Não dá para seguir um padrão."

De olho na idolatria dos fãs, existe até quem comece a diversificar seus negócios. À frente do Popsom, Eliezer Carvalho, o DJ Betinho, vende camisas com a logomarca de sua aparelhagem e mantém um programa dominical em uma rádio FM de Belém do Pará. Com duas horas de duração, ele transporta para o estúdio o mesmo clima que imprime às festas. Igual a Edilson, Betinho não define previamente o repertório e escolhe o que vai rolar de acordo com os pedidos por telefone. Também são lidos recados no ar e rolam remixes exclusivos da Popsom. A maior prova da fidelidade do público é que, volta e meia, o programa atinge o primeiro lugar na audiência.

BOATE ITINERANTE

Tamanha popularidade pode ser explicada também por uma questão financeira. Nas festas, o ingresso custa cerca de 3 reais e a cerveja nunca é vendida por mais de 1,50 real. A relação custo-benefício fica mais clara quando se constata a duração média dos eventos. Dependendo da disposição do público, uma festa pode durar de seis a 15 horas. Ou, em alguns casos, até mais. Em uma apresentação no interior de Barcarena, cidade a duas horas de barco de Belém, Edilson Santos teve que tocar quase dois dias seguidos. Como o local tinha bar, campo de futebol e igarapé, quem não estava dançando, estava bebendo, jogando bola ou tomando banho de rio. Com tantas opções, o público não se cansou e sempre tinha gente indo embora e gente chegando, o que resultou em uma massa flutuante de 2 mil pessoas na pista de dança. A festa iniciou no começo da tarde de sábado e só terminou na noite de domingo. Para Edilson, a solução foi se revezar em turnos de quatro horas com seu irmão Edielson para que o pique não caísse.

Toda essa receptividade faz com que os DJs vivam em constante atividade. Edilson e Eliezer contam que, dependendo do mês, chegam a tocar até cinco vezes por semana com suas respectivas aparelhagens. Por outro lado, Dinho já se acostumou a fazer turnês pelo interior do Pará, Maranhão e Amapá levando toda a sua parafernália de computadores, caixas de som, amplificadores e geradores de energia elétrica. Seja de balsa, caminhão ou navio, ele não perde uma chance de tocar para os fãs. "Para muita gente, as aparelhagens são a única forma de lazer. Nem todo mundo pode ir a um show, a um bar da moda ou ao cinema, por isso a população de baixa renda se diverte em nossas festas. É meio folclórico, mas acho que o Pará é o único estado que tem casas noturnas itinerantes. Somos a boate que vai aonde o povo está", explica o DJ.

Vale qualquer passo para entrar no ritmo do [illegible] amazônico

De balsa, caminhão ou navio, o DJ Dinho da Jackson não perde uma chance de tocar para os fãs

Quando rola o zouk pinta para o romantismo e para as inevitáveis mãozinhas dadas

UMA FLORESTA CHEIA DE TRILHAS

Kraftwerk e Ar[illegible] do [illegible] Pet Shop Boys [illegible] Underworld [illegible] Quem [illegible] preconceito musical que passe [illegible] das festas de aparelhagem. Sem esquemas [illegible] os DJs paraenses são [illegible] misturas [illegible] dançar [illegible] de [illegible] do planeta [illegible] aposta das [illegible] brega-pop [illegible] Bandeira, Kim Marques, Wanderley [illegible] Andrade [illegible] os ritmos baianos [illegible] festas [illegible] A relação do brega [illegible] aparelhagens [illegible] cantores [illegible] primeiro nas festas [illegible] rádio [illegible] aparelhagens [illegible] o público [illegible] não [illegible] nada. Além disso, por causa de sua batida característica, que [illegible] uma surf music mais suingada [illegible] brega [illegible] também em remixes [illegible] pelos DJs. Depois de testados nas festas, esses remixes em geral são contrabandeados por [illegible] que prensam CDs piratas e os repassam para os camelôs [illegible] Belém do Pará.

[illegible] também em vez nas festas [illegible] música [illegible] todas as [illegible] vertentes: New Order, Underworld, Pet Shop Boys, [illegible] Afrika Bambaataa [illegible] Plastic [illegible] aparelhagens de Belém [illegible] com DJ Marcelo, DJ Omema [illegible] Rebelo, os inventores da house amazônica [illegible] conhecido como flashbrega [illegible] gerência que engloba de Pink Floyd a Dire Straits, passando por Elvis Presley, Phil [illegible] Titãs, Paralamas, Legião Urbana, [illegible] Até Marisa Monte entrou na dança e teve sua Amor [illegible] incluída no repertório dos DJs [illegible] canção [illegible] a estética [illegible] pop das festas de aparelhagem.

Por [illegible] próxima das Guianas, Belém [illegible] com a [illegible] De todos os estilos [illegible] que mais mexem com a rapaziada são o merengue, por causa de sua batida acelerada [illegible] zouk [illegible] ritmo mais lento [illegible] romântico [illegible] cadência [illegible] Eles são um dos momentos mais [illegible] da noite. Tanto que às vezes forma-se uma pequena plateia para assistir às coreografias improvisadas feitas pelos [illegible] das festas. São movimentos rápidos, precisos, cheios de acrobacias e que impressionam quem os vê pela primeira vez. Isso sem falar da sensualidade, sempre presente quando um casal se junta para dançar um merengue rasgado. Fãs de pagode e axé ou roqueiros obtusos, vocês não sabem o que estão perdendo.

MANO BROWN

Não é qualquer um que pode fazer mais micagem do que cantar em seus shows. James Brown pode. Aos 67 anos, o Mr. Dynamite dá sinais de que as farras começam a cobrar seu preço. Mas basta um papo para seu poder aparecer.

Por [illegible]

A banda e as backing vocais sobem ao palco acompanhadas do empresário, que fica no seu canto supervisionando sabe-se lá o quê. Os músicos estão todos vestidos no estilo jogador de basquete (antes do [illegible]), com a inscrição "James Brown [illegible] uniforme, e começam a pr[illegible] [illegible] clima para a entrada do chefão. [illegible] depois, ele entra com o pé firme, arriscando os tão famosos passos e soltando os primeiros versos de "Papa's Got A Brand New Bag". É difícil não notar que os 67 anos estão começando a pesar: a velhice está no rosto, nas mãos e [illegible] no pescoço quando ele [illegible] mais pouca que o ner[illegible] [illegible] pela estratégia de di[illegible] [illegible] palco com uma dançarina e outra [illegible] Tommy Ray.

[illegible] bolas, trata-se do Padrinho [illegible] Soul, do Mr. Dynamite, do Soul Brother, do Homem que Mais Trabalha no Show Bizz. Do pelé do funk, da pessoa que inventou o "the one", a levada característica do estilo. Trata-se do artista cuja obra já foi samplea[illegible] da de cabo a rabo pelos rap[illegible] pers e, hoje, 45 anos após ter estreado (com o single "Please Please Please"), ainda é inspiração constante para qualquer sujeito que queira fazer música negra. Do cara que abriu as portas do mundo para o funk e faz questão, com todo o direito, de ser reconhecido, reverenciado e eternizado por isso.

Ostentando esse invejável currículo, Brown não precisou se esforçar muito para fazer de sua noite no Avo Session, na Basileia, a mais concorrida do festival suíço. Trabalhoso mesmo foi entre[illegible] vistar a lenda. No dia de sua apres[illegible] tação, a assessora de imprensa do [illegible] to, Maren Hansen, sinalizou com [illegible] sibilidade de conversar com ele, que [illegible] via acordado "com um ótimo [illegible] Exagero da moça. Para de[illegible] menos 15 minutos com cada jor[illegible] ela teve de suplicar ao empresário do [illegible] tro, um figuraça que mais p[illegible] de quadrilha, de terno prateado e sobretudo preto até os pés.

Muita conversa foi gasta, mas, finalmente, Brown concordou em falar nos intervalos da passagem de som – que, diga-se, serve apenas para sua banda. Ele não canta, fica somente de maestro, afinando exaustivamente alguns acordes de uma única canção com o grupo. Outro detalhe peculiar é seu famoso dedo mindinho, que durante o ensaio, ao ser [illegible] ao toque de [illegible] [illegible] que não [illegible]

[illegible] com uma bela boca-de-sino, [illegible] [illegible] aparência superficial e confusa, agravada por sua péssima dicção.

Fora o distanciamento, o cantor, que já teve sua vida tantas vezes exposta na mídia, não deu mole para ninguém. Ele é o seu próprio cão de guarda (e que guarda!). Um câmera de uma pequena estação de televisão suíça quase sentiu isso na pele. Quando Brown percebeu a luz do equipamento piscando – sinal de que estava ligado –, parou o ensaio para ameaçá-lo, dizendo que, se o pegasse gravando de novo, ajustaria contas com ele pessoalmente. É, o sujeito, definitivamente, não nasceu ontem e tem um jeito muito, digamos, pessoal de resolver seus problemas.

Como você está se sentindo?
Uau! Eu me sinto bem! Tocar ao vivo, para mim, ainda é ótimo, empolgante.

Onde você busca energia para suas performances?
Deus... Deus... Há uma conexão da hora em que me levanto à hora em que vou para a cama, porque Deus me acorda e me faz dormir todos os dias.

O homem que mais trabalha no show bizz [illegible], ele resolve seus problemas no braço

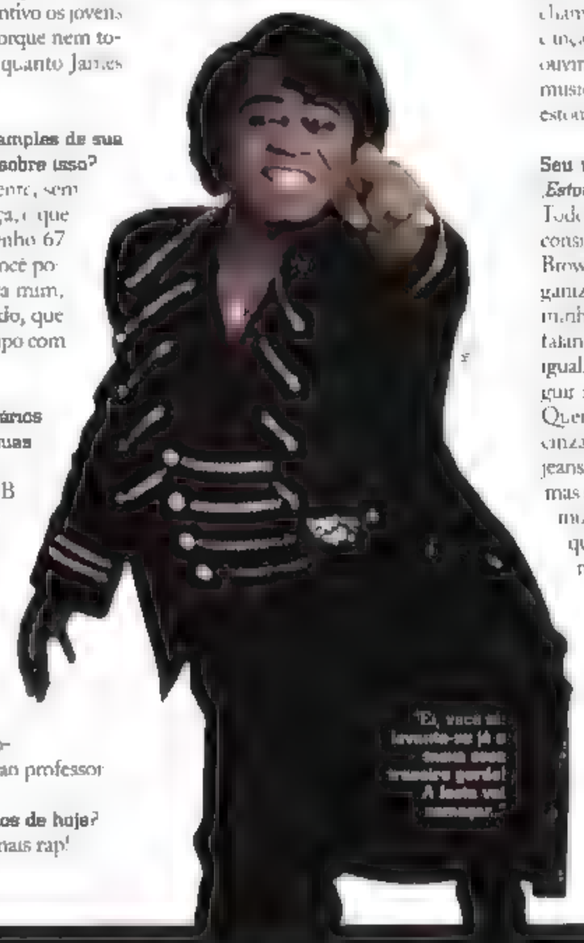
Suas raízes estão na música gospel
Minhas raízes estão na fome... F-O-M E! Mas eu cantava gospel porque fazia parte da tradição da minha família. Estou no funk porque ele mudou de mim, me deu a força que eu não era capaz de conseguir quando garoto. Incentivo os jovens a continuarem na escola porque nem todo mundo é tão sortudo quanto James Brown foi e ainda é.

Muitos artistas utilizam samples de sua música. Qual sua opinião sobre isso?
Bem, mas do que o presente, sempre tive o amanhã na cabeça, o que eu iria fazer no futuro. Tenho 67 anos, mas me preservo e você pode dizer isso olhando para mim, pela maneira que me cuido, que me apresento, que me preocupo com minha saúde.

Você também tocou com vários rappers em muitas de suas "voltas". Como foi isso?
Bem, eu toquei com Jazzy B (*do Soul II Soul*) uma vez. Fiz algo também com Afrika Bambaataa. Sim, muita gente, preciso pensar... Foi muito divertido, muito bom ver los fazendo o que esqueci. Eles me lembram o que eu deveria estar fazendo. Então, é ótimo poder ver alunos ensinando ao professor.

E o que você diz aos alunos de hoje?
Seja funky! Mais funk e mais rap!

Olhando para sua carreira, qual foi o momento mais importante para você?
Acho que foi quando lancei "Please, Please, Please!" (*em 1946*), porque, se não fosse por ela, eu não seria ninguém. Essa música mudou minha vida.



E sobre o futuro? Você tem intenção de fazer duetos com novos artistas?
Provavelmente estarei fazendo algo com Lenny Kravitz, ele é um jovem muito legal, muito barra-limpa, um cara gente fina mesmo. E lancei uma nova gravação chamada "I Wanna Be Loved". É uma canção fantástica, muita gente vai adorar ouvir. É uma aproximação diferente à música de James Brown. É funk, mas estou cantando bem mais baixo.

Seu último álbum chama-se *I'm Back (Estou De Volta)*. Qual o significado?
Todo mundo passa por várias fases, mas considero-me uma volta, porque James Brown estava sendo movado. Eu queria organizar as coisas, se você vir meu ensaio, minha banda, então saberá do que estou falando. Eles se vestem igual, pensam igual, se movem igual e, se você conseguir manter isso, eles podem ser iguais. Quer dizer, o dia que um usar um terno cinza, outro usar um azul, outro, um jeans... Tudo bem, você faz o que quiser, mas só se for um trabalhador normal. O músico é uma pessoa planejada e acho que ele deve ser bem distinto, bem mais organizado. As pessoas gostam de ver alguma coisa em troca de seu dinheiro. Então, elas gostam de ver os músicos usando roupas todas iguais.

Então, I'm back significa que a música tinha sumido
Não, minha música nunca sumiu! Significa trazer de volta a disciplina, o conceito, o trabalho duro e o valor.

★★★★½
JAMES BROWN
Live From The House Of Blues
Fox Video

James Brown tem frequentado mais as páginas policiais que o noticiário musical, devido a prisões por porte de drogas e excesso de bebida. Entre uma cana e outra, no entanto, o homem trabalha. Mr. Dynamite está igualzinho ao que era Tim Maia nos últimos anos de vida: arruma briga com o mundo, grava discos preguiçosos e, nos shows, faz mais mimicagem do que música. Mas, assim como o síndico, permanece insuperável. Hoje, ele pouco canta, deixando o trabalho pesado para a banda e o coro. Mas não há como deixar de reconhecer seu carisma. Esse DVD traz um show gravado em junho de 1999 na House of Blues de Las Vegas e comprova o entertainer que Brown é. Sarcoteia, desliza pelo palco, corta pedaços das canções, usa e abusa dos "ahs", "uhs" e "one more time", o suficiente para levar o público ao delírio. O sujeito é malandro velho. Sabe tocar no pulso da massa ao apresentar um repertório repleto de clássicos. Quem é fã não tem do que se queixar, está tudo aqui: "Sex Machine", "I Feel Good", "Living In America", "Hot Pants", "Papa's Got A Brand New Bag", "Please, Please, Please", "Soul Man" (da dupla Sam & Dave). E tome "uhs", "ahs", "yeahs", sem esquecer, claro, a indefectível capa verde que é jogada sobre suas costas no final do último número, e que ele displicentemente atira ao chão no bis, mostrando que está cheio de amor para dar. O fiapo de voz é compensado pela sabedoria na condução da platéia. São 75 minutos de festa. Voz? Quem se preocupa com isso? O que o povo quer mesmo é alegria.

Toninho Spessoto

A manhosa estréia dos **Meters**, que colocou New Orleans na rota do funk

Discofagia
Para quem se alimenta de música

Os beats que **Camilo Rocha** ouviu para virar DJ

10 álbuns que a **erva** inspirou (é mentira!)

Wu-Tang Clan
Mesmo sem superar *36 Chambers*, histórias do gueto e malandragem sobram nas novas crônicas dos rappers

Cotações*

★★★★★ Wolverine
★★★★½ Justiceiro
★★★★☆ Surfista Prateado
★★★½☆ Hulk
★★★☆☆ Homem-Aranha
★★½☆☆ Thor
★★☆☆☆ O Coisa
★½☆☆☆ [illegible]
★☆☆☆☆ [illegible]
½☆☆☆☆ Mulher Maravilha
☆☆☆☆☆ [illegible]

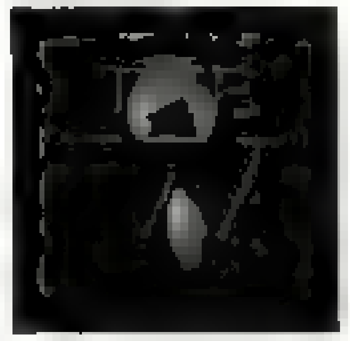
* dadas pelos autores das resenhas

Add N To (X) • Alice In Chains • Beachwood Sparks • Bojo • Couch • Cypress Hill • Dee Dee Ramone • Edgard Scandurra • Frank Jorge • Geedy Lee • Goldfrapp • Iraí • Joe Pernice • Jolly Mukherjee • Marcelo Birck • Marina Lima • Maxim • Monaco • Neil Young • Papa Roach • Paulo Ricardo • Phat Global • Ramainz • R.L. Burnside • Silverchair • Tom Tom Club • Ultramen • Wry

Gangue está afiada também nas melodias

À sombra da obra-prima

★★★★☆



Wu-Tang Clan
The W
Sony

Ninguém faz rap como o Wu-Tang Clan. Nem mesmo eles. O grupo, formado por ex-traficantes da região de Staten Island (Nova York), criou uma filosofia de vida baseada nas peças do xadrez e em filmes vagabundos de kung fu. A trupe foi responsável por um dos grandes discos de rap dos anos 90: *Enter The Wu-Tang (36 Chambers)*. O álbum redefiniu a cara do hip-hop da década passada, com seus relatos cruéis sobre a malandragem e os baixios mais turvos da história do estilo. É tão bom que acabou criando um problema sério: dificilmente o grupo terá bala para superar essa obra-prima. Houve alguns estampidos de respeito, como os trabalhos-solo de Method Man, a parceria de Genius e RZA (*Liquid Swords*) e as patetices de Ol' Dirty Bastard (*Return To The 36 Chambers* e *Nigga, Please!*). Mas, no geral, as rimas do Wu-Tang tiveram a potência de um projetil de festim. Felizmente, os pipocos de *W* provocam mais do que cócegas. Os pancadões sombrios (adotados anos atrás pelo rap paulista e conhecidos como "bate-cabeça") estão ali, só que ganharam uma preocupação maior com a melodia – tem samples de reggae, blues e soul de boa cepa. RZA, GZA, Method Man, U-God, Raekwon, Ghostface Killah, Inspectah Deck e Cappadona atiram basicamente em três alvos: crônicas da bandidagem, lamentos das quebradas e participações especiais. Na primeira categoria poucos raps são tão eficientes quanto "Chamber Music" e "Careful (Click Click)". O segundo alvo fica a cargo de Ghostface Killah, que reclama da má situação do gueto em "Hollow Bones" e "I Can't Go To Sleep". Por fim, a ausência do confinado Ol' Dirty Bastard é compensada por colegas (Snoop Doggy Dogg, Busta Rhymes e Nas) e pela lenda viva Isaac Hayes, que transforma seu hit "Walk On By" em "I Can't Go To Sleep". O resultado é do cacete, apesar da falta que o presidiário faz. Basta conferir "Conditioner", a única música em que ele conseguiu colocar voz, e a pífia regravação de "Protect Ya Neck", para perceber que as coisas nunca mais serão as mesmas.
Sergio Martins

★★★★☆

Monaco
Monaco
Polydor

Ex-baixista do New Order sabe onde tem os quadris

Na década de 80 o New Order adquiriu prestígio e conquistou respeito sabendo formular como mais ninguém uma equação que ainda torcia narizes à beça: rock-n-roll bem-intencionado mais dance music forrada de más intenções. Anos 90 afora, chegando a 2000, suas crias (e até mesmo, com mais crises, a própria banda-mãe, que já rompera com o passado sombrio de sua origem, o Joy Division) puderam escancarar de vez rumo ao pop dançante, er, mal-intencionado. É assim que o Monaco, formado pelo baixista Peter Hook com o ex-operador de som David Potts (hoje guitarrista e vocalista, no mais desabusado estilo New Order de cantar), chega à sua segunda aventura, que leva (de novo) o nome da banda. Tal qual o Electronic (outra das crias), é New Order soando como se fosse Pet Shop Boys, o que, deixando preconceitos anti-quados de lado, é o máximo. E o segundo CD leva isso a consequências pesadas e sofisticadas, variando entre climões ("A Life Apart", com coro gospel e tudo) e climinhas ("Kashmere", "End Of The World"), dancinhas ("It's A Boy") e dançonas ("I've Got A Feeling"). Alguém mais desavisado até poderia tomar "See-Saw", a mais mais do CD, como obra de algum 'NSync da vida. Mas não é. O pop já é velho, crianças. E os tiozinhos ainda sabem onde têm os quadris.
Pedro Alexandre Sanches

★★☆

Neil Young
Road Rock V. I
Reprise/Warner

Prato requentado em vez do banquete do mestre

Acredite se quiser: mais um ao vivo. E desse sexto documento de Neil Young dá para se extrair duas análises distintas. A primeira: é no palco que ele se sente em casa e, para não deixar de lado sua ... chamou seus amigos mais próximos e, ainda, sua irmã e sua esposa para acompanhá-lo. No concerto que deu em Red Rocks em setembro passado, o decano privilegia seu material dos anos 70, sem dúvida sua fase mais inspirada. "Cowgirl In The Sand", com duração interminável, e "Words", do irrepreensível *Harvest*, podem servir de pretexto pra qualquer bandinha nova ter de retrazer a faculdade de popstar. E pára por aí. Não há nenhuma canção, por exemplo, de *Silver And Gold* (2000), um álbum que ... Pior fez a gravadora Warner, que, mesmo com a passagem do gênio pelo Rock In Rio, "esqueceu" de lançá-lo por aqui (erro facinho de corrigir) em detrimento de mais um ao vivo. Mas, descontando a lacuna deixada pela fantástica banda de apoio, o Crazy Horse, algumas versões um tanto morosas e a chocha participação de Chrissie Hynde (dos Pretenders) em "All Along The Watchtower", Neil, de 55 anos, prova que ainda tem gás de sobra. Ah, tem uma inédita também, "Fool For Your Love". Essa, infelizmente, não dá nem para o gasto.
Marco Bezzi

★★★☆

Add N To (X)
Add Insult To Injury
Mute/Sum

Vários sabores de teclados e beats que funcionam

O Add N To (X) é um trio inglês que faz música eletrônica e... Não, não pare de ler, rapaz. Volte aqui. Você pode gostar disso. Tem um espírito roqueiro permeando toda a história. Não, também não é aquela chata rocktrônica de Junkie XL e Apollo Four Fourty. Ann Shenton, Barry Smith e Steven Claydon se juntaram em Londres, em 1993, para formar a banda e exprimir toda a paixão que eles guardam por sintetizadores antigos e teremins. Está bem, há uma base eletrônica, mas a intensidade pode ser controlada na escolha das faixas. Recomendo que a audição comece por "Poke Er Ole", siga para o hit "Plug Me In" e volte para "Adding N To X". Só nessa trinca o ouvinte já experimenta três sabores diferentes de teclados e começa a acreditar que uma rave pode funcionar sem drogas. Outra escurada em "Brothel Charge", "You Must Create" e "Monster Bobby" e vem mais uma confirmação de que *Xtrmntr* não foi o álbum "moderno e revolucionário" de 2000. Três meses antes do milênio acabar teve gente mais talentosa faturando essa. Goste você de hardcore, blues, axé ou rumba, não perca *Add Insult To Injury*.
José Flávio Júnior

Para quem gosta de:

Voz interior

★★★★★

Marina Lima
Sissi Na Sua Ao Vivo
Universal

Os rumores davam conta de que a cantora e compositora carioca Marina Lima havia perdido a voz, e ela perdeu mesmo. Seu novo CD, o primeiro desde *Pierrot Do Brasil*, de 1998, é a prova cabal de que algo muito sério aconteceu em sua arte. Mais do que nas cordas vocais, a gente sente a diferença na respiração da intérprete. Só que a voz falha para reforçar a emoção que impregna suas canções. A matéria vocal não tem tanto valor quando a alma é grande. E alma ela tem até demais.
O CD duplo foi gravado ao vivo durante o show no DirecTV Music Hall, em São Paulo, em 1º de outubro de 2000, com ela tocando guitarra e acompanhada de um quinteto pop cujo destaque está nos teclados de William Magalhães. Marina se esfalfa dando autojustificativas e cantando suas velhas e novas canções. Hesitante, sem fôlego, a artista curtiu seis anos de horror à ribalta. O público paulistano a consagrou mais uma vez. A Sissi do título do show que originou o álbum é uma figura autobiográfica, a mulher com um mapa definido, que "nasceu com a mão esquerda para ser imutável, e a direita em eterna inconstância", como Marina diz no início do show, contracenando com o diretor do espetáculo, Enrique Diaz. Ela desfia um elenco de 23 músicas, nunca perdendo o sentido da intensidade e a consciência da finitude. Diz: "Obras-vícios podem acabar com alguém/ Raios, tiros, tiras e você também". As obras-vícios de Marina só a engrandecem. Aos 44 anos e 22 de carreira, a artista já entendeu que a voz que importa é a interior. Quebrou, não tem mais jeito. *Sissi Na Sua* é para ser ouvido com o espírito deste tempo. Tomara que Marina não se esconda de novo.
Luís Antônio Giron

A artista deixou a hesitação de lado

★★★★

Bojo
Carlos
YBrazil/Alternet
Trio digital faz não-música, mas quer ouvintes, sim

"Eu não estou cantando/ Eles não estão tocando/ Vocês não estão ouvindo/ Um mundo sem música." "Em vinte minutos você vai esquecer esta canção." Em seu segundo álbum (o anterior foi lançado apenas na internet), o Bojo vai além da procura pelo casamento entre a eletrônica e a vida orgânica da música acústica, com seus elementos e vitalidade para ser encarada no palco. Agora há letras e é justamente nelas que esta o grande conteúdo do disco. O trio paulistano formado por Mauricio Bussab, Luan Camargo e Kuki Stolarski (estes dois também integrantes do Karnak) propõe o conceito da não-música, lançando reflexões e pequenas ironias sobre quais seriam os verdadeiros motivos de se fazer uma canção. Entre variedades rítmicas – de disco music a forró, passando pela new age), climáticas texturas mantricas e pequenos improvisos, o Bojo vai construindo na surdina uma sólida carreira. No circuito independente e no silêncio da grande rede.

Ahonico R. Smith

Para quem gosta de:
[illegible]

★★★½

Cypress Hill
Live At The Fillmore
Columbia/Sony
Maconheiros não viajam
Pelo menos, não ao vivo

Se você não possui nenhum disco do Cypress Hill, adquira esta belezinha aqui e não se preocupe com mais nada. Primeiro, porque *Live At The Fillmore* tem todos os sucessos que consagraram o trio de Los Angeles. Dos clássicos enfumaçados "Insane In The Brain" e "I Wanna Get High" aos relatos sobre a violência de "Hand On The Pump" e "Looking Trough The Eye Of A Pig". Segundo, porque o Cypress Hill pertence à categoria de grupo que funciona muito melhor no palco do que nos discos, apesar de seu primeiro álbum e *Black Sunday* serem discoteca básica. O blablabla indolente do DJ Muggs e dos rappers Sen Dog e B Real é encorpado por uma banda humana, na qual se destaca o percussionista Eric Bobo. A performance do Cypress Hill tem muito mais atitude do que uma apresentação à base de adamba. Basta conferir as chamadas na chincha que B Real dá na platéia e os hardcores "Cock The Hammer" e "Checkmate". Uma boa pedida para converter os admiradores de Tihuana e outros artistas "de atitude" do esqualido rock nacional.

Sergio Martins

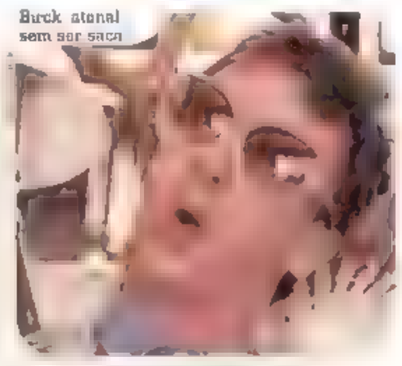
Rumo a seguir

★★★★★

Frank Jorge
Carteira Nacional
De Apaixonado
Bardallusha

★★★★☆

Marcelo Birck
Marcelo Birck
Grenat Records

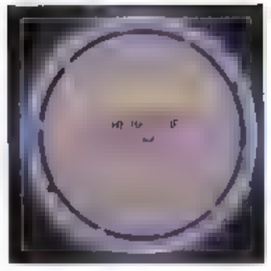


Birck atonal sem ser saca

Nos jornais de Porto Alegre, a foto de Frank Jorge e Marcelo Birck juntos anuncia um show. Os bons tempos da Gaiteira Xilarmônica voltaram? Não. É algo melhor ainda, seus sócios-fundadores estão soltando álbuns solo na praça. Marcelo Birck ataca com um alucinado mix de atonalismo, free jazz, Jovem Guarda e chinelagens afins. Som inteligente, que desmonta-reinventa o pop nacional, com citações que vão de Erasmo e Roberto até Reginaldo Rossi, passando por Monkees, Jimi Hendrix e The Shaggs. Em meio à zoeira sonora, ganchudos riffs disparados de *Revolver* (dos Beatles) e de velhos vinis de Renato E Seus Blue Caps destacam "Sai Que Vou Chorar", "O Meu Cigarro", "Biquinis Em Versos" e "Surf Atonal" – esta uma espécie de editorial do álbum. Diz a letra: "Não queira me dizer que estou fora de tom/ Escandalizem-se os quadrados/ Para mim tá muito bom..." Frank Jorge, com *Carteira Nacional De Apaixonado*, reafirma a fama de ser o melhor compositor do rock brasileiro atual. "Cabelos Cor De Jambo" é um sucesso que daria inveja ao rei dos compactos Pete Townshend (The Who) ou ao hitmaker Getulio Côrtes. Em canções como "Sensores Unilaterais", "O Prendedor" e "Homem De Neanderthal", ele resgata a tradição de autores que falam direto à alma jovem, hoje entregue ao sentimentalismo barato de breganejos e pagodeiros. E com uma vantagem: incorpora 30 anos de informação musical, começando onde Roberto Carlos parou, agregando pitadas sessentistas de Zombies, Beach Boys e, acredite, música cubana – grande sacada da conexão perdida que já produziu belas orquestras por aqui e fez do Rei ídolo na terra de Fidel. Uma referência que ele insiste em afirmar com ironia na faixa de abertura "Serei Mais Feliz": "Vou largar a Jovem Guarda e serei mais feliz/Vou largar a Jovem Guarda por todo o país." Birck e Jorge entregaram duas boas bussolas sonoras ao desmemoriado rock da terrinha. São mesmo dois caras barra-limpas e que têm o que dizer. Falta o Brasil ouvir.

Fernando Rosa

★★★★☆



Silverchair
The Best Of... Volume 1
Sony
Gravadora tenta faturar os últimos cobres com os guris

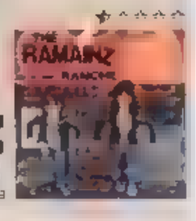
"Mas não é meio cedo pra uma coletânea do Silverchair?", dirá qualquer pessoa de bom senso. Claro que sim. O trio australiano só tem três discos gravados, *Frogstomp*, *Freakshow* e *Neon Ballroom*, e mal começou a sair da sombra do grunge que marcou seu início de carreira... Só que os meninos (hoje já com 23 anos, quase na terceira idade) Daniel, Ben e Chris resolveram mudar de gravadora para o próximo disco, que será lançado neste ano. A velha história: o contrato acabou, eles deram aos patrões muito mais lucro do que o esperado e não foram recebidos de braços tão abertos quando quiseram conversar. Então, a companhia espertalhona resolveu juntar sucessos e lados B e lançar esta coleção. O primeiro disco é o dos hits, boas canções como "Freak", "Israel's Son", "Ana's Song (Open Fire)" e "Miss You Love". É interessante observar como, mesmo em um período tão curto, a banda deixou de ser xerox do Pearl Jam e foi adquirindo personalidade, principalmente nas canções de *Neon Ballroom*. O segundo CD é o de versões diferentes, como "Ana's Song" acústica e um remix eletrônico de "Freak", mais canções que só apareceram em singles, trilhas de filmes e congêneres, como "Blind", "Untitled", e "Punk Song #2". Novidade zero, qualidade dez.

Bernardo Araujo

Dee Dee só por aqui não se cria

É coisa nossa

★★★★☆



Ramainz With Dee Dee & Marky Ramone
Live In NYC
Drama

★★★★☆

Dee Dee Ramone
Greatest & Latest
Layle Records/Sam

Ai, ai. Isso vai ser difícil. No Brasil, falar mal dos Ramones é quase uma heresia. Talvez só na Argentina existam mais aficionados na banda americana do que em nosso país. Não dá para entender essa relação de amor por um grupo que é tão banal quanto os assuntos que aborda em suas letras. Em qualquer evento ou show de rock que você for – em São Paulo ou em Tocantins, haverá um garoto com uma camiseta da Legião Urbana (com a carona do Renato Russo estampada), um com uma do Iron Maiden e outro com uma dos Ramones – e alguém gritando "loca Rauuul". O que acontece com essa rapaziada? Após ouvir as picaretagens *Live In N.Y.C.* (registro ao vivo de músicas dos Ramones tocadas por Dee Dee Ramone, sua mulher Barbara e Marky Ramone) e *Greatest & Latest* (quase a mesma coisa, só que em estúdio, sem barulho falso de platéia), fiquei imaginando os motivos que fizeram o grupo que inventou o "hey ho, let's go" ser tão popular na América do Sul. Não achei nenhum. Mas descobri um monte de coisas das quais estaríamos livres se os Ramones não tivessem existido: artistas que acreditam que passar 20 anos fazendo o mesmo som é legal, público que gosta de artistas que acreditam que passar 20 anos fazendo o mesmo som é legal, bobagens como Green Day e Holly Tree, vocalistas de voz anasalada, músicos que acham que saber tocar três acordes já é o suficiente para gravar um disco, um rock nacional tão "inocente". Poderia dizer que a pobreza é algo que nosso continente tem em comum com os Ramones. Mas seria sacanagem com regiões prósperas como o Nordeste do Paraguai e o sertão do Piauí. Ao menos, eles nos ensinaram a contar até quatro em inglês.

José Flávio Júnior

★★½

Maxim
Hell's Kitchen
EMI
Convidados evitam vexame total do vocalista do Prodigy

Enquanto o novo disco do Prodigy não vem, os fãs podem se deliciar com o solo de Maxim, uma das vozes do quarteto tecnopunk. Quer dizer, nem tanto. Ao fugir do big beat que fez a fama de seu grupo, ele mostra que quer trilhar um (segure-se para não rir) caminho próprio e esse caminho não leva a lugar nenhum. *Hell's Kitchen* é cheio de conjunções adversativas, de mas, porém e entretanto. "Killing Culture" começa lembrando a banda-mãe, mas quando entra o vocal fica com cara desses raps sombrios que certos manos creem ser a salvação do estilo. A verborreia pega no tranco em "Spectral Wars", ajudada pelas rimas de Divine Styler, porém a pobreza das bandas quase estraga tudo. O ritmo segue fraco em "Soul Seller", entretanto a participação de Tina Allen no microfone salva a pátria. Até o suposto hit "Carmen Queasy", com a careconа Skin (do Skunk Anansie) cantando, padece do mesmo mal, ainda que o andamento seja mais lento. A essa altura, o ouvinte já sacou que os convidados são os responsáveis pelo parco brilho do álbum. Chega "My Web" e o cristão pensa que, finalmente, há algo aproveitável feito apenas por Maxim. Mas, ilusão, seus vocais foram mixados pelo dono do Prodigy, Liam Howlett. Fica a lição: talento não é contagioso.

Emerson Gasperin

★★★★☆

Vários
Phat Global #1
Palm Trama
Polaroides musicais ao redor do mundo para incrédulos

A idéia é boa: mostrar se é que tem gente que ainda não sabe disso, que há muita música instigante saindo de locais periféricos na cena musical do planeta, ou seja, de lugares não anglo-saxônicos. Antes que algum baiacana faça cara feia pensando em world music: é bom avisar que *Phat Global* privilegia as batidas dançantes responsáveis por revestir com modernidade os sons típicos (ou não) dos países representados. Só Manu Chao com o reggae triste de "Clandestino" foge da regra. Logo na abertura, "I R M", de Indian Ropeman, na qual cítaras convivem com samplers e seqüenciadores, fica claro que a ordem aqui é misturar: drum'n'bass com salsa em "Sidestepper", de Logozo, e com trip-hop em "Suuka Nayo", do superstar senegalês Baaba Maal (remixada pelo elegante Thievery Corporation) dub digital em "Fatigue Chic" e com bossa tecnova em "Softcore Surge", ambas de Sly & Robbie. O P18 combo montado pelo ex-tecladista do Mano Negra, Tom Darnal, comparece com "Mi Cuba", retrato fiel da eletrônica tropical a que se propõe. Mais no formato "normal" de uma canção – estrofe, refrão, essas coisas – os colombianos do Aterciopelados apresentam sua tradicional pegada pop. Embalo nessa e um abraço.

Emerson Gasparin

Prontinho para invadir

★★★★☆

Ultraman
Olelê
Rock It/RDS

Lembra-se daquelas bandas que surgiram na época em que todos os garotos queriam ser Mike Patton e todas as garotas queriam casar com ele? Lembra-se do rótulo funk metal, que englobava desde Faith No More até Rage Against The Machine, passando por Living Colour e Infectious Grooves e hoje soa mais datado do que o ragtime dos anos 30? Pois o Ultraman é um dos sobreviventes que cresceu, amadureceu e fez um disco excelente. O grupo conseguiu fazer um coquetel com Sly Stone, Jorge Ben, Tim Maia, Thaide, Slayer e Black Sabbath sem causar indigestão. Júlio Porto, o "Nago Ruivo" faz jus ao apelido e é um guitarrista de primeira. O resto não fica atrás: Pedro Porto (baixo), Zé Darcy (bateria), Malásia e Marcito (percussão) e Tonho Crocco (um vocalista com um dom raro: cantar bem) formam uma banda ahadssima e com personalidade, algo que canseram de provar nos seus nove anos de estrada. *Olelê* bota o mais chocho dos viventes para chacoalhar o esqueleto. O disco já começa bem com "Ultramanos", uma apresentação da banda à Funkadelic. "General" e "A Estrada Perdida" mostram que existe reggae além do nhaca-nhaca. "Preserve", "Olelê", "Não Me Empurra" e "Dívida" são funks que só podenam ser feitos por quem ouviu muito som do bom. "Peleia", parceria com Trovadores RS, que engloba vocalistas de várias bandas de rap, tem como base um dos clássicos da música tradicional gaúcha e é uma ode aos pampas. Para finalizar, uma releitura com distorção de "Exodus", de Bob Marley, e uma ótima versão de "Johnny", de Tim Maia, garantem o veredicto: os rapazes estão prontos para conquistar o país inteiro. Charlie Brown e sua turma que se cuidem.

Clarah Averbuck

Ultraman: balanços de todos os tipos

★★★★☆

Goldfrapp
Felt Mountain
Sum
Harmonia e eletrônica inspiradas nos filmes noir

O nome dela é Goldfrapp, Alison Goldfrapp. Inglesa, artista plástica e dona de uma poderosa voz. Ele é Gregory, Will Gregory. Também inglês, compositor multiinstrumentista e fã de trilhas de filmes clássicos. Antes de se conhecerem, enquanto ela costumava emprestar seu enigmático vocal às canções de Tricky, Orbital e Peter Gabriel, ele passava seu tempo criando temas para longas independentes. Juntos e com a ajuda de amigos e excelentes músicos como John Parish (colaborador de PJ Harvey) e Adrain Utley (baixista do Portishead), teceram *Felt Mountain*, uma delicada e espantosa estréia. Na maioria das canções, as construções harmônicas são inspiradas nos climas soturnos dos filmes noir e recheadas de toques eletrônicos. "Human" e "Utopia", duas das melhores faixas, são o perfeito amálgama de Björk e Portishead. No primeiro contato, o som etéreo criado pelos timbres cortantes do violino, do trompete e do sintetizador pode distanciar o ouvinte. Mas, aos poucos, ele será absorvido pela voz de Goldfrapp e por elementos mais quentes: o som da viola, da bateria e do baixo. É como sentir o sol em uma fria tarde de inverno.

Juliano Zappia

Para quem gosta de:
Björk, Portishead
Jay Jay Johanson

Quando éramos reis

★★★★☆

Ira!
Mudança De Comportamento
Wea

★★★½☆

Ira!
Vivendo E Nao Aprendendo
Wea

★★★☆☆

Os três relançamentos foram remasterizados pelo baterista Charles Gavin e ganharam curiosas faixas-bônus. São discos que retratam uma era incomum do rock nacional. Afinal, nos longínquos anos 80, roqueiro brasileiro tinha participação cativa em programas populares e não apelava para discos de covers ou ao vivo a fim de faturar uns trocados caramanguás. O Ira! se destacava entre todos os grupos paulistanos daquela época por ter um guitarrista decente (Edgard Scandurra) e pela peculiaridade das letras. Enquanto o Ultraje A Rigor carregava na ironia e os Titãs viajavam no ié-ié-ié e na poesia concreta, o quarteto fazia a sua versão do movimento romântico – aquele em que a sensibilidade e a emoção estão em cima da razão. Essa maneira ingênua de encarar o mundo gerou alguns tremboços literários, mas acertou no alvo em *Mudança De Comportamento*. Gravado praticamente ao vivo, o álbum tem pauleiras influenciadas por The Jam ("Longe De Tudo"), protestos antibelicistas ("Núcleo Base") e a baladona "Tolices". Mais do que isso: traz uma banda tocando com tesão, superando os vocais hesitantes de Nasi e a cozinha rítmica incipiente – confira o solo de "Sonhar Com O Quê?". O grupo aprimorou a receita em *Vivendo E Não Aprendendo*. É seu álbum mais bem-sucedido ("Flores Em Você" virou tema de novela da Globo), contem alguns hinos: "Envelheço Na Cidade", "Dias De Luta" - é um flerte com a Jovem Guarda ("Tanto Quanto Eu"). *Amigos Invisíveis*, disco em que Scandurra tocou, cantou, assobiou e chupou cana, é um dos últimos suspiros de criatividade do Ira!. A versão original de "Abraços E Bingas" ganha da releitura que o grupo fez em *Isso É Amor* de 1999. E a versão de "Our Love Was", clássico do Who, uma das fontes de inspiração da banda, seduz pela reverência. Mais do que saudosismo, esses relançamentos fazem justiça a um dos nomes mais honestos do rock brasileiro.

Sérgio Martins

★★★½☆

Tom Tom Club
The Good, The Bad And The Funky
Ryko/Trama
Cozinha do Talking Heads retoma projeto dançante

O Tom Tom Club foi concebido em 1981 como uma despretensiosa atividade paralela de Tina Weymouth e Chris Frantz durante um período de férias nas Bahamas. Passados oito anos de seu último álbum de estúdio, o casal-cozinha do Talking Heads retoma o projeto. Quinto trabalho da dupla, *The Good, The Bad...* faz questão de continuar cruzando funk com os ares musicais caribenhos. Tina e Chris prepararam um coquetel rítmico de primeira, com direito a muitos scratches (nas pegajosas "Who Fellin It" e "Happiness Cant Buy Money") ragga ("Time To Bounce", com "la la la" de fazer inveja a muito trip-hop falso), reggae ("Soul Fire" de Lee Perry e "Let There Be Love") e três faixas exclusivamente dub. O álbum pode não trazer qualquer ousadia ou novidade – até a capa remete às anteriores, repleta de desenhos, cores e elementos diretos à grafiagem nova-iorquina da turma oitentista de Keith Haring. De qualquer modo, mostra que o Tom Tom Club continua funcionando bem na falta do até hoje congelado Talking Heads.

Abonico R. Smith

★★½☆☆

Papa Roach
Infest
Universal
New metal é comprometido por repetitividade tediosa

Após sete anos de carreira, este é o segundo disco (sem contar os EPs) do quarteto californiano-chicano Papa Roach. Talvez eles até fizessem esse som antes do Limp Bizkit e dos Deftones, mas sua música tornou-se conhecida depois da dos colegas, o que torna a banda (incluída no Rock In Rio por exigência de Axl Rose) apenas mais uma a unir guitarras pesadas e vocais com pouca melodia e muita agressividade. Dentro do limitado new metal, a banda faz o estilo mais cru, até com um lado Rage Against The Machine (seja isso bom ou mau). Nada de efeitos, guitarras psicodélicas ou DJs. Algo como o Biohazard, a sinceridade é latente, mas pode ser chaaaaato... *Infest*, que tem como destaques "Last Resort" e "Revenge", está longe de ser ruim, mas é de uma repetitividade tediosa. É possível prever quando vem a virada de bateria, o acorde distorcido, o berro, tudo. Isso sem falar nos palavrões, claro. Quem é chegado ao gênero logo descobrirá um jeito de distinguir o Papa Roach dos outros grupos iguais a ele. Já quem gosta de ser surpreendido é bom nem passar perto.

Bernardo Araujo

★★★★★

Couch
Fantasy
Matador/Trama

Instrumental dos alemães emula kraut rock setentista

Para que serve a melodia? No caso do Couch, sua principal função não é atrair de cara a atenção do ouvinte. Nas nove faixas de *Fantasy*, ela nada mais é do que um mero componente de uma complexa rede de texturas. Delimitadas ora por suits teclados de Stefanie Bohm ora pelo baixo ou harmônicos de guitarra (a cargo, respectivamente, de Michael Heilrath e Jurgen Söder, os principais compositores do grupo alemão), as linhas melodicas possuem peso igual nos arranjos e coabitam com o crescendo de repetitivos e atordoantes riffs jorrados pelas cordas – a estranheza se justifica pelo fato de muitos destes fraseados serem compostos em escalas menores. Pegando carona descaradamente nas infimtas audiçoes do kraut rock setentista, o Couch promove uma viagem pungente pelo peso, densidade e dramaticidade. E sem proferir uma palavra sequer.

Abonico R. Smith

★☆☆☆☆

Geddy Lee
My Favourite Headache
Wea

Solo do baixista vai na mesma onda que o Rush

Em mais de 25 anos de carreira, o trio canadense Rush brindou seus admiradores com trabalhos de uma riqueza instrumental arrebatadora e letras cheias de referências à ficção científica. O problema é que essa fórmula é tão exata que a música da banda parece ter sido composta por robôs para ser ouvida e admirada por androides e professores de conservatorios musicais. Para quem acredita que um riff de guitarra tosco vale mais do que os fraseados de Alex Lifeson, sempre ficará a impressão de que o Rush é a banda mais chata da face da terra – depois do Primus, claro. *My Favourite Headache*, disco-solo de Geddy Lee, baixista e dono da voz de taquara rachada, não foge à regra. Acompanhado por musicos talentosos, bombardeia o ouvinte com todos os clichês de seu grupo: aquela massa sonora competente e com inesperadas mudanças de ritmos. Os fãs, comovidos, agradecem.

Sérgio Martins

D melhor do mês passado

IDÉIA FIXA

Vanguard, Finley Quaye O ex-chapado não teve medo e tascou o nome presunçoso em seu segundo disco. Vai do rock ao drum'n'bass, revitalizando o que sobrou do reggae

Eat At Whitey's, Everlast O trovador do rap ameaça voltar com o House Of Pain, mas não deixa de preparar um cardápio refinado em seu segundo solo. Hip-hop com blues pode dar samba

Saints & Sinners, All Saints Tem tanta musica boa nesse álbum Ouça "Pure Shores" e "Black Coffee", antes de criticar e tenha a certeza de que Madonna ficou para trás

Nate Mendel, baixista do Foo Fighters, elege seus favoritos

O QUE ANDA OUVINDO

***Touch*, Original Soundtrack** "No momento, tenho ouvido muito essa trilha sonora que o Dave (*Grohl*) compôs há alguns anos. É um disco música incidental que ele fez sob encomenda para esse filme e me mostrou recentemente."

***The Sophtware Slump*, Grandaddy** "Um amigo meu gostava muito do disco anterior deles (*Under The Western Freeway*), mas eu não entendia por quê. Aí, quando saiu esse, comprei e achei ótimo. Mas, nessa praia, acho o grupo Sparklehorse melhor."

***In The Mode*, Rusi Sina/Represent** "Gosto um pouquinho de drum'n'bass. É bom ficar ligado no que está acontecendo em outros gêneros musicais. Air também é um grupo que me atrai. Mas o disco que estou querendo pegar logo é o novo do Outkast, *Stankonia*."

★★★½☆

Jolly Mukherjee
Fusebox
Palm/Trama

Tramas do mago de Bollywood recebem auxílio modernoso

O que a Índia tem? Mais de um bilhão de habitantes, uma mistica que seduz o Ocidente e uma indústria cinematográfica comparada a Hollywood em numero de produções – Bollywood, em Bombaim. Jolly Mukherjee é o rei daquele pedaço. Já escreveu mais de 150 trilhas e trabalhou com Björk e Talvin Singh. Depois de engordarem com as cordas da Madras Cinematic Orchestra, as canções de *Fusebox* viajaram para Londres, onde receberam auxílio modernoso de Snare Of Bengal e The Underwolves, drum'n'bass aqui, efeitos ali, tentativas de reggae acolá. Citar músicas é bobagem. Além de os nomes serem esquisitões, o CD não é para ser curtido assim, pinçando uma ou outra faixa. Deixe rolar inteiro e bote a imaginação para fermentar.

Emerson Gasperin

★★☆☆☆

Paulo Ricardo
Paulo Ricardo
Universal

Sem intensidade, o ex-RPM segue passos do Rei Roberto

Paulo Ricardo veio do rock. Começou como crítico, doutrinando uma geração com pôsteres e biografias de clássicos do gênero. Mas foi com o RPM que o vocalista ganhou notoriedade. De lá para cá, à medida que se distancia do rock, ganha fama e perde intensidade. Seu novo disco apenas dá continuidade ao vaivém que ilustra sua (d)evolução. O resto de sofisticação que suas baladas poderiam ter dissolvem-no como apenas mais um cantor adulto romântico, tipo Enrique Iglesias e Andrea Bocelli. As colaborações com Michael Sullivan e os arranjos europop ("Eclipse Total" lembra "Careless Whispers", de George Michael) só vêm enfatizar sua consolidação pop. Para desandar bonito, basta esperar o próximo trabalho.

Alexandre Matias

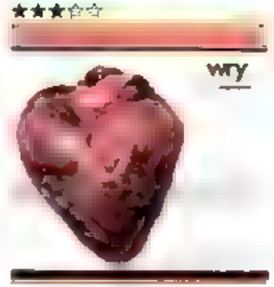
★★★★☆

Alice In Chains
Live
Sony

O peso grunge de Seattle no palco, sem retoques

A embalagem engana. Poucos discos tem uma capa tão mal feita e sem graça. Além disso, o encarte limita-se a fotos onzentas do grupo, ignorando letras e outras adições que sempre valorizam um produto. No entanto, o conteudo musical não faz feio. A banda mais metal da cena de Seattle passa uma energia incrediravel neste álbum, que engloba gravações de shows entre 1990 e 1996. Ha a impressão de realmente se ouvir as apresentações como elas foram, sem retoques em estudio. O vocalista Layne Staley, o guitarrista Jerry Cantrell, o baixista Mike Inez (ou Mike Starr, baixista original, em algumas faixas) e o baterista Sean Kinney injetam ainda mais beleza e melancolia no clima depressivo das musicas. Faltam as maravilhosas "Sea Of Sorrow" e "We Die Young", mas a seleção representa bem o estilo do Alice In Chains: musicas com andamentos lentos e moderados, enfatizadas por versos obscuros. Os destaques ficam para "Bleed The Freak", na qual Layne e Jerry dividem os vocais com primor; o megahit "Man In The Box"; "Dirt", com Sean adicionando variedade a uma levada simples e direta; e "Queen Of The Rodeo", que quebra o baixo-astral com uma mistura de country e hardcore.

Damal Oliveira



★★★☆☆

Wry
Heart-Experiance
Tamborete

Gravação quase põe a perder a pegada dos sorocabanos

Apesar das influencias facilmente reconheciveis (punk, glam, alternativo americano à Superchunk), *Heart Experience* não é um catalogo de bandas copiadas. O estilo e a personalidade que atravessam o disco estabelecem a identidade do Wry e o vocalista Mario Bross opera um pequeno milagre ao cantar parecido com o infame Brian Molko, do Placebo, e não se tornar irritante. As composições também são OK, do tipo que fazem a pessoa tocar o CD do Wry porque da vontade de ouvir "Jesus Beggar", "Her Substance", "You Know Why" ou "77-00". Some-se os fraseados de guitarra e um conceito que eu não entendi bem qual é, mas que claramente amarra todo o álbum. O cello e o violino em "Ultra-Sense" também ficaram jóia e, de quebra, há as reprises de "That's Me On The Corner" e "The New Radio Station No. 1" (deve ter a ver com o tal conceito). As lamentações ficam por conta da gravação. Por mais que as bandas brasileiras soem pesadas, sempre falta aquele som "cheio", e a bateria é meio magra – o que é uma pena, especialmente para quem tem um ótimo baterista como Renato Bizar. Nesse aspecto, *Heart Experience* também está alem da maioria, mas ainda nao chegou lá.

Fabio Bianchini

Ah, sei lá, mil coisas...

BARRACO

Veja só. Vamos começar com um disco que traz um olho na capa. Se você já deu uma espiada no Barulho desta edição sabe que não se trata de uma idéia original. Mas **Leandro Lehart** se esforçou bastante para fazer o seu *Solo* (Virgin). Ele que sempre gozou de uma reputação musical um pouco melhor que a de seus companheiros de pagode, deixou o Art Popular de lado para fazer um disco de MPB da Trama. Não é à toa que Max de Castro assina a produção. Musicas lentas, com orquestrações e toques de modernidade. No fim das contas, o álbum soa um pouco pretensioso, mas valeu a tentativa. Poderia tranquilamente ser assinado por um dos Art Stas Reunidos ● **Em *One Night Only* (Universal), todos os acertos e erros do baladeiro Elton John ficam expostos. O disco ao vivo tem desde maravilhas pop como "Goodbye Yellow Brick Road", "Rocket Man", "Crocodile Rock" e "Bennie & The Jets" a babas inclassificáveis como "Sacrifice" e "Candle In The Wind". OK, a tiete pode. E o fã do finado Ben Folds Five vai saber diferenciar o joio do trigo** ● Force a cuca e tente se lembrar de **Joan Osborne**. Não, essa é a Meredith Brooks. Errou de novo, o nome dessa é Paula Cole. Ou é Tracy Bonham? Tantas cantoras apareceram na época em que ser Alanis era legal, que fica difícil se recordar daquela garota que cantava "One Of Us". Seu novo disco, *Righteous Love* (Universal), a aproxima mais do rock blueseiro de Sheryl Crow que de qualquer outra coisa. E isso não foi uma tentativa de depreciar o trabalho de Joan! Existem bons momentos, a faixa-título é prova disso ● **Saca só a loucura: um tributo a uma editora de livros anarquista. É, existe e foi lançado no Brasil (sabe-se lá por quê). *Better Read Than Dead* (Epitaph/Sum) é uma homenagem e AK Press, que forneceu cultura em forma de letrinhas para toda uma geração de jovens americanos e britânicos. O bom é que dá para ficar conhecendo o som de bandas que continuam inéditas por aqui, como Pitchshifter, isso sim é bacana. Mas os destaques são mesmo Wayne Kramer ("Turn The Trick") e Bjorn Baby Bjorn ("Waterloo", sério!)** ● Alguém aí dá bola para o **Simply Red**? Está saindo a coletânea *It's Only Love* (Warner) que não tem "Money$ Too Tight (To Mention)" e "Something Got Me Started". Ouça "Holding Back The Years" na moita, sem ninguém ficar sabendo ● **Agora dá para ter certeza de que o Moloko não é de nada. Depois de uma performance desprovida de talento ou emoção no Free Jazz Festival de 2000, chega ao Brasil *I Am Not A Doctor* (Sum), terceiro disco da formação. Tem o clássico da house "Sing It Back" e outras 14 faixas que não fedem nem saem da moita** ● Por falar em coletânea, a dos etéreos escoceses do **Cocteau Twins** tem "Lorelei", "Pandora" "Iceblink Luck" e "Heaven Or Las Vegas" – ideais se a intenção é relaxar. Meia hora de *Stars And Topsoil A Collection (1982-1990)* (Sum) tranquiliza mais que uma sessão de shiatsu ● A última é para a turma do piercing na hemorróida. ***Que Que Vc. T-world*** (Sum) ganhou edição nacional. Abrace já o seu.

IMPORTE-

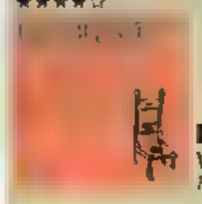
Os lançamentos gringos que a alfândega esqueceu de confiscar

★★★★☆

Beachwood Sparks
Beachwood Sparks
Sub Pop
Caubóis espirituais que nasceram na Califórnia
É um country rock psicodélico retrô com letras bucólicas. Muito confuso? Então tá: é música caipira (só que americana e um pouco fora dos padrões). Muito esparso? Talvez os caramujos, as borboletas, a Kombi e o rio iluminado pelo sol na contracapa do primeiro álbum dessa banda de Los Angeles sejam mais elucidativos. Em pouco mais de três anos de carreira, o nanico Beachwood Sparks lançou um único disco pelo selo de Seattle que inventou o grunge (Sub Pop) e conquistou um pequeno público – o que já viabilizou um giro pela Europa em 2000, com direito a participações em festivais de verão. Mas merece um caminhão de elogios pelo que conseguiu na estréia. Todas as 14 faixas da estréia do quarteto são conduzidas por uma belíssima guitarra slide. "The Calming Seas", "Desert Skies", "Sister Rose" e "Something I Don't Recognize" são algumas das que fazem valer qualquer trocado a mais gasto na obra (que não tem a menor chance de sair por aqui). Apesar do acento country, o Beachwood Sparks nasceu na Califórnia. Alabama, Tennesse ou Texas fariam mais sentido... Típico caso de caubóis espirituais.
José Flávio Júnior

Para quem gosta de:
Neil Young, Byrds
Grandaddy, Zombies

Veneno no blues



★★★★☆

R.L. Burnside
Wish I Was In Heaven Sitting Down
Fat Possum/Epitaph

Um dos últimos mocanos do Mississippi, R.L. Burnside preparou várias faixas carregadas da autenticidade do blues rural em seu novo disco. O vozeirão bíblico e a guitarra rústica abrilhantam narrativas sinistras como a da autobiográfica "R.L.'s Story". É coisa de louco, mas está longe de ser tudo. O que torna este CD imperdível mesmo são as faixas adulteradas por loops (disparados pelos produtores Iky Levy e Brad Cook), justamente aquelas que puristas como os críticos da revista inglesa *Mojo* classificam de bizarrias ou excentricidades. Na verdade, elas são uma evolução do que indicava o remix de "Rollin Thumblin" incluído em *Come On In*, disco que saiu no Brasil em 1999. Só mentes obnubiladas pelo preconceito poderam resistir ao balanço de "Too Many Ups" e "Nothin' Man", dois talking blues (blues falados) sob medida para animar qualquer tuzuê. Quem gosta de Moby não pode deixar de conhecer "Nothin' Man", cuja letra, bem-humorada, também é uma festa para os fãs de rap. A cover de "Chain Of Fools", clássico da soul music, é outra que ficou fantástica – e igualmente apimentada por efeitinhos e scratches. Aqueles que conhecem *A Ass Pocket Of Whiskey*, abrasiva colaboração de Burnside com o roqueiro Jon Spencer, podem encomendar sem medo.
Pedro Só

Para quem gosta de:
bandas de garagem, bluseiros de esquerda, scotch do bom

O tiozinho deixaria Moby corado

★★★★☆

Joe Pernice
Big Tobacco
Spunk
Country alternativo mais Teenage Fanclub dá nisso
Quem daria bola para um cara que lança seu CD por uma gravadora australiana, não estampa seu nome na capa e usou quatro alcunhas diferentes para seus últimos trabalhos? Se ele estiver metido no meio do tiroteio chamado alternative country (um dos gêneros mais enaltecidos na atual estação de ressaca do rock inglês) e se chamar Joe Pernice, vale a pena dar um desconto. Joe, que cresceu na cena musical de Boston, sempre foi um compositor de mão cheia e dono de melodias que beiram a perfeição. Com uma pegada mais contida e não tão refém do [illegible] Mercenary Boys, seu novo disco prioriza as baladonas, como "Pipe Bomb" e "Second Semester Lesbian", que devem muito à genialidade dos Beach Boys no período de ouro (*Pet Sounds* e *Sunflower*). O disquinho desfere ainda pérolas como "Prince Valium", capazes de ressonarem no seu inconsciente durante dias a fio, coisa que o Big Star, de Alex Chilton, fazia como ninguém. E se você achar que está ouvindo aquelas levadas à Teenage Fanclub em várias ranhuras do álbum, bingo! Qualquer semelhança é grata coincidência. Mas cuidado: *Big Tobacco* pode viciar e ser benéfico para seus ouvidos. Consuma sem quaisquer restrições.
Marco Bezzi

A mais pedida
nas bancas de todo o Brasil.

Peça a sua!

SÍMBOLO

OS MAIS

Se segura maconha, pra fazer a cabeça tem. hora

Fumaça no ouvido

Alguns dão a maior bandeira. Outros, fingem que não é com eles. Mas a verdade é que vários artistas já se inspiraram na maconha para criar obras "da lata"

Peter Tosh, o "Bush Doctor", não tinha papas na língua com ele, é legalize já e pronto

A viajante relação entre maconha e música data de muito tempo. Até hoje, entre os efeitos reputados à erva estão o aguçamento dos sentidos e a expansão da criatividade, coisas que nenhum artista em sã consciência – ou mesmo chapado – ousaria desprezar. Sendo assim, não é de estranhar que jazzistas como Cab Calloway ("Reefer Man") e bluesmen como Muddy Waters ("Champagne & Reefer" – nenhum tratado do assunto – "reefer" significa baseado – nas décadas de 30 e 40)

Nos anos 50 e 60, a maconha começou a ser consumida por um maior número de músicos – e boa parte da platéia. A partir dos Beatles (que a teriam apresentado à diamba por Bob Dylan, em 1964, e depois fizeram inúmeras alusões à droga em suas canções) e dos Stones (com inúmeras prisões e processos por porte da erva), até o consumo massivo praticado pela geração hippie, a cannabis se aproximou definitivamente do pop e de seus maiores representantes. Sem contar a ascensão no cenário internacional do reggae jamaicano, cuja própria ideologia rastafári cultuava a erva como algo sagrado. Ou seja, com toda essa tradição enfumaçada, além de direcionar o balanço da Jamaica, o jereré passou a influir tanto no hardcore – o ex-líder dos Dead Kennedys, Jello Biafra, lançou a canção "Grow More Pot" ("Plante Mais Maconha") para incentivar a atividade no início dos anos 90 –, como nos trabalhos dos rappers Dr. Dre e Redman, que não se cansam de fazer a moral do bagulho.

No Brasil, também houve várias bandeiras explícitas: da pseudo-ingenuidade dos Golden Boys em "Fumacê" até sambistas como Bezerra Da Silva ("Vou Apertar, Mas Não Vou Acender Agora", entre muitas outras) e Esporte Samba ("Mato Queimado"), passando por Pepeu Gomes (cantando "você pode fumar baseado..."), a MPB persistiu em abordar o tema. E nos domínios do rock, desde as incontáveis tiradas dos Mutantes, grupos como Raimundos, O Rappa e – especialmente Planet Hemp não se furtam a opinar sobre o consumo e a legalização da erva

A relação a seguir traz dez discos "dos bons", que não somente citam a maconha, mas estão totalmente ligados a ela. Não se trata de mera apologia da droga, prendendo-se mais à influência que a cannabis exerceu na produção de cada um dos artistas citados. E, se você notar a falta de Bob Marley, é porque a gente viajou

Celso Pucci

David Peel & The Lower East Side
Have A Marijuana (1968)

Peel celebrizou-se como cantador de rua em Nova York, empunhando o violão e falando muito de maconha – tanto que ficou conhecido como o "menestrel da marijuana". *Have A Marijuana*, seu primeiro disco, foi o precursor na questão da liberação do fumo. Desde o manifesto pessoal de "I Like Marijuana", passando por bandeiras como "I've Got Some Grass" e "Show Me The Way To Get Stoned", o álbum arregaça na celebração da erva

Peter Tosh
Legalize It (1976)

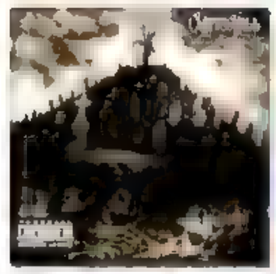
Em seu primeiro álbum solo no mercado internacional (ele já gravava na Jamaica desde os anos 60), Tosh estampou na capa uma foto sua no meio de uma plantação de maconha. A faixa título resumia a principal intenção do reggaeman: cantar a cannabis como uma planta abençoada por Jah e não apenas um mero produto nas mãos de traficantes e sujeito a repressão. A mensagem se estendia em outras canções, como "Ketchy Shuby" e "Whatcha Gonna Do"

Cheech & Chong
Greatest Hit (1981)

Eles se projetaram em Hollywood usando a marijuana em comédias (*Up In Smoke*, *Still Smokin'*) e também se arriscaram na música. A dupla participou de álbuns de Joni Mitchell e David Crosby, além de editar discos de pura exaltação à maconha (*Cheech & Chong*, *Album*, *Big Bamboo* e *Los Cochinos*). Suas melhores faixas estão reunidas nessa antologia contando histórias de consumidores contumazes da erva em "Trippin' In Court" e "Let's Make A Dope Deal"

Dr Dre
The Chronic (1992)

Dr Dre transformou bons momentos para o gangsta: as bases ultra-criativas e a erva. Um deu origem a um rotundo estilo musical, o g-funk. O outro se agiganta na arte do seu CD de estréia, que estampa uma gigantesca folha. O rapper não faz da maconha a tônica de sua obra, mas, sempre que pode, lembra dela em *2001*, seu mais recente trabalho, ele aparece na contracapa ostentando um servido do pacote de bagulho. Talvez, para acalmar essa moçada que só pensa em dar seus tiinhos...

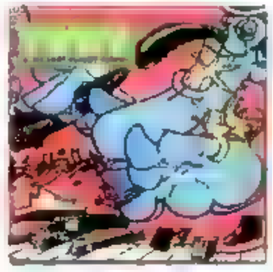


Cypress Hill
Black Sunday (1993)

Já se disse que qualquer disco do Cypress Hill contém mais referências à maconha que todos os trabalhos de Bob Marley ou Peter Tosh, tal a importância que o grupo da acordado queimado. No segundo álbum da banda, o tema foi escancarado à exaustão. A maconha é cantada em prosa e verso ao longo de *Black Sunday*, do hit "Insane In The Brain" a "I Wanna Get High" e "Hits From The Bong", passando pelo encarte, cheio de exemplos da utilidade da erva.

Planet Hemp
Usuário (1995)

A estréia do Planet Hemp é o mais radical libelo pró-legalização da maconha já lançado por um grupo brasileiro. DJ e gangue fazem a presença da boa baseada no rap, funk e hardcore, com bombas como "Nada Como Parte", "Fazendo A Cabeça", "Phunky Buddha" e "Legalize Já". Ao mesmo tempo, atacavam a repressão policial ("Porcos Fardados") e a relação com a hipocrisia ("Mantenha O Respeito"), problemas que sempre rondam o fumante alternativo



Commander Cody & His Lost Planet Airmen
Too Much Fun – The Best Of (1990)

O grupo do pianista e vocalista George Frayne tornou-se cultuado na cena psicodélica californiana com uma mescla peculiar de rock'n'roll e country e versões apimentadas de canções tradicionais, com letras mais ou menos alteradas para abordar a maconha. Esta coletânea traz faixas dos quatro primeiros álbuns da banda (gravados entre 1971 e 1974) e revela as loucuras que nortearam Frayne e seus companheiros de um planeta perdido

Varios
Marijuana's Greatest Hits (1992)

A capa, com os Freak Brothers, já entrega que estamos no território transpirante. Hits chapados ganham vida tocados por bandas semidesconhecidas, como o Storm Orphans relendo "Sweet Leaf" (Black Sabbath), ou Little Louis Groovy e Scott McCaughey & Stumpy Joe interpretando duas pérolas do rock viajante "Bass Strings" (em que Country Joe & The Fish ensinava a esconder a erva nas cordas do baixo) e "Panama Red" (sobre uma marota muito especial)

Varios
Big Blunts (1994)

Um disco que pretende desvendar a conexão entre o reggae, o dub e o dancehall com o rap, o pop e o funk, sempre com a erva como linha condutora. O rapa inicial é dado por Wayne Smith em "Under Mi Sleng Teng". Depois, o dancehall é consolidado com o mestre U-Roy em "Chalice In The Palace" ou com os discípulos Yellowman/Fathead ("Herbman Smuggling") e Ninjaman ("Legalize The Herb"), além dos Mighty Diamonds, com "Pass The Kutchie"

Varios
Hempilation (1995)

Boa reunião de bandas contemporâneas com hits maconheiros das antigas, como o Black Crowes (fazendo "Run Day Women #12 & 35", de Bob Dylan safra 1966), Blues Traveler ("Want To Take Higher", de Sly & The Family Stone, 1969) e Gov't Mule ("Don't Step In The Grass, Sam", original do Steppenwolf, de 1968). Há também temas próprios do Cypress Hill (versão ao vivo de "I Wanna Get Higher") e 311 ("Who's Got The Herb?")

MINHA COLEÇÃO

Uma vasculhada no arsenal de sons de gente famosa

Fé na eletrônica

Quando o tecno ainda era visto com (maior) desconfiança pelo circo pop, ele já previa que o estilo logo sairia do gueto. Daí para virar DJ – e viver aquilo que escrevia – foi um pulo. Veja os sons que mudaram a profissão de Camilo Rocha

"Eles não reclamam do som alto e nunca se espantam quando toco techno. Só se assustam quando ligo direto no talo. Fora isso, ficam só deitados olhando." Camilo Rocha, um dos mais conhecidos DJs de música eletrônica do Brasil e responsável pelos discos *Rave Trip 1 e 2*, fala dos três companheiros de lar na sua casa no Sumaré, zona oeste de São Paulo: o cão Boris e os gatos Matilda e Hooligan. Deve ser a convivência.

Afinal, a preferência de Camilo por música dançante e/ou eletrônica é mais velha que qualquer um dos animais: "O primeiro disco que comprei foi em 1979. Era uma coletânea de discothèque da (*extinta boate*) Hippopotamus. Tinha Hot Chocolate, Diana Ross, BT Express... O resto nem me lembro. Mas comecei a comprar discos a sério mesmo em 1985, com o *Hatful Of Hollow*, dos Smiths, e o *War*, do U2", recorda. A diferença entre um e outro deve-se às fases. "Com 10, 11 anos de idade, eu gostava de disco music, que era a moda na época. Não acredito nesse pessoal que diz que ouvia Kraftwerk aos 6 anos e George Clinton aos 7. Isso é conversa", diz.

Depois veio a fase rock e new wave, quando o futuro DJ começou a gostar de Police, Pretenders, Men At Work, Human League e... Rolling Stones. Com os anos 80 já na metade, foi a vez do rock inglês e das bandas como Smiths, Cure e Echo And The Bunnymen. A alternância de gostos é parcialmente responsável também por muitos desses títulos não constarem mais do acervo, que ele avalia em mais de 2 mil vinis e pouco mais de 200 CDs. "Foi quando fiz a minha primeira limpa. Dispensei vários discos que não queria que os amigos soubessem que eu tinha. Ficava com vergonha." Empréstimos nunca retornados, mudanças e entreveros de relacionamento completaram a operação sumiço: "Certa vez, briguei com uma namorada e ela vendeu vários discos meus sem eu saber. Isso não se faz, é golpe baixo", protesta Camilo.

CHAPADO PELO HOUSE

A virada para o eletrônico veio em 1987. "Duas coisas fizeram que eu mudasse. Primeiro o New Order, que era considerado respeitável e usava a eletrônica. Isso abriu minha cabeça. E, quase ao mesmo tempo, os lugares alternativos de São Paulo começaram a tocar rap da fase Def Jam, tipo Beastie Boys e Run DMC. Comprei o *Raising Hell* e o *Licensed To Ill*. No começo, eu meio que me obrigava a escutar para expandir os horizontes, mas logo saquei que aquilo era bom de verdade." Em seguida, a coisa radicalizou, quando Camilo foi apresentado à coletânea *The House Sound Of Chicago*. "Havia lido sobre esse tipo de som nas revistas inglesas. Ouvi e chapei. A essa altura, eu já tinha amigos DJs, então conheci muita coisa boa. Veio a acid house e o techno de Detroit, aí eu fui, fui, fui e continuo indo. Um dos discos fundamentais dessa época é o single de 'Pump Up The Volume', dos M/A/R/R/S. Muito bom. E também o disco *Into The Dragon*, do Bomb The Bass, e os singles de Todd Terry, um produtor americano. Os principais eram o 'Can You Party', que ele lançou sob o nome Royal House e 'To The Batmobile Let's Go'".

Pouco depois, em 1990, Camilo assumiu a coluna de dance music de BIZZ. Ficou na redação até 1993. "As vezes, olho revistas dessa época e penso: Meu Deus, como é que eu fui elogiar essas coisas?", confessa. Prosseguiu como colaborador durante mais dois anos, até que resolveu levar a sério a profissão de DJ. "Sempre toquei, sempre me interessei, mas em dezembro de 1995 organizei uma rave em São Paulo com um amigo e, a partir daí, me profissionalizei." Hoje, ele compra mais discos para trabalhar do que para ouvir em casa. "Se sobra uma grana, é claro que compro algum disco que eu queira e não vá tocar. Do contrário, tenho de optar por aquele que vai ajudar a retornar o dinheiro. É investimento. E aí posso comprar mais discos."

O período como escriba rendeu-lhe a imagem de guerreiro da dance music contra o império do rock. "Hoje não tem mais tanto isso. Era uma coisa de marcar território. O que me incomodava e ainda me incomoda é o purismo e o conservadorismo. Nunca tive problemas com o rock. Ainda gosto de Sex Pistols, Clash, Buzzcocks, T Rex, Velvet Underground, o pessoal dos 80. Não vou muito atrás das coisas novas, até porque não tenho tempo para ouvir tudo, mas não me fecho. Se alguém vier me mostrar, ouço com atenção. Assim de cabeça, de nomes atuais, posso citar Radiohead, Primal Scream, Beck – aquelas que não se fecham no rock e na ortodoxia."

Fábio Bianchini

Entre escutar música por prazer ou apurar sua técnica, ele fica com as duas opções

Prateleira Especial

O DJ com um dos singles "exibíveis" do seu acervo

Para impressionar os amigos "O single de 'Pump Up The Volume' é bastante exibível". Também dá para tirar uma onda com o 'No Way Back' do **Adonis**. É house de Chicago de 1987. Foi com as bases dessa música que o **2 Puerto Ricans, A Blackman And A Dominican**, primeira banda de Clivillés e Cole (*C+C Music Factory*) fizeram seu primeiro hit.

Para a ilha deserta "A caixa com todos os singles do **Massive Attack**. Ainda por cima ela é comeccionada em papel térmico, que muda de cor com o toque. Lindos."

O hit renegado "Um que rolei muito e não toco mais, de jeito nenhum, é o 'Bat Rave'. Tem o tema do Batman sampleado, o pessoal sempre pede, é sucesso garantido. A música é boa, tem até no primeiro *Rave Trip* – estou bem ciente de que ajudou muito a vender o disco. Toquei-a todas as vezes que discotequei durante os últimos dois anos, não aguento mais. É uma questão de princípios. Tudo o que toco, gosto. Alguns sons, de que estou meio enjoado, deixo para lugares em que não costumo tocar com tanta frequência."

Para surpreender as visitas "Pode ser o **Instant Funk**. Comprei o vinil outro dia, no Centro. Eu só tinha em CD. É disco dos anos 70, tem vocal, metais. Pode assustar quem acha que só ouço eletrônico pesadão. Também gosto muito de **Curtis Mayfield, Marvin Gaye, Sly Stone**, eletrônico antigo tipo **Section 25, Gary Numan, Kraftwerk**, bastante rap."

Tem de ter "O single de 'Planet Rock', do **Afrika Bambaataa**, é indispensável. Outro que todo DJ deveria ter, nem que fosse só pelo título, é 'Last Night A DJ Saved My Life', do **Indeep**.

Os objetos de desejo "Um é o single de 'Atom Rock', do **Quango Quango**, que era a banda do Mike Pickering, hoje no M People. O (*ex-guitarrista dos Smiths*) Johnny Marr toca guitarra na música e eu só tenho em CD-R. Não está em nenhum álbum deles. Outro é 'Not Forgotten', primeiro single do **Leftfield**. Também não tem em nenhum álbum.

Antiguidade da pesada *From Here To Eternity*, do produtor italiano **Giorgio Moroder**, soa muito moderno até hoje. Mas só dá para tocar em ocasiões especialíssimas. Não por causa das músicas, mas o peso é incomparavelmente menor que o de um disco produzido agora. O som fica chocho se colocado ao lado de uma produção atual."

Para tocar guitarra no ar Esse crime eu nunca cometi. O máximo de mímica que faço é marcar o tempo como se estivesse batendo no chimbau. Mas o disco de rock que ainda me faz sair dançando pela casa é o *Express*, do **Love And Rockets**, que nunca foi lançado aqui. Comprei a edição argentina, com todos os nomes das músicas escritos em espanhol."

O grupo que definiu o funk de New Orleans

A potência de um James Brown, a pegada de um Sly Stone, a riqueza de um Curtis Mayfield – e sem soar como nenhum deles. Isto é The Meters, que com sua estréia forjou um balanço até hoje sem similar

Pergunte aos Red Hot Chili Peppers, A Public Enemy, LL Cool J, Ice Cube e NWA, entre vários nomes ligados ao rap. Pergunte a, hmmm, Rodrigo Audiolandro, do serelepe Mamelo Sound System. Todos fizeram a lição de casa e vão rezar da mesma forma: "Meters? Claaasse!". Enquanto houver alguém ou um sampler em busca de batidas improváveis e ritmos redondinhos, sempre existirá espaço para o grupo que definiu o funk de New Orleans a partir de 1969, com seu epônimo LP de estréia. Tem sido assim desde o começo da carreira da banda – ouvir Meters é descobrir um manancial de grooves e lamentar não ter conhecido a banda antes.

A primeira vítima a apresentar o sintoma foi o produtor e compositor Allen Toussaint, que no início dos anos 60 injetara soul no R&B local. Em 1968, ele viu Art Neville & Neville Sounds tocando no clube Ivanhoe e convidou o septeto para ser a banda de seu estúdio. Rebatizado como Meters e reduzido a um quarteto, o grupo passou a acompanhar Lee Dorsey, Betty Harris e demais artistas que gravavam pela Sansu Enterprises.

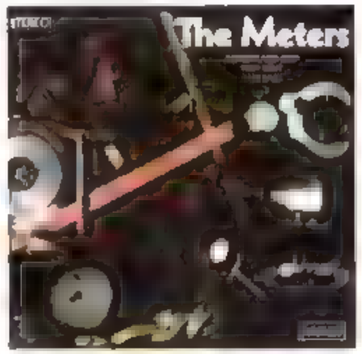
Não demorou muito para que os Meters tecnicistas seus próprios discos com suculentos instrumentais. Da influente primeira, Booker T & The MG's, eles desembocaram em um funk com a potência de um James Brown, a pegada de um Sly Stone, a riqueza de um Curtis Mayfield. E sem soar parecido com nenhum deles. Com o Hammond B-3, Art Neville preenchia os intervalos da chacoalhante guitarra de Leo Nocentelli. Ambos eram perseguidos pelo baixo sinuoso de George Porter Jr. e pelas levadas pertinentes da bateria de Joseph "Zigaboo" Modeliste.

Contratada pela gravadora Josie, a banda chegou às lojas com o single "Sophisticated Cissy", conquistando o 69º lugar na parada. O compacto seguinte reservava emoções mais fortes. "Cissy Strut", a abertura dos shows nos tempos de Ivanhoe, vendeu 200 mil cópias em duas semanas, atingindo a 23ª posição. O hit trouxe, refinada, aquela que seria a marca registrada do balanço dos Meters. Nocentelli e Porter brincando de gato e rato com seus instrumentos, Zigaboo subvertendo a lógica e Neville encompassando o bolo.

O terceiro single, "Ease Back", exalava um ar do Caribe, um dos muitos elementos do caldeirão cultural de New Orleans. Mas um álbum cheio exigia mais. Surgiram "Here Comes The Meter Man", quase um remix de "Cissy Strut" (prática que o quarteto repetiria no terceiro disco, *Struttin'*, em 1970, nomeando a canção de "Same Old Thing" na cara dura), "Sea-horn's Farm", "Live Wire", sempre com algum acorde, alguma quebra que denunciava a presença dos Meters no ambiente. Duas covers, "Stormy" (do soft pop Classics IV) e "Sing A Simple Song" (de Sly Stone) mostravam que qualquer som, na mão dos quatro, ficaria a cara deles.

Para variar, *The Meters* mal foi um sucesso. Apesar de ter rendido à banda o prêmio de melhor grupo instrumental de R&B pela *Billboard* em 1969, nem arranhou o Top 100. Após três álbuns nessa linha, nasceu um novo Meters, em 1972, contratado pela Reprise (ligada à Warner), com vocais e funks cada vez mais musculosos. Discos como *Cabbage Alley* e *Rejuvenation* serviram a abrir a turnê dos Rolling Stones. *New Directions*, em 1977, pôs um ponto final (ou bem aventurado) carreira da banda. De vez em quando Neville arregimenta ex-integrantes e sai por aí como Funky Meters. Se você estiver em New Orleans, pode ter certeza que a pagelança musical é garantida.

Emerson Gasperin



Ano de lançamento: 1969
Produção: Allen Toussaint
Músicas: "Cissy Strut" • Here Comes The Meter Man • Cardova • Live Wire • Art • Sophisticated Cissy • Ease Back • 6V6 A • Seahorn's Farm • Ann" • Stormy • Sing A Simple Song

Seis das 12 faixas do primeiro disco dos Meters podem ser encontradas na coletânea Funky Nola, lançada em 1995 reunindo em dois CDs material da obra do grupo de New Orleans. Em 1991, o álbum de estreia do quarteto foi relançado pela gravadora alternativa Sundazed, com duas faixas bônus. "Sissy Machine" é a versão de "The Look of Love", de Burt Bacharach.

elfoco
www.elfoco.com

PELA PRIMEIRA VEZ NO BRASIL A BANDA MAIS INFLUENTE DO GRUNGE

MUDHONEY

FEVEREIRO 2001
• PORTO ALEGRE / RS
TEATRO DE ELIS
• CURITIBA / PR
MOINHO SÃO ROQUE
• BELO HORIZONTE / MG
LAPA MULTISHOW
• RIO DE JANEIRO / RJ
BALLROOM
• SÃO PAULO / SP
REVERSO

INFORMAÇÕES:

motor music

Por Fabiana Batistela
Discos independentes, demos e fanzines
envie para Caixa Postal 66157 CEP 05315-970 São Paulo SP

Pixies, amém

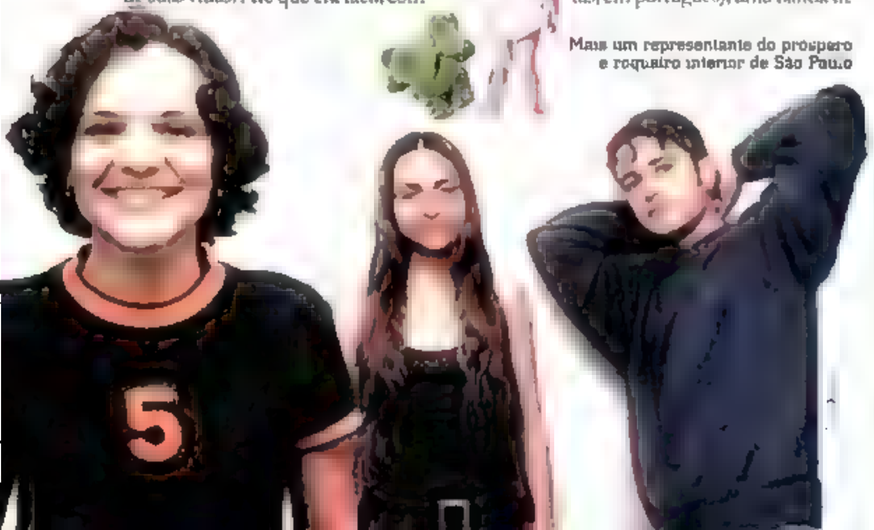
O quarteto reza nas cartilhas *Doolittle* e *Surfer Rosa*

Quase todas as bandas que cantam em inglês no Brasil pecam por dois motivos: as letras geralmente tem erros gramaticais e os vocalistas acabam, uma hora ou outra, escorregando naquela pronúncia macarrônica, típica de quem foi alfabetizado em outra língua. O **The Book Is On The Table** compõe no idioma das Spice Girls, mas não sofre desse mal. Seu vocalista, Tony Rosenberg, é australiano e chegou ao Brasil há pouco mais de sete anos por causa, acredite ou não, do show do Nirvana no Hollywood Rock em 1993. No meio de uma viagem pela América do Sul, onde pretendia conhecer vários países, menos o nosso – tinha ouvido muitas histórias de violência, como a do massacre do Carandiru –, Tony conheceu Ivan Marsiglia (baixo). E foi ali, no meio do deserto do Atacama, no Norte do Chile, que o baixista o convenceu de que a terra do samba e do futebol não era tão ruim assim, pois até uma das principais bandas do cenário na época estava com shows marcados por aqui. Ele veio, apaixonou-se pelo que viu e resolveu ficar. O grupo nasceu meses depois. Já lançaram uma demo, *Sunny Day*, com quatro músicas, e um EP, *Rare-Fi Songs*, pelo selo carioca Midsummer Madness. O álbum, *Tanned*, está prontinho, só falta alguma gravadora se interessar. "Pixies é nossa Bíblia", prega Ivan. A influência é forte, mas o som do The Book está longe de parecer cópia. O estilo do vocal, que às vezes utiliza-se de um megafone para conseguir efeitos especiais, e as quebradas nas canções dão personalidade às composições. Outras referências que os integrantes têm para sua música são Sonic Youth, Superchunk e Velvet Underground. Vale a pena conferir a versão que fizeram para "Surfista Calhorda", o clássico dos Replicantes, que em inglês virou "Fuckin' Surfin' Bastard". Já perderam até oportunidades por não cantar em português, mas, segundo Ivan, essa barreira da língua é ridícula num país tão americanizado como o nosso. "Além do mais, ficaria estranho o Tony cantando em português com sotaque", brinca ele.

Contatos: tel. (11) 3486-1388;
e-mail: **thebooks@zipmail.com.br**

Idiotas são os outros

Em 1994, ainda cursando a oitava série do primeiro grau de um colégio de São José dos Campos (interior de São Paulo), dois amigos, André e Daphne, começaram a aprender as primeiras notas musicais de suas vidas. Até que era fácil, com pessoas próximas incentivando e emprestando instrumentos. Daphne aprendia bateria com a irmã mais velha, enquanto seu irmão ensinava ao colega André os segredos de uma guitarra. Nascia, assim, os **Jerks** (idiotas, em português), uma banda de punk rock que, alguns meses depois, ao lhes Selma no baixo – responsável pelo tom mais melódico das canções e por uma segunda voz doce e suave contrastando com o vocal histérico, no estilo Frank Black, do guitarrista. *Just For You*, uma fitinha com quatro músicas em inglês que deixava claro o gosto dos integrantes por Breeders, Beatles e Lemonheads saiu em 1995. Cinco anos depois, começaram a compor também em português, dando mais personalidade ao trabalho. Tanto é que, a melhor música do álbum *Short Imaginary Friend*, lançado no final de 2000, é "Fora De Mim". "Não é para tocar na rádio. Apenas sentimos necessidade de fazer as pessoas entenderem o que a gente está falando", explica André. Apesar de todo o incentivo do começo, havia quem não acreditasse na banda. "Sempre alguém quer puxar seu tapete. O nome da banda é uma homenagem a essas pessoas", completa. **Contatos** (12) 9129-5759, site: www.jerksrock.cjb.net



Mais um representante do próspero e roqueiro interior de São Paulo

Calma potiguar

Depois da explosão do mangue beat, o Nordeste volta a ser um forte candidato a "centro das atenções" no rock. O Surto, estourado no Brasil inteiro com "A Cera", abre portas para outras bandas, como a colega **Ultrona**. Com dois anos de vida esse sexteto de Natal (RN) já trabalha duro e consegue viver só de música. São quase 300 shows no currículo e mais de 3 mil cópias do primeiro álbum, *Estamos Na Área*, vendidas em pouco mais de cinco meses. Rock pesado, pop, reggae, ska, funk... o primeiro trabalho é bem eclético, com vocais alternados entre Anderson Foca e Ana Morena. Estão gravando o segundo CD, que deve sair em agosto deste ano. "Agora estamos definindo melhor uma linha de composição. O próximo álbum deve vir mais ska-pop, no estilo de Smash Mouth e No Doubt", explica o vocalista. As letras falam de coisas amenas e agradáveis, como amor, praia e sol. "Natal é uma cidade calma, sem muita violência. Vivemos constantemente num clima de verão. Nossa música passa isso." **Contatos**: tel. 84) 642-2125; e-mail: **rmaunha@digi.com.br**

Powerpop planejado

"Se mesmo depois de ouvir você ficar tristinho, lembre-se de que o genérico do Prozac é mais barato", assim Will Prestes define sua criação, o **Wonkavision**, mais uma promessa da nova safra porto-alegrense de rock. Além de ter idealizado a coisa toda, ele ainda canta, toca guitarra e faz barulhinhos no moog. Will chegou de Los Angeles há seis meses e formou a banda há três. Após um ano e meio na terra do Tio Sam, resolveu largar tudo, o carro, um emprego, o apartamento e voltar para o Brasil atrás de duas paixões: a namorada (o single "A Garota Mais" é em sua homenagem) e, é claro, a música. Através dos amigos que havia deixado na terra natal, Will ficava sabendo de tudo que acontecia no cenário musical brasileiro e sentiu que era a hora certa de voltar, já que começavam a pipocar novos talentos em terras gaúchas, como Tom Bloch, Video Hits e Bidê Ou Balde. Chegou com a bagagem cheia de canções e vontade de tocar. "Foi como um bebê de proveta, com o DNA já programado", diz. Durante os anos que passou na Califórnia, conheceu muito bem a cena powerpop local e sua intenção é trazer o estilo para o Brasil – fãs de Weezer e Rentals vão gostar. Hoje, o Wonkavision também conta com Grazi no baixo e Kiko na bateria. **Contatos**: tel. (51) 311 7489; email: **wonkavision@terra.com.br**

Will (*de verde*) largou a vida boa nos States para fazer o seu sonzinho

Zines, selos, festivais e o escambau

UDI

Que seja bem-vindo todo espaço cedido a talentos independentes. O **IMI Radical** é mais uma oportunidade para novas bandas e artistas mostrar sua cara. A iniciativa é do canal por assinatura Multishow que estará, a partir de março, pré-selecionando três vídeos por mês e colocando-os na homepage da emissora. Lá, os internautas poderão escolher o seu favorito que irá ao ar no programa *Radical Livre* (exibido de segunda a sexta, às 18 horas) na última sexta de cada mês. Para participar é só enviar uma fita cassete com seu clipe (de no máximo 4 minutos) anexada à ficha de inscrição disponível no site www.multishow.com.br para o seguinte endereço: Rua Itapiru, 1.209, Rio Comprido, CEP 20251-032, Rio de Janeiro, RJ. ● **O Delinqüentes, de Belém (PA), já com 15 anos de estrada, finalmente está lançando *Pequenos Delitos*, seu primeiro álbum. Muito hardcore-metal do bom em 16 faixas bem produzidas, nove tiradas da última demo da banda *Planeta Dos Macacos*. Contatos: (91) 225-3409; e-mail: delinquentesahc@zipmail.com.br** ● Mais obscuro, mas nem tão pesado, o quarteto paulista **Stale Bread** estreou com *Cold Hearts*. Doze faixas cantadas em inglês, no estilo The Cure, The Church e Joy Division. Ótima opção para góticos e apreciadores do lado mais dark dos anos 80 em geral. Contatos: (11) 3719 4952, e-mail: staleb@zipmail.com.br ● **Um disco bacana que saiu pelo selo Tamborete e passou batido (menos no underground do Rio) é o primeiro da banda de porno-core Soutien Xilta. Desde 1992 na ativa, o quarteto carioca já havia lançado três demos e participado de várias coletâneas. Intitulado *Cantando Pra Subir*, o novo disco traz 17 exemplares de barulheira e letras de sacanagem explícita, além de faixas ao vivo escondidas no final, sobras de estúdio e a demo acústica, *Fora De Tomada*, de 1996, na íntegra. Segundo o vocalista Cláudio, há uma explicação séria para tanta pornografia. Na época em que eles começaram, todos estavam interessados apenas em falar de política e de problemas sociais. "E nós só tínhamos talento para falar de sexo", explica. "Pensávamos que, montando uma banda, cataríamos mais mulheres. Hoje, sabemos que precisamos também de uma plástica." Contatos: (21) 352-2792; tamborete@openlink.com.br** ● Um dos principais fanzines de cultura rock'n roll do país ganhou sua versão on-line em dezembro do ano passado. O agora e-zine **Scream & Yell** manteve suas altas doses de música, cinema, literatura e esportes, além de um time de colaboradores. Confira no endereço: www.screamyell.hpg.com.br ● **Se você ainda prefere o velho formato de papel, o fanzine Cucaracha é uma boa opção. Rock e "latinices", com textos especiais de DJs e músicos da cena underground do Rio de Janeiro. Escreva para matias@cucaracha.com.br e peça já.**

Segunda chance

Como eu faço para conseguir o segundo álbum do Second Come?

Mário Henrique – Anápolis, GO

Bem, Mário, a banda carioca Second Come agitou o cenário underground brasileiro entre 1989 e 1994. Lançou algumas demos e dois álbuns pela Rock It!, gravadora de Dado Villa-Lobos: *You* (1993) e *Superkids, Superdrugs, Supergod And Strangers* (1994). Hoje, o selo independente Midsummer Madness está produzindo coletâneas com o melhor dos trabalhos lançados pela banda. Para conseguir maiores informações, entre em contato com os responsáveis pela internet. Site: www.mmrecords.com.br

Atrás de um sobrenome

Por favor, gostaria muito de saber qualquer coisa sobre o Gomez. Ficarei ansiosa, esperando de joelhos e mãozinhas juntas...

Luciane C. Uberzut – Campo Largo, PR

Não precisa mais implorar, Luciane. Do Gomez a gente fala com gosto. O quinteto britânico é uma das bandas mais respeitadas da ilha da rainha desde 1998, quando o trabalho de estréia, *Bring It On*, foi lançado cheio de elogios da crítica e ganhou o Mercury Music Prize de melhor álbum (competindo com *Mezzanine*, do Massive Attack, e *Urban Hymns*, do Verve), além do título de revelação do ano de algumas revistas especializadas no assunto, como a *Q* e a *NME*. Desde 1996 na ativa, ainda lançaram *Liquid Skin* (1999) e *Abandoned Shopping Trolley Hotline* (2000), uma coletânea de lados B e faixas ao vivo. Nenhum dos três foi lançado no Brasil.

Bigode passado

Qual a data da morte do grande Frank Zappa?

Felipe Bicca – Passo Fundo, RS

Frank Zappa morreu de câncer (descoberto dois anos antes) no dia 4 de dezembro de 1993, faltando 16 dias para seu aniversário de 53 anos.

Efeito curto

Gostaria de saber um pouco sobre o grupo Tonic. Ele ainda existe? Quem foram esses caras? Ouvi uma música deles e gostei.

Leidiane da Silva – São Paulo, SP

O Tonic lançou seu primeiro trabalho, *Lemon Parade*, em 1996, e emplacou um hit, "If You Could Only See", na parada de sucessos de alguns países, como Estados Unidos, Canadá e Austrália. Na época, a música chegou a tocar bastante nas rádios daqui e o clipe foi exibido na MTV. A banda de pop-rock melódico começou em 1994 com Emerson Hart (vocal) e Jeff Russo (guitarra) fazendo showzinhos acústicos em cafés da cidade de Los Angeles. Depois de *Lemon Parade*, ainda lançaram um EP ao vivo, *Live & Enhanced* (1998) e outro álbum, *Sugar* (1999). Também participaram de algumas trilhas sonoras de filmes hollywoodianos, como *Pânico 2* e *American Pie*. E, sim, Leidiane, a banda ainda existe. Eles estavam excursionando pelos Estados Unidos até dezembro do ano passado – no momento, encontram-se em estúdio trabalhando em um novo disco, ainda sem previsão de lançamento.

Patéticos punk

Gostaria de saber qual a discografia dos Stooges, quando a banda foi formada, quanto tempo durou e onde posso encontrar os discos.

Elmiro Lopes da Silva – Uberlândia, MG

A banda foi formada em 1967 e durou seis anos. Durante esse tempo, lançou três álbuns que viraram clássicos da tosqueira – *The Stooges* (1969), *Fun House* (1970) e *Raw Power* (1973) – e, de quebra, revelou a fúria doentia de Iggy Pop para o mundo. Se você está tendo dificuldades para achar os discos, tente importá-los por meio de alguma loja especializada, como a Velvet CDs (tel. 11 221-8947), a Disconcert (tel. 11 3871-2544) ou a Bizarre Records (tel. 11 220-7933). Todas elas aceitam encomendas de qualquer lugar do Brasil.

Shelter: hardcore, hare krishna e mamãozinho

Erqui as mãos

Gostaria que vocês publicassem a discografia do Shelter e um pouco da história da banda.

André Carvalho – Gurupi, TO

O Shelter foi formado em 1990 pelo vocalista Ray Cappo e pelo guitarrista Porcell, ex-integrantes do Youth Of Today, banda punk dos anos 80. Cappo havia acabado de retornar da Índia, onde passou alguns anos estudando filosofia oriental, e estava louco para voltar a agitar a cena hardcore-punk nova-iorquina. Imbuído dos ideais que tinha aprendido no Oriente, resolveu juntar as duas coisas, dando origem ao grupo, que logo foi rotulado de krishnacore. O caldo da placidez indiana com a natureza rebelde e caótica do estilo musical que adotou tornou o Shelter conhecido ao redor do mundo – principalmente depois do disco *Mantra*, que continha o hit "Here We Go". A discografia do grupo é: *Perfection of Desire* (1992); *Quest For Certainty* (1995); *Attaining the Supreme* (1995); *Mantra* (1995); *Beyond Planet Earth* (1997); *When 20 Summers Pass* (2000).

A pedido do leitor Fernando Carlos Silveira - Santos , SP

FICHA Roxy Music

Importância

Estilo e glamour sempre foram características marcantes da carreira do Roxy Music. No começo dos anos 70, o grupo ajudou a construir o cenário glam-rock, deixando claro em suas composições a fascinação de seus integrantes por moda, cinema e arte pop.

Biografia

A história do Roxy Music começa na Universidade de Newcastle (Inglaterra), onde o vocalista, tecladista e líder do grupo, Bryan Ferry, estudava arte e cantava em algumas bandas. Foi em uma delas que conheceu o baixista Graham Simpson e, mais tarde, decidiu com ele encarar um projeto próprio. Andy Mackay (saxofone) foi adicionado e trouxe o tecladista Brian Eno. Vários guitarristas e bateristas passaram pela banda no início, até que Paul Thompson assumiu as baquetas e Phil Manzanera, a guitarra. Simpson deixou o grupo em 1972 sem ter participado da gravação do primeiro trabalho e o Roxy Music nunca mais teve um baixista fixo. O álbum, que levava o nome da banda, chegou ao Top 10 da parada britânica. O seguinte, *For Your Pleasure*, também foi recebido com entusiasmo na Grã-Bretanha, mas praticamente ignorado nos Estados Unidos. Em 1973, com *Stranded*, finalmente atingem o primeiro lugar no Reino Unido. Um novo integrante fez parte da gravação do álbum, Eddie Jobson, um multiinstrumentista que tentou preencher a vaga que Brian Eno deixou após o lançamento de *For Your Pleasure*. *Stranded* teve uma recepção melhor nos Estados Unidos, antecipando o estouro de *Country Life* no final de 1974. O álbum chegou ao Top 10 americano, um feito que apenas três trabalhos de artistas britânicos tinham conseguido antes. Depois da turnê de *Siren* (1975), os integrantes começaram a trabalhar em projetos paralelos. Ferry e Mackay gravaram álbuns-solo e Manzanera formou o grupo de prog-rock 801. Em 1976, a banda se separou, só tocando junto novamente após dois anos. Durante essa pausa, foi lançado o ao vivo *Viva! Roxy Music*. A volta foi marcada pela adição do tecladista Paul Carrack e o lançamento do sexto álbum de estúdio do grupo, *Manifesto*. Mais acessível que os anteriores, o trabalho confirmou a popularidade do grupo na Europa e América do Norte, emplacando "Dance Away". Seguiram-se outros sucessos: *Flesh + Blood*, feito praticamente apenas por Ferry, Manzanera e Mackay, foi o segundo álbum da banda a chegar ao topo da parada inglesa. Pouco depois, *Avalon* (1982) repetiu o feito por três semanas e virou disco de platina nos Estados Unidos.

Foto: Divulgação
Solo, Brian Ferry manteve a finesse

A turnê de *Avalon* foi a última atividade do Roxy Music. Ferry começou a se concentrar na sua carreira-solo e Manzanera formou, junto com Mackay, os Explorers em 1985.

Discografia

Roxy Music (1972); *For Your Pleasure* (1973); *Stranded* (1973); *Country Life* (1974); *Siren* (1975); *Viva! Roxy Music* (1976); *Greatest Hits* (1977-1983); *Manifesto* (1979); *Flesh + Blood* (1980); *Avalon* (1982); *The High Road* (ao vivo,1983); *The Atlantic Years 1973-1980* (1983-1986); *The Early Years* (1989); *Heart Still Beating* (ao vivo, 1990); *Roxy Music: The Thrill Of It All* (caixa com 4 CDs, 1995); *Concert Classics* (1998); *Valentine* (ao vivo, 2000); *The Early Years* (2000)

PROMOÇÃO • PROMOÇÃO • PROMOÇÃO

Descubra o mapa da mina

Era só o que faltava: buscando sempre a originalidade em nossas promoções, inventamos agora de dar toalhas do **Rumbora** aos leitores espertos. Para não perder o hábito, junto com o pano para envolver seu delicioso corpinho os escolhidos levam dois CDs: *Exército Positivo Operante*, do quarteto brasiliense, e *Som De Caráter Urbano E De Salão*, dos recifenses do **Sheik Tosado**. As 25 cartas que trouxerem as respostas mais criativas para a pergunta **Onde fica o Sul no mapa da mina?** receberão o pacote no aconchego de seus lares, sem encheção de saco. Envie sua descoberta para a Promoção **Mapa da Mina,** Rua São Carlos do Pinhal, 60, 8º andar, São Paulo, SP, CEP 01333-000. Esperamos seu envelope até 25 de fevereiro. O resultado sai em abril.

PROMOÇÃO • PROMOÇÃO • PROMOÇÃO

Fale com a gente: Rua São Carlos do Pinhal, 60, São Paulo, SP, CEP 01333-000
Atendimento ao leitor: e-mail: showbizz@simbolo.com.br

Saída pelo aeroporto

Ao ler a carta de Josemar B. Ferrari (edição 185), me certifiquei de que o Brasil ainda não tem condições de apreciar a boa música, não por falta de vontade, mas sim por falta de dinheiro. Tive sorte, pois com o salário que ganhava no Brasil dava para conseguir alguma coisa, tipo Clash, Biohazard, Faith No More. Mas, infelizmente, a maioria das pessoas não tem acesso nem à boa música feita no Brasil. As rádios poderiam ajudar. Os Los Hermanos, por exemplo, fizeram um disco maravilhoso, mas as rádios só tocam as piores. Hoje moro no Japão, onde o salário de um peão de fábrica dá para sustentar uma família sossegado. Aqui temos um dos maiores mercados fonográficos do mundo, e nas lojas é fácil encontrar Sonic Youth, Pixies, Brujeria, Helloween, Sick Of It All e outros. Pelo menos vocês e outras revistas de música divulgam e nos mostram todo tipo de música feita no mundo. Um grande abraço e obrigado!

Luciano Hosogai – Izumo, Shimane, Japão

Tateando no escuro

Foi deplorável o desempenho do rock nacional em 2000. Levei muito tempo procurando nomes em que realmente valeria a pena votar. Quando pensei nas bandas que apareceram em 2000 e que tiveram uma grande aceitação do público, veio à mente nomes como O Surto, Tihuana, Cogumelo Plutão e, mais recentemente, a Mary's Band. Acho que pelo menos uma dessas bandas foi eleita a melhor do ano. Deprimente. Fico feliz que BIZZ não tenha dado muito espaço a essas porcarias. Quero parabenizar o Ricardo Alexandre pela nota 1 ao CD do Surto. Tenho 16 anos e até agora não presenciei o nascimento de uma banda que vá marcar minha geração. Talvez o Queens Of The Stone Age...

Rodrigo dos Santos Oliveira – São Paulo, SP

Gordinho "baileza"

Cara, que show! Que show mesmo! Estou babando até agora! O Guns detonou! Que performance incrível, sem falar que a nova banda é tão boa quanto a antiga. Aquele cara da guitarra, o Buckethead, e o moreno que cantou "Sossego" e falou "baileza" são tão bons quanto Izzy e Slash! Já entraram para minha lista de melhores! Sem falar do baterista e do baixista! Tá certo que o Axl tá com uma barriguinha de cerveja, mas continua sendo um dos grandes sex symbols do mundo do rock.

Fernanda Manzo Ceretta – Santa Maria, RS

Fina ironia

José Flavio Júnior, sua crítica sobre o Limp Biskit foi perfeita. Você fez o que deveria: falou mal. Agora o Sr. Fred Durst vai continuar com aquela velha ladainha: "Nós somos a banda mais odiada do mundo!". Isso vai vender revistas? Vai! Vai vender discos? Vai! Não só para garotos menores de 14 anos, mas sim para todas as idades, cores e credos. No dia em que derem um 10 para eles a banda acaba! Então, falem muito mal dos caras.

Rodrigo Moia – Sorocaba, SP

As palavras que nos comoveram

PAPO FIRME

Tento transmitir neste momento um pouco da minha opinião sobre o Rock In Rio III, principalmente sobre o show do Carlinhos Brown. Primeiramente, adoro rock e tento respeitar ao máximo a opinião e os gostos das pessoas, mas às vezes é um pouco complicado. Colocar o Carlinhos Brown numa noite que só teria rock foi o primeiro erro. O segundo foi do próprio Carlinhos Brown, que queria que as pessoas gostassem da música dele. É como jogar gasolina em fogo. Posso dizer que ele é corajoso, pois desceu do palco, andou naquele corredor cercado por pessoas raivosas, tomou muita garrafada na cabeça e continuou com o seu discurso de paz. Sinceramente, poderiam ter colocado os Los Hermanos para tocar no palco Mundo e o Carlinhos Brown na Tenda Brasil. Essa história teria terminado bem diferente.

Jean Carlos Barreto – Vila Velha, ES

Brown: o show errado do cara errado no lugar errado

SÍMBOLO

Diretora-Presidente Joana Woo

Vice-Presidente: Roberto Melo
Superintendente de Finanças: Pedro Frazão
Diretora de Circulação e Marketing: Regina Busso
Diretora de Publicidade: Dilu Freire Hath
Diretora Jurídica: Henriqueta Pezelli

Bizz

Diretora da Divisão de Segmentadas: Léa de Castro
Diretora de Arte da Divisão: Claudia Vargas

REDAÇÃO
Editor-Chefe: Emerson Gasperin
Editor: José Flávio Júnior
Editor de Arte: Dalton Flemming
Diagramador: Roberto Morgan Lopes
Revisão: Ângela Maria Cruz
Colaboradores: Texto: Abonico R. Smith, Alexandre Matias, Bernardo Araujo, Carlos Eduardo Oliveira, Celso Pucci, Claudia Averbuck, Daniel Oliveira, Fabiana Batistela, Fabio Bianchini, Fernando Rosa, Juliano Zappia, Luís Antônio Giron, Marco Bezzi, Max Torres, Pedro Alexandre Sanches, Pedro Só, Ricardo Alexandre, Sérgio Martins, Tonanho Spessoto, Vladimir Cunha **Fotografia:** Ado Henrichs, Dircéu Maués, Eugênio Vieira, Luiz Queiroz, Marcello Vitorino, Marcus Hermes, Mauro Maia **Ilustração:** Cobiaco, Diego Medina
Correspondentes: Ricardo Woo e Amy Florence Hu (Nova York)
Produção Gráfica: Andréa Levorin
Símbolo Press: Ana Carolina Oliveira

PUBLICIDADE
Gerente de Agências: Claudia Di Carmo • **Executivos de Negócios:** Cidinha Castro, Luciana Bergamasco, Maria de Souza, Renato Marcondes e Sibele Resende • **Gerente de Diretos:** Luciana Valle • **Executivos de Negócios:** Andrea Branco, Rosangela Fernandes, Nadia Bruno, Cristiana Gallotti e Fernando Piccazzi • **Gerente de Representantes:** André Barreiros • **Representantes** • **Brasília:** ICZ - Comunicações Ltda., SRTVS - qd. 701, bl. C, s. 330, Brasília, DF, CEP 70340-907, tel. (61) 322-2044, fax (61) 314-1541 - Ulysses Cava • **Interior de SP:** F&C Representações, R. Catamarã, 1.280, cj. 106, Ribeirão Preto, SP, CEP 14050-000, tel./fax (16) 620-7702 - Fernando Campos; F&C Representações, R. Felisberto Bertazze, 226, Campinas, SP, CEP 13084-793, tel./fax (19) 3249-1661 - Luciene Dias • **Minas Gerais:** Magalhães Enock Ltda., R. Nunes Vieira, 156A, Belo Horizonte, MG, CEP 30350-120, tel. (31) 3297-9712, fax (31) 3296-2224 - Cibele Magalhães • **Paraná:** Yahn Repres. Comerciais Ltda., R. Senador Xavier da Silva, 466, cj. 808, Curitiba, PR, CEP 80530-060, tel. (41) 252-3466, fax (41) 252-0737 - Celso Yahn • **Rio de Janeiro:** Marca 21 Comunicações, R. Voluntários da Pátria, 45, cj 401/402, RJ, CEP 22270-000, tel. (21) 579-2250, fax (21) 579-2240 - Carla Torres e Marta Pimentel • **Rio Grande do Sul:** Integrada Atendimento e Mídia, Av. Getúlio Vargas, 1.594, 6º and., s. 607, Porto Alegre, RS, CEP 90150-004, tel./fax (51) 233-1515 - Andrés Iseppo; Integrada Atendimento e Mídia, R. Tupinambá, 35, s. 4, Novo Hamburgo, RS, CEP 93510-220, tel. (51) 582-4120, fax (51) 594-4089 - Claudia Kruse • **Santa Catarina:** Central de Comunicação S/C Ltda., R. Anita Garibaldi, 79, cj 701, Florianópolis, SC, CEP 88010-500, tel./fax (48) 222-4355 - Adriano Kalil

ADMINISTRAÇÃO
Gerente de Produção Gráfica: Fernanda Levorin
Gerente Administrativo: Fatima Faria

Fotolito Eletrônico: A. R. Fernandez
Impressão: Globo Cochrane, Gráfica e Editora - Vinhedo
Papel: Inpacel

SHOWBIZZ é uma publicação mensal da Símbolo Editora e Comunicação Integrada S.A. ISSN 0104-1649. Redação, administração, publicidade e correspondência: R. São Carlos do Pinhal, 60, Bela Vista, CEP 01333-000, São Paulo, SP, tel. (0xx11) 284-2275, fax (0xx11) 251-4979. Distribuída com exclusividade no Brasil pela DINAP S/A. Edições anteriores (mediante disponibilidade de estoque): solicite através de seu jornaleiro. **SHOWBIZZ** não se responsabiliza por conceitos emitidos em artigos assinados.

ANER IVC

ASSINATURAS – (0xx11) 251-1255 (Grande São Paulo), 0800-163322 (outros estados), ou pelo e-mail: assinat@simbolo.com.br
SERVIÇO DE ATENDIMENTO AO ASSINANTE – Para renovar ou tirar dúvidas sobre sua assinatura: (0xx11) 253-9134 ou pelo fax (0xx11) 251-5405

Abril

PRESIDENTE E EDITOR: Roberto Civita
GABINETE DA PRESIDÊNCIA: José Augusto Pinto Moreira, Ophir Toledo, Thomaz Souto Corrêa
PRESIDENTE EXECUTIVO: Ophir Toledo
VICE-PRESIDENTES: Geraldo Nogueira de Aguiar, Giancarlo Civita, José Wilson Armani Paschoal, Luiz Gabriel Rico, Peter Rosenwald

Pegadinha do Vedder

Fiquei sinceramente emocionado com a reportagem sobre o Pearl Jam. Ficou excelente, de bom gosto, com boas fotos e ótimas informações. No entanto, vocês cometeram uma falha terrível na reportagem, no seguinte trecho: "...existe algo que só o disco de 1998 tem: a canção com maior título da história do Pearl Jam. 'Eldery Woman Behind The Counter In A Small Town' está lá e não foi registrada em nenhum dos 25 CDs de 2000". A música está presente, sim, em 16 dos 25 álbuns lançados. O que deve ter confundido vocês é que ela veio creditada apenas como "Small Town". Ainda assim, os elogios acima valem. Apenas tomem mais cuidado antes de afirmarem coisas como "Estratégia? Certamente, e das boas." Os caras são marketeiros, sim, concordo, mas nessa eles são inocentes.

Daniel Prado – São Paulo, SP

Garota eclética

Quando abri a edição de dezembro, chapei. Reportagens sobre Iron Maiden, John Lennon, Gomez e a Blaxploitation (adoro música negra). Se a de dezembro estava 10, a de janeiro não sei nem que nota dar. Fantástica!

Vanessa A. L. – Nova Friburgo, RJ

Questão de identificação

Li a edição passada e gostaria de sugerir que vocês publicassem na próxima edição as citadas listas (página 25) dos discos preferidos dos outros jornalistas que também enviaram suas opiniões para a revista. Para nós, leitores, é muito importante saber quais são as preferências deste ou daquele jornalista, porque quando ele resenhar determinado disco e disser que o adorou ou odiou nós teremos um parâmetro para avaliar sua opinião antes de sair para comprar o disco. Por exemplo, o disco do Primal Scream saiu com ótimas resenhas, na *Playboy*, na *Sexy* e em BIZZ. Resultado: comprei o CD e achei uma porcaria. Aí, na edição 183, o José Flávio Júnior disse que o Primal Scream é "picaretagem suprema". Mesmo sendo tarde demais, ponto para ele. A partir daí, passei a dar mais valor à sua opinião, porque senti que temos gostos musicais semelhantes.

Fernando Dias – Ponte Nova, MG

Fernando: Também gostaríamos de ter publicado todas as listas. Mas, como nosso espaço era reduzido, privilegiamos os jornalistas que votaram em todas as categorias, usando os critérios da revista: apenas discos ou músicas lançados no ano 2000.

Correções

– A ilustração da capa do Discofagia de janeiro é de Cobiaco.
– O nomes certos dos irmãos Reid do Jesus And Mary Chain (matéria do Blur da edição passada) são William e Jim.

Promoção A Jamaica Fica Logo Ali

E o grande felizardo que irá passar um fim de semana no Maranhão com a Tribo De Jah é **Rinaldo Gomes Branquinho**, de Cruzeiro, SP. Eis a resposta ganhadora: "Ver as belezas de lá como são/ Tomar a marvada pinga com limão/ Tirar a menina para dançar no salão/ Um forró, um reggae e um baião/ Curtir o astral maranhense de ser/ Esperar o sol se pôr para apreciar o seu nascer/ Nunca mais quero morrer/ Eternamente na Jamaica brasileira quero viver". A comunidade rasta, comovida, agradece.

Para o pessoal que quer ter alguém com quem conversar

ENTRE LEITORES

CORRESPONDÊNCIA

Angra e Type O'Negative: Márcio Cobain – Rua André de Almeida, 2.650 – São Paulo, SP – CEP 03950-000

Beck e Nirvana: Katherine Dantas – Rua Santa Matilde, 200 – São José dos Campos, SP – CEP 12215-570

Belle & Sebastian e Weezer: Jeferson P. Leal – Rua Tico-Tico, 682/ Fundos – Arapongas, PR – CEP 88701-180

Björk: Jehsse Muhammad Ismail – Av. Governador Valadares, 1.413, ap. 102 – Unaí, MG – CEP 38610-000

Cocteau Twins e Cure: Eliane Alves – Rua Carlos Martel, 232, Vila Zilda – São Paulo, SP – CEP 02324-070

Deftones e Limp Bizkit: Wilton Almeida Oliveira – Av. Perimetral Sudoeste, 207-C, ap. 33, Cohab 2 – Carapicuíba, SP – CEP 06325-130

Engenheiros do Hawaii: Erika Rock's – Rua Friedrich Von Voith, 1.790, bloco 1, lote 3, ap. 32A, Parque Nações Unidas, CDHU – Jaraguá, SP – CEP 02995-000

Fiona Apple: Cinthia Adati – Rua Areobaldo Bandeira, 1-A – Vitória, ES – CEP 29045-045

Foo Fighters e Marilyn Manson: Deise Maria Caprara – Rua Marco Polo, 183, Ermelino Matarazzo – São Paulo, SP – CEP 03801-060

Kenny Rogers: José Carlos da Costa – Rua Romualdo Mag. Pirro, 1.020 – Franca, SP – CEP 14402-130

Legião Urbana e Pato Fu: Diana Brito – Rua Pedro Gordilho Veloso, 18 – Salvador, BA – CEP 40260-040

Manu Chao: Danielly Carneiro – Rua Tany O. Munhoz, 1.571 – Faxinal, RS – CEP 86840-000

Marina Lima: Guilherme L. – Rua Três de Maio, 148 – Belo Horizonte, MG – CEP 30642-180

Pearl Jam: Mariana Serafim Ferreira – Rua Inhaúma, 1.719 – Sete Lagoas, MG – CEP 35700-219

Radiohead: Lilian Yorke – Av. Henrique Eroles, 1.015 – Mogi das Cruzes, SP – CEP 08730-590

Red Hot Chili Peppers e Silverchair: Rachel Martins – Av. Cons. Aguiar, 2.286, ap. 201A – São Paulo, SP – CEP 51020-020 – E-mail: macabra@tantofaz.net

Travis e Placebo: Fábio Moreira – Rua Nove, 1.011 – Contagem, MG – CEP 32015-190

FÃS-CLUBES

Bidê Ou Balde: Quem é BoB? – Av. Protásio Alves, 2399/05 – PortoAlegre, RS – CEP 90410-002 – Tel./Fax: (51) 3211726 Site:www.faclubeoficialbideoubalde.hpg.com.br

Comunidade Nin-Jitsu: Nin-Jah Club – Rua Gomes Carneiro, 733 – Porto Alegre, RS – CEP 90870-310
E-mail: magninjah@bol.com.br

U2: Far Away/ So Close – Rua Quintão, 489, Cascadura – Rio de Janeiro, RJ – CEP 21381-050 – Tel. (21) 289-2279

Nada continuou do mesmo jeito depois que isto aconteceu

O dia que o Brasil perdeu a inocência

Além de fazer o primeiro megashow por aqui, Alice Cooper causou o primeiro grande tumulto na platéia. Dali em diante, o país passaria a receber astros gringos com mais freqüência

Pode parecer incrível para uma geração de roqueiros que se formou com a MTV, acabou de assistir à maratona do Rock In Rio e continua avançando via internet. Que está acostumada – ao menos nas grandes capitais – a ter à disposição shows internacionais quase semanais, discos importados que acabaram de sair do forno, fartura de publicações nacionais e gringas, informações mil por mídias ao quadrado. Mas houve um tempo em que os horizontes do rock'n'roll eram extremamente estreitos e limitados no Brasil, cada parco empreendimento no setor era tratado – e com razão – como a salvação da lavoura.

Assim eram programas de rádio e TV apresentados pelo saudoso DJ Big Boy, o *Caleidoscópio*, espaço alternativo que Jacques conduzia nas madrugadas da América AM (SP), o *Sábado Som* – comandado por Nelson Motta na Globo, que na estréia apresentou o Pink Floyd tocando "Echoes", nas ruínas de Pompéia – e revistas como a *Rolling Stone* brasileira, *Bondinho*, *Pop* e *Rock: A História E A Glória*. Raras moscas brancas sobrevoando o pântano da desinformação roqueira no início dos anos 70.

Não faltou uma mãozinha amiga para ajudar os feridos

Foto: J.H. Kelly

A situação era ainda pior em relação a shows: desde aquela época, a cada mês eram anunciadas vindas como a dos Rolling Stones (que só apareceram na década de 90) e a do já citado Floyd. Porém nada se concretizava. Quem diria que Alice Cooper – equivalente naqueles tempos ao anticristo que Marilyn Manson representa para a garotada atual – iria quebrar esse tabu?

O artista iria aportar por aqui na turnê do recém-lançado *Billion Dollar Babies* (1973) com toda a parafernália visual, que ia desde tubos gigantes de pasta de dentes e bonecas decapitadas em cena até os seus notórios malabarismos com uma cobra e a fama de bebum incorrigível. Não era bafo: no início de 1974, o circo de horrores e rock'n'roll desembarcou em São Paulo para se apresentar no enorme pavilhão de exposições do Anhembi, com som deplorável e superlotação. O resultado era previsível: tumulto na entrada, repressão policial e, pior, o pessoal da turma do "gargarejo" sendo esmagado contra as grades de proteção diante do palco em um fatídico episódio que culminou em dezenas de feridos.

Claro que tinha que ir nessa fuzarca, mas acabei presenciando um massacre. Um monte de gente prensada contra o alambrado e um corre-corre que gerou pânico em um local originalmente planejado para a farra. O próprio Cooper deu sua versão para o que aconteceu naquela noite, em uma entrevista para a *Pop*, de maio de 1974: "Vi todo mundo se esmagando e fiquei sem saber o que fazer. Parei de cantar para acalmar o pessoal. Afinal, tudo o que faço no palco não passa de encenação. O sangue é de ketchup e nunca sacrifiquei animais em cena...".

Foi trágico, mas ficou como um espetáculo marcante. Mesmo abruptamente interrompido pelos incidentes na platéia, este foi o primeiro grande show de um rockstar em território brasileiro. Antes de

"Calma, pessoal! O sangue é de ketchup..."

Alice, apenas Santana – em proporções bem menores – havia se apresentado por aqui em 1971 e 1972. Depois, começaram a vir nomes como Rick Wakeman, Genesis, Joe Cocker, mas sem provocar o mesmo frisson.

Os anos 80 trariam muito mais atrações de peso, a começar por Kiss e Queen, passando por The Police (que tocou em 1982 no Maracanãzinho, no Rio, quando ainda era pouco conhecido no Brasil) e expoentes da new wave como PiL, Siouxsie & The Banshees, Echo & The Bunnymen, The Cure, Nick Cave & The Bad Seeds. Tudo isso somado ao primeiro Rock In Rio, em 1985, que se tornaria o primeiro megaevento brasileiro do gênero, impulsionando a emergente cena local – não à toa, foi nessa onda que BIZZ chegou às bancas pela primeira vez.

Pois a primazia em todo esse processo deve ser dada à tia Alice, por inaugurar há quase 27 anos o conceito de megashow por aqui, mesmo com as conseqüências desastrosas do evento. É bom lembrar que bandas nacionais como Legião Urbana, Sepultura e Raimundos já passaram por situações semelhantes em suas apresentações, sem nenhuma culpa. Mas esse registro da passagem de Cooper por aqui é importante por dar a dimensão exata de um tempo em que, no Brasil, "rock era coisa de bandido", nas sábias palavras de Rita Lee. Que, por sinal, aproveitou a ocasião para roubar de tia Alice os canhões de luz e o técnico de som, Andy Mills, para seus shows com o Tutti Frutti.

Celso Pucci

PRIMEIRAS EXPERIÊNCIAS NO LABORATÓRIO

Três grandes discos do início da carreira do

STEREOLAB

Três tratados sobre o pop e experimentalismos sonoros

Switched On

Peng!

Space Age Batchelor Pad Music

too pure

TRAMA

www.trama.com.br

nas melhores lojas

pizzicato five

the fifth release from MATADOR

Konishi Yasuharu e Nomyia Maki, a dupla japonesa mais pop do mundo, com mais um álbum matador

MATADOR

TRAMA

Também disponíveis em CD

www.trama.com.br

Made in USA

Happy End of The World

The Remix Album:
Happy End of You

The Sound of Music
by Pizzicato Five

Playboy & Playgirl